



**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS –
CEFET/MG**

Mestrado em Educação Tecnológica

Christiane Pinheiro dos Reis Calil Avelar

**PROJETOS DE VIDA E ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DE JOVENS DOS
SETORES MÉDIOS**

Belo Horizonte (MG)

2013

Christiane Pinheiro dos Reis Calil Avelar

**PROJETOS DE VIDA E ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DE JOVENS DOS
SETORES MÉDIOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Suzana Lanna Burnier Coelho

Belo Horizonte (MG)

2013

A948p Avelar, Christiane Pinheiro dos Reis Calil
Projetos de vida e aspirações profissionais de jovens dos setores médios / Christiane Pinheiro dos Reis Calil Avelar. – 2013.
161 f.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica.

Orientadora: Suzana Lanna Burnier Coelho.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

1. Jovens – Educação – Brasil – Teses. 2. Autorrealização – Teses. 3. Interesse profissional – Teses. 4. Profissionais de nível médio – Teses. I. Coelho, Suzana Lanna Burnier. II. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. III. Título.

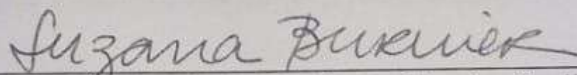
CDD 375.981

Elaboração da ficha catalográfica pela Biblioteca-Campus II / CEFET-MG

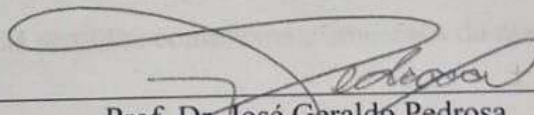
Christiane Pinheiro dos Reis Calil Avelar

Projetos de vida e aspirações profissionais de jovens dos setores médios

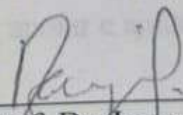
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, em 24/01/2013, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:



Prof.ª. Dr.ª. Suzana Lanna Burnier Coelho
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - orientador(a)



Prof. Dr. José Geraldo Pedrosa
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais



Prof. Dr. Juarez Tarcísio Dayrell
Universidade Federal de Minas Gerais

Ao meu Deus de Aliança,

Autor da vida, fonte de sabedoria e de paz.

“Sei que seus olhos sempre atentos permanecem em mim”.

Às minhas origens:

Minha querida mãe, Iraci Pinheiro dos Reis,
que me fez professora e aprendiz.

Ao meu querido pai, Silvio dos Reis,
de quem orgulhosamente carrego
o amor e respeito pelo conhecimento.

À minha continuidade:

Yasmin, meu presente maior, orgulho e
eternidade. Com quem reencontro e aprendo, no
cotidiano, os sentidos complexos e amorosos da maternidade.

Ao meu amor:

Gustavo Calil, sem o qual esse “projeto de vida” não teria tomado forma.
Por acreditar, apoiar e ajudar em todos os sentidos.

AGRADECIMENTOS

Neste final de jornada fica difícil nomear todos os queridos amigos que apoiaram das mais variadas formas essa empreitada... Agradeço a todos com a imensa alegria de saber que pude contar com cada um, e registro aqui minha gratidão mais especial:

A Suzana Burnier, pela sua energia, vitalidade e disposição; por compartilhar alegremente o seu conhecimento; pela competência com que me orientou nessa trajetória e por ter me dado liberdade para escolher o caminho e ter confiado e suportado as incertezas da trilha.

Ao Coordenador do Mestrado em Educação Tecnológica Prof. Dr. José Geraldo Pedrosa e à Prof^a. Dr^a. Silvani dos Santos Valentim, pareceristas do Projeto de Pesquisa, pelas valiosas contribuições.

Aos professores do Mestrado em Educação Tecnológica do CEFET/MG, pela convivência rica em aprendizados.

Às amigas e amigos, caminhanes comigo de tantas veredas, em especial Edna Vieira da Silva e Flávia Pereira Cordeiro, que me emprestaram um pouco de sua alegria e energia carinhosa.

À Direção e Coordenação dos Colégios que, ao respeitosamente permitirem minha presença em suas instituições, viabilizaram a realização da pesquisa.

Aos jovens que se dispuseram a compartilhar comigo seus sonhos, projetos, esperanças, receios e angústias, enfim, suas histórias.

RESUMO

Com a pesquisa empreendida para a presente dissertação, objetivamos compreender como os jovens dos setores médios da sociedade, estudantes do Ensino Médio de escolas privadas de Belo Horizonte, antecipam, projetam e enfrentam (ainda na escola) seu futuro profissional. Percebemos que há, entre os jovens investigados, uma tendência à valorização do prolongamento dos estudos como estratégia para enfrentar a competitividade no mercado de trabalho. Eles acreditam que através da formação acadêmica, da busca incessante pelo conhecimento conseguirão assegurar seu valor no mercado, ou seja, criarão meios para a automanutenção em um estado de empregabilidade. Os dados da pesquisa sobre os projetos de vida e aspirações profissionais foram coletados em entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas organizadas em um roteiro. A orientação teórica assumida na condução da dissertação se baseia, especificamente, nos trabalhos de Pierre Bourdieu. Assim, é levada em conta, nas análises das narrativas dos jovens investigados, a ideia de que o entendimento da realidade social, e mesmo individual, deve se dar de forma relacional, ou seja, os jovens articulam, visando o futuro, sua história pessoal e sua inserção familiar, educacional, cultural e social com as percepções que têm das expectativas familiares, das profissões, do sistema escolar e de suas oportunidades, bem como as do mercado de trabalho. Analisamos os relatos em conjunto buscando as recorrências e, em cada um dos casos, os *locus* privilegiados de formação do *habitus* desses jovens. Privilegiamos a singularidade de cada uma das narrativas, reconstituindo-se cada uma das trajetórias escolares a partir dos seguintes traços estruturantes da análise: os sentidos atribuídos pelos jovens ao trabalho; as percepções das mudanças no mercado de trabalho; a mobilização familiar e individual na constituição dos percursos escolares de excelência e as disposições escolares desses jovens. A análise dos dados empíricos da pesquisa indica que os projetos de vida e as aspirações profissionais desses jovens são produtos do desejo de se manter numa situação social de privilégio e que é na relação com a família e com a escola que se desenvolve o domínio de si e a racionalização tão desejados pela atual regulação capitalista na sua incessante busca pela eficiência.

Palavras-chave: Juventude. Projetos de vida. Aspirações Profissionais. Escola.

ABSTRACT

The goal of the research work developed in this dissertation is to understand the way middle class youngsters who study Secondary Education at private schools in Belo Horizonte, anticipate, plan and face (while still at school) their professional future. The main hypothesis is that students researched in this piece of work tend to value extending their time as students as a strategy to cope with job market competition. They believe it is through academic qualification and the constant search for knowledge that they will guarantee their value in the marketplace, that is to say, they will create means for keeping themselves in a employability *status*. Research data on life projects and professional aspirations were gathered in semi-structured interviews, with open questions organized in a script. The theoretical orientation used on the dissertation is specifically based on Pierre Bourdieu's works. Thus, the study takes into account the analysis of these young people's narratives, considering the idea that the understanding of social reality, and even individual reality, must happen in a relational way, that is to say, young people articulate their personal history and their family, educational, cultural and social inclusion with the perceptions they have of their expectations of family, professions, school system and their opportunities, as well as those of the job market. Reports were analysed together looking for recurrences and the privileged locus of habitus formation of these youngsters in every single case. The singularity of each narrative was favoured, and each school trajectory was rebuilt from the following structuring traces of the analysis: the senses youngsters attributed to work; perceptions of changes in the job market; family and individual mobilization in building school journeys of excellence and the school arrangements of these youngsters. The empirical data analysis of the research shows that life projects and professional aspirations of these youngsters are the product of the desire to keep themselves in a privileged social situation and that self-mastery and the rationalization so much wanted by the current capitalistic regulation in their unstoppable search for efficiency, take place in their relationship with their family and with the school.

Key words: Youth. Life Projects. Professional Aspirations. School.

SUMÁRIO

Introdução	8
1 Contextualização: o debate científico e os desafios contemporâneos acerca das relações entre juventude, projetos e trabalho.....	8
2 Produção acadêmica sobre o tema	13
3 Questões de pesquisa e objetivos	18
4 Procedimentos metodológicos.....	19
5 Organização do estudo	24
 Capítulo I.....	 25
1 PROJETOS DE FUTURO.....	25
1.1 Juventude e processos subjetivos na contemporaneidade	25
1.2 Os jovens da Zona Sul da capital mineira.....	35
1.2.1 Algumas observações relevantes	56
1.2.2 Projetos de futuro profissional.....	66
1.3 A escolha do curso superior: projeto claro, mas de curto prazo.....	81
 Capítulo II	 93
2 A JUVENTUDE EM SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO.....	93
2.1 Os sentidos e significados atribuídos ao trabalho por jovens dos setores médios	93
2.2 O jovem na crise do mercado de trabalho.....	108
2.3 “Eles que se segurem porque eu vou sair arrebentando”: gênero e mercado de trabalho na perspectiva das jovens entrevistadas	118
 Capítulo III.....	 123
3 POSSIBILIDADES E LIMITES DE COMUNICAÇÃO ENTRE A ESCOLA E O MUNDO DO TRABALHO.....	123
3.1 Escola para quê?	123
3.1.1 Educação garante empregabilidade?	128
3.2 A preparação escolar para o mundo do trabalho.....	134
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 140
 REFERÊNCIAS.....	 147
 APÊNDICE.....	 154

INTRODUÇÃO

1 Contextualização: o debate científico e os desafios contemporâneos acerca das relações entre juventude, projetos e trabalho

O mundo contemporâneo atravessa um período de intensas transformações que atingem e reestruturam as relações sociais e de produção, afetando, por conseguinte, a ação dos sujeitos em sociedade. Essas alterações incluem fenômenos tais quais a globalização dos mercados, o aumento da competitividade entre países ou empresas, a reestruturação produtiva, as inovações tecnológicas e/ou sócio-organizacionais, a flexibilização das relações de trabalho, dentre outras.

Essas modificações no mercado de trabalho são ainda evidenciadas pelo crescimento do setor de serviços, alargamento de segmentos pouco estruturados, trabalhadores por conta própria (sem carteira assinada), subcontratações, empregos temporários ou *part-time*, perda de qualidade nos postos de trabalho (baixa remuneração), ausência de direitos trabalhistas e previdenciários, pouca representação sindical ou política, ao mesmo tempo em que crescem as demandas por trabalhadores dotados de altas qualificações.

Esse cenário de metamorfoses do mundo do trabalho tem como consequências mais explícitas o crescimento do desemprego, da pobreza; o enfraquecimento político das relações de trabalho; a redução do papel do Estado e a ampliação do modelo neoliberal de gestão, o qual compreende privatizações, desregulamentação do mercado de trabalho e crescimento das desigualdades sociais.

Essas mudanças suscitaram, na atualidade, intenso debate acerca da centralidade do trabalho como categoria constituinte de modos de agir, sentir e pensar e de uma conduta moral socialmente reconhecida. Todavia, apesar de todas as metamorfoses pelas quais o mundo do trabalho tem passado, sustenta-se que este não deixou de constituir uma categoria importante e central para se compreender as ações humanas na sociedade contemporânea (ANTUNES, 2006; CASTEL, 1998).

Eminentemente amalgamado à construção subjetiva em nossa cultura, o mundo do trabalho aparece como um ponto de referência fundamental para os processos de subjetivação contemporâneos (ANTUNES, 2000; CASTEL, 1998). As complexas relações que se forjam no encontro (ou não-encontro) do sujeito com a atividade laboral compõem um eixo importante da dinâmica das sociedades capitalistas.

Sennett (2002) afirma que houve um impacto negativo do capitalismo flexível para a vivência pessoal e familiar dos trabalhadores. Para esse autor, a sociedade no capitalismo

flexível encontra-se fragmentada, composta agora por eventos episódicos, não lineares, nos quais a dimensão tempo aparece como tempo desconjuntado e a narrativa identitária necessita ser reescrita a cada nova mudança, econômica, social ou pessoal. As novas maneiras de organizar o tempo de trabalho impuseram, ao momento histórico atual, uma ditadura do “curto prazo”, na qual as empresas, agora estruturadas em redes, podem ser facilmente decompostas e redefinidas, fazendo com que a instabilidade ocupe todas as práticas cotidianas do novo trabalhador flexível (SENNETT, 2002).

Portanto, se por um lado a internet "ampliou" o tempo, tornando o mundo mais dinâmico, por outro gerou, consequentemente, uma nova angústia na sociedade contemporânea uma vez que prolongou o ambiente de trabalho para as esferas pessoais e íntimas do homem. O tempo coletivo foi, então, suprimido pelos afazeres e horários individuais. Os ritmos social e informacional se tornaram muito intensos e as queixas de que "não se tem tempo para nada", "não existe mais tempo livre", é uma constante. No entanto, apesar dessas queixas, todo tipo de ócio não criativo é reprimido. Quando se está desempregado é necessário não só lutar pela sobrevivência financeira, mas também encarar todo o julgamento e preconceito de uma sociedade que colocou o trabalho como um dos maiores valores da existência humana.

Essa realidade vem afetando também as juventudes. Tanto para Guimarães (2004) quanto para Corrochano (2006) o trabalho tem destaque na conformação da condição juvenil, tanto do ponto de vista objetivo, como subjetivo, indo além das questões de renda. O trabalho, considerado em sua dimensão educativa/formativa, promove o desenvolvimento de habilidades, autoconhecimento, construção da autonomia, acesso a outras formas de sociabilidade e realização pessoal, sendo apontado como um dos problemas que mais preocupam os jovens e *lócus* de elaboração de significados e de produção simbólica sobre o mundo em que vivem.

Na pesquisa realizada por Guimarães (2004)¹, o trabalho orienta as atitudes, percepções e comportamentos individuais e coletivos dos jovens entrevistados, muito embora a inserção profissional assuma, nos dias de hoje, um caráter caótico, no qual cabe ao

¹ Trata-se da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”. O levantamento fez-se entre os dias 22 de novembro e 8 de dezembro de 2003, através de amplo questionário estruturado (138 perguntas), aplicado por meio de contatos pessoais e domiciliares a uma amostra de 3.501 jovens, com idades variando entre 15 e 24 anos, distribuídos em 198 municípios, estratificados por localização geográfica (capital e interior, áreas urbanas e rurais) e em tercis de porte (pequenos, médios e grandes), contemplando 25 estados da União. Construiu-se uma amostra de tipo probabilística nos primeiros estágios (sorteio dos municípios, dos setores censitários e dos domicílios), combinada com controle de cotas de sexo e idade para a seleção dos indivíduos (estágio final). A margem de erro desse levantamento é de $\pm 1,7$ ponto percentual para os resultados referentes ao total da amostra, e de $\pm 2,9$ pontos para os resultados da subamostra metropolitana, com intervalo de confiança de 95%.

trabalhador assumir toda a responsabilidade e risco sobre sua trajetória profissional, considerada não previsível. Corrochano (2006), por sua vez, observou que o trabalho entre os jovens, além da busca de uma atividade produtiva que combine renda e possibilidade de realização pessoal, surge como possibilidade de transformação, seja de seu meio individual, seja de seu grupo comunitário.

Partindo do princípio de que a relação com o mundo do trabalho é heterogênea (CORROCHANO, 2006), buscamos por meio dessa investigação apreender a percepção de jovens estudantes dos setores médios da sociedade brasileira sobre o mundo em que vivem, sobre o mundo do trabalho e a inserção profissional no contexto das transformações socioeconômicas, políticas, culturais e de reestruturação produtiva, ocorridas nas últimas décadas. Buscamos, dessa forma, retomar o debate acerca da centralidade do trabalho na constituição dos sujeitos sociais da atualidade.

A opção por estudar os jovens dos setores médios se justifica pelas lacunas de conhecimento sobre os quais se erigiu a pesquisa cujos resultados são aqui apresentados. No levantamento bibliográfico realizado previamente, foi possível perceber que as pesquisas sobre juventude abrangem predominantemente as juventudes vulnerabilizadas socialmente, as juventudes trabalhadoras, e, mesmo quando relatam as experiências de sucesso, têm como foco as juventudes das classes populares. Essa desvalorização da dimensão profissional dos jovens dos setores médios da sociedade pelos pesquisadores sociais e pela sociedade como um todo passa uma falsa imagem de que o trabalho e esses jovens não se encontram, ou seja, como se somente o jovem pobre estivesse atrelado à dimensão produtiva da vida humana.

Nogueira (2010) também nos desperta para essa lacuna existente nas pesquisas sobre jovens quando menciona em seu artigo *Classes médias e escola: novas perspectivas de análise* que, no início dos anos 1990, escreveu com bastante prudência um artigo sobre as *Famílias de camadas médias e a escola*, porque o meio científico priorizava e ainda prioriza o estudo dos meios sociais menos favorecidos, porque o conceito de “classe média” é controverso e, ainda, porque sua composição interna é acentuadamente heterogênea. Segundo a autora, surgiram nos últimos anos obras interessadas pelos novos modos de formação das elites e pelas condutas educativas das camadas médias num contexto de acirramento da competição escolar. Contudo, isso não significa que o tema tenha perdido por completo seu caráter marginal.

Para o francês Van Zanten (2002), uma das “razões levantadas para explicar o pequeno número de estudos sobre as classes médias, encontra-se, de modo recorrente, a aversão dos sociólogos a operar uma autoanálise, tão grande é a proximidade deles com esses

estratos sociais do qual fazem parte” (ZANTEN, 2002, p. 40 apud NOGUEIRA, 2010, p. 3). Já o inglês Power (2001) mostra que os estudos sobre as classes médias são importantes porque “suas ações produzem ou contribuem para a perpetuação, a inscrição e a reinvenção de velhas e novas iniquidades sociais” (POWER, 2001, p. 5 apud NOGUEIRA, 2010, p. 3).

Tanto Velho (1981; 1998), quanto Elias (1994 b), antecidos por Mauss (1974) já mostraram, com seus trabalhos, a importância de uma observação mais profunda de grupos sociais que detêm maior capital financeiro e cultural e que, portanto, criam uma série de representações e sistemas simbólicos que são seguidos por outros grupos de estratos sociais inferiores.

Segundo Velho (1998), as camadas médias brasileiras, ainda na década de 70, eram uma área importante, porém desprezada pelas ciências sociais. Em outro trabalho (VELHO, 1981), o autor já apontara que os “grupos oprimidos” eram prestigiados como objeto de estudo, em detrimento de determinados “aspectos da vida social considerados secundários e residuais” (VELHO, 1981). Velho defende a valorização de uma antropologia que promova estudos que procurem explicar “como sistemas simbólicos operam em nossa sociedade, quais as redes de significados que permitem a comunicação entre os diferentes grupos e segmentos sociais” (VELHO, 1981), reforçando ainda que “uma das características definidoras do trabalho do antropólogo [é] procurar ‘interpretar as interpretações’, estejam em que nível estiverem” (VELHO, 1981). Ele fala, ainda, de um processo social em que os sistemas simbólicos e as representações agenciam uma negociação da realidade entre grupos distintos. Citando Elias (1994b), podemos recorrer ao processo de distinção que se dá a partir da criação de novos costumes pelas camadas dominantes. No contexto analisado pelo autor, a “nobreza” orienta o “processo civilizador” das camadas inferiores, a “plebe”, através de uma “imitação prestigiosa”, como queria a teoria de Mauss (1974), que parte do princípio de que os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que vieram a ser bem sucedidos.

Os jovens aqui estudados constituem um grupo social brasileiro privilegiado economicamente, politicamente e culturalmente. Esses jovens têm poder material e simbólico e possuem mais condições de viabilizar e reproduzir discursos e comportamentos que são socialmente legitimados como hegemônicos e normativos pela mídia. Assim, suas interpretações do mundo e as maneiras de se posicionar nele são valorizadas e reproduzidas pela mídia e por outros segmentos jovens da população.

No entanto, como nos alertam Nogueira (2010) e Velho (1999), existe uma forte heterogeneidade na composição interna da classe média, ou seja, os segmentos econômicos

estão longe de constituir grupos culturais homogêneos. Velho (1999) chama atenção para o fato de que indivíduos que são incluídos numa mesma categoria em função de critérios socioeconômicos podem apresentar fortes diferenças em termos de *ethos* e visão de mundo. Ele acredita, então, que devemos buscar na trajetória, e não apenas na posição do indivíduo, família ou grupo, a explicação ou base para seus comportamentos, preferências, aspirações. Entretanto, não devemos somente tentar extrair as consequências dessa trajetória, mas procurar percebê-la enquanto expressão de um projeto, ou seja, devemos tentar perceber o que possibilitou esta trajetória particular e não outra. Acreditamos, então, na necessidade de investigar as diferenças internas nesse grupo para se pensar as diversas formas de reprodução e legitimação dos setores médios da sociedade brasileira. Ter em conta tal diversidade favorece a proposição de políticas e ações mais adequadas a esses segmentos, por levarem em conta os projetos concretos e as dificuldades específicas de cada subgrupo envolvido, além de permitir uma compreensão mais precisa do fenômeno das juventudes.

Assim, diante das lacunas deixadas pelo conjunto de pesquisas, decidimos investigar os projetos de futuro de jovens dos setores médios concluintes do Ensino Médio na rede privada de ensino de Belo Horizonte. Considerando que os jovens, realisticamente, percebem que não existem oportunidades iguais para todos, e que as oportunidades para crescimento educacional, profissional e econômico ainda são marcadas pelas vivências educacionais e pelo contexto cultural, buscamos saber em que medida a condição socioeconômica e cultural mais favorecida contribui para a construção de significados e projetos próprios relativos ao mercado de trabalho e, se o faz, em que direção ou direções.

Analisamos ainda o lugar que a escola tem ocupado nesses projetos, tanto como possível recurso para a concretização dos mesmos, quanto como possível *lócus* de sua elaboração/reelaboração. Procuramos compreender como as tensões e intenções presentes nessa fase de transição são vivenciadas e percebidas dentro de um contexto de aumento significativo de demanda por escolaridade e formação, ao mesmo tempo em que se percebe nítida diminuição da possibilidade de absorção de mão de obra pelo mercado de trabalho. Tentamos apreender ainda o modo como cada jovem enxerga a si mesmo e à realidade onde está inserido, ou seja, as condições concretas de vida, os significados que atribuem a essas condições, bem como as subjetividades que elas produzem (os medos, os sofrimentos, as angústias etc.).

Portanto, conhecer quem faz parte dos setores médios da sociedade brasileira, identificar e compreender suas ambições, valores e projetos é imprescindível para se qualificar as ações dos movimentos em defesa de uma educação de qualidade para todos, uma

vez que os setores médios da sociedade se valem da utilização de recursos culturais e educacionais distintos das camadas sociais menos favorecidas para a manutenção ou para a renovação permanente de sua condição de privilégio. Com o objetivo de problematizar a relação entre as experiências educativas e a construção de fronteiras sociais, Presta & Ana Maria F. Almeida (2008) procuraram chamar a atenção para os processos de dominação e exploração. As autoras denunciam que

[...] os estudos desenvolvidos por antropólogos, sociólogos e cientistas sociais que focalizam os grupos desprivilegiados, embora tenham produzido um acúmulo significativo de conhecimento sobre os modos de vida desses grupos, raramente examinam os processos pelos quais tais grupos são preteridos ou totalmente excluídos das arenas de distribuição das riquezas coletivamente produzidas na nossa sociedade (PRESTA; ALMEIDA, 2008, p. 403).

Essa investigação se mostra relevante também para a Educação Profissional, pois é importante se conhecerem todas as variações da juventude brasileira e as diversas representações sobre trabalho e projeto profissional que circulam na sociedade. É necessário, ainda, entender que tipos de forças e influências impactam as juventudes e conhecer as opções que se apresentam para cada segmento de jovens e os discursos e valores acessados e assumidos por seus diferentes subgrupos.

2 Produção acadêmica sobre o tema

Com o intuito de identificar temas sobre juventude e trabalho, iniciamos um estudo exploratório a partir da leitura do Estado da Arte sobre Juventude organizado por Sposito em 2009. Esse trabalho, composto por dois volumes, buscou traçar um balanço exaustivo da produção discente da Pós-graduação em Educação no período compreendido entre os anos de 1999 e 2006. Na conclusão do volume 2, Monica Peregrino revela que, em relação à temática escola e trabalho na vida de jovens durante o Ensino Médio, o conjunto dos trabalhos priorizou pesquisas sobre as frações baixas das camadas médias bem como os grupos populares e que, portanto, ficaram ausentes dessa temática os estratos superiores e as frações mais dinâmicas das camadas médias (PEREGRINO, 2009, p. 112).

Na presente pesquisa, adotaram-se alguns critérios e procedimentos para o levantamento da literatura científica que focaliza o tema da pesquisa. Inicialmente, realizamos uma ampla pesquisa na internet por meio do endereço eletrônico www.google.com, uma das

ferramentas da internet que permite buscar informação sobre um determinado tópico e a indexação de páginas buscadas por palavras-chave. Depois iniciamos a pesquisa nos *sites* de teses e dissertações das universidades e, por último, no Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Foram encontradas entre os anos de 2006 e 2011 09 teses e 06 dissertações relacionadas ao tema em questão: jovens setores médios; educação / escolarização; trabalho/inserção profissional; projetos de vida / projetos profissionais / projetos de futuro; escolhas de carreiras universitárias. Buscamos investigar no *site* da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) pesquisas que abordavam, de alguma forma, a escolarização dos setores médios da sociedade e sua inserção no mercado de trabalho. Procurando obter trabalhos sobre o tema, iniciou-se uma busca nas 29^a, 30^a, 31^a, 32^a, 33^a, 34^a reuniões anuais, nos grupos de trabalho GT 09, Trabalho e Educação, e no GT 14, Sociologia da Educação, que, tradicionalmente, trata da temática, nos respectivos anos de 2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2011. É importante ressaltar que no GT Trabalho e Educação foi encontrado apenas 01 (um) artigo que, por discutir o alongamento da escolarização como alternativa ao desemprego, se relaciona com nossa temática, pois nossos jovens investigados parecem também se utilizar dessa estratégia na expectativa de assegurarem certa empregabilidade. No GT Sociologia da Educação encontraram-se 05 (cinco) trabalhos relativos à temática, dos quais nenhum deles tratava, exclusivamente, da escolarização dos setores médios e sua inserção no mercado de trabalho. Procedemos ao levantamento, ainda, de artigos sobre a temática, nos periódicos com classificação Qualis A1, A2, B1 e B2, onde foram encontrados 10 artigos que discutem de alguma forma temas referentes à temática em tela para a presente pesquisa. Buscando contribuições que corroboram nossa pesquisa, resgatamos deste levantamento acadêmico-científico os trabalhos que mais se aproximam de nosso objeto de estudo e que, portanto, trazem contribuições mais relevantes para nossa discussão.

Nogueira (2010) demonstrou em seu artigo que a massificação das oportunidades de escolarização, e o consequente acirramento da competição escolar, acarretaram uma intensificação, um refinamento e uma diversificação dos investimentos e das estratégias educativas das famílias dos setores médios em sua busca pelos bens e certificados escolares mais rentáveis, e mais capazes de assegurar ou elevar a posição social do grupo. Nesse sentido, essas famílias vislumbram na internacionalização dos estudos a aquisição de capitais e disposições que julgam essenciais a um futuro bem sucedido. É o que apontam a tese de Aguiar (2007) e o artigo de Nogueira e outros (2008). Esses trabalhos dialogam com nossos dados, uma vez que os intercâmbios são uma prática encontrada pelas famílias dos jovens

entrevistados para garantir um domínio mais perfeito de uma língua estrangeira e aumentar as chances desses jovens no mercado de trabalho. Cinco desses jovens já participaram de intercâmbios na Inglaterra, França, Bélgica, Canadá e Áustria, sendo que um deles esteve mais de uma vez fora do País e o que fez intercâmbio na Bélgica morou lá por um ano e estudou regularmente numa escola pública. Outros 2 jovens moraram com as famílias no exterior, um no Canadá e outro na Espanha e também experienciaram vivências escolares nos respectivos países. Portanto, a existência de períodos de residência no exterior, viagens, domínio e utilização de outros idiomas revelam ser um recurso simbólico, um componente do capital cultural e social das famílias dos setores médios.

Nossos dados parecem indicar que as transformações no mundo do trabalho não tiveram impacto significativo sobre os projetos profissionais dos jovens entrevistados, pois eles continuam buscando majoritariamente os cursos universitários de prestígio tradicionais (medicina, engenharia e direito). Essa opção por cursos universitários tradicionalmente de prestígio, os chamados cursos "clássicos", está diretamente relacionada às estratégias de distinção social das famílias dos setores médios. Essa influência familiar no momento de escolha do curso superior é percebida na fala dos jovens entrevistados quando são relatados casos em que a opção por alguma carreira desprestigiada é fortemente censurada pelos pais. Kober (2008), ao analisar as escolhas de carreira universitárias feitas por estudantes da terceira série do Ensino Médio de uma escola técnica estadual e de uma escola privada de alto padrão, ambas consideradas como instituições de ensino de qualidade, verificou que esses jovens buscam um equilíbrio entre os gostos pessoais (eles mesmos desenvolvidos principalmente no interior das relações familiares ou na escola), as oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho, as chances concretas de ingresso na carreira considerada e a realização de um projeto de vida individual, porém inserido no projeto familiar e de classe. Reforçando a afirmativa de Kober (2008) acerca da influência da família no processo de escolha da carreira universitária, Vardi (2009) amplia a discussão ao mostrar a existência, dentro da família de classe média, de uma inter-relação entre a maneira como o adulto que trabalha enfrenta os desafios impostos pelo mundo do trabalho e o processo de escolha profissional do seu filho jovem, em fase de entrada nos cursos superiores. Essa relação dos pais com a atividade laboral e a influência que eles exercem sobre os filhos no momento das escolhas profissionais e na maneira como eles representam o mundo do trabalho, foram percebidas nas narrativas de nossos entrevistados, pois mesmo que eles não saibam com certeza no que querem trabalhar, eles sabem o que não lhes agrada. Os depoimentos de duas

jovens, apresentados ao longo de nosso trabalho, corroboram com essa ideia. Elas prestarão vestibular para áreas de formação diversa da dos pais.

Em relação aos trabalhos que investigam os projetos de vida e profissionais, apenas o estudo de Valore & Viaro (2007) tem os jovens do Ensino Médio como público-alvo. Os demais trabalhos tratam dos projetos de jovens universitários ou de egressos do Ensino Superior. Os estudos de Ojala (2008) sobre os estilos e projetos de vida de jovens estudantes universitários da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Católica de Brasília (UCB) apontam que os planos de futuro profissional variam conforme a condição socioeconômica. Analisando os jovens de classe média alta da cidade do Rio de Janeiro, compreendidos na faixa etária entre 17 e 20 anos, residentes no bairro da Barra da Tijuca, Freitas (2009), em sua tese, concluiu que, em relação aos sonhos para o futuro, a maioria dos seus entrevistados menciona o desejo de formar uma família, casar e ter filhos, tanto os rapazes como as moças. Esses dados corroboram com nossos achados, pois somente uma jovem declarou não querer se casar e ter filhos. Ainda segundo Freitas (2009), alguns de seus entrevistados pensam em saúde, família unida, amigos partilhando a vida. Outros expressam o desejo de ter sucesso profissional e também uma família. Os dados apontam ainda que a preocupação com o futuro é relativa: alguns demonstraram expectativa bem positiva do futuro, pois se sentem encaminhados no campo profissional e seguros com suas escolhas, outros esperam o futuro com ansiedade e angústia. Importante também para se compreender quais sentidos do trabalho se fazem presentes na construção do projeto de vida de jovens universitários, o trabalho de Dias (2009) mostra quais são as percepções desses jovens sobre as (im)possibilidades de futuro em um mercado de trabalho e como vivenciam a transição da universidade/trabalho em um contexto competitivo e excludente na busca de oportunidades. Ainda sobre o lugar que a esfera do trabalho ocupa na elaboração dos projetos de vida para um conjunto de jovens, futuros administradores, alunos da PUC Minas, Almeida (2010) procurou documentar e analisar o modo como, atualmente, os indivíduos se confrontam subjetivamente com o trabalho remunerado, tendo por eixo as seguintes dimensões: a centralidade que conferem ao trabalho em relação às demais esferas sociais e os aspectos valorizados no trabalho, denominados de valores do trabalho.

Analisando a importância atribuída ao trabalho no processo de se tornar adulto, Monteiro (2011) investigou jovens cariocas e quebequenses recém-formados e pertencentes à classe média. A análise dos resultados demonstrou que o trabalho mantém sua função de integração social e é considerado pelos jovens como aspecto viabilizador da vida adulta e

referência identitária. O processo de moratória parece ser vivenciado de forma diferente por jovens quebequenses e jovens cariocas, uma vez que os primeiros vivenciam esse momento através de experiências de aproximação à vida adulta, enquanto os últimos acabam mais restritos à esfera familiar e escolar, como é o caso de nossos entrevistados.

Com o objetivo de discutir as maneiras pelas quais os jovens na atualidade vêm construindo trajetórias, narrativas e projetos de vida a partir das novas configurações assumidas pelo trabalho, Maia (2007) realizou uma pesquisa com jovens entre 21 e 26 anos pertencentes às classes média e média alta, moradores do Rio de Janeiro que exercem função de estagiários em uma empresa nacional privada localizada no mesmo Estado. Os principais resultados mostraram que os projetos de vida dos jovens carregam em si muitas características inerentes ao contexto contemporâneo e às maneiras como o trabalho se configura: as ideias de flexibilidade, mudança, aceleração, movimento constante, abertura ao novo, entre outras. São projetos de vida múltiplos caracterizados pela mutabilidade, nos quais uma das poucas certezas que os guia é a de que ninguém pode ficar parado. As trajetórias são marcadas pelo movimento e pela lógica do “cada um por si” havendo um enorme comprometimento consigo mesmo. Os projetos possuem caráter individual, não sendo a eles integrados interesses coletivos. De um modo geral, pode-se observar que os projetos se mostram como tentativas de adaptação ao complexo cenário atual que parece facilitar a emergência de modos de ser e estar cada vez mais individualizados. A fim de discutir o processo ascendente de precarização no mundo do trabalho, Mattos & Bianchetti (2011) partiram de dados obtidos em pesquisa, com uma amostra de 117 pós-graduandos de diferentes cursos de mestrado, oferecidos por uma universidade pública do sul do País. As autoras sustentam que o alongamento da escolarização dos jovens profissionais está diretamente associado ao estreitamento de oportunidades de trabalho. Enfatizando as formas de acesso empregadas por jovens egressos do Ensino Superior para alcançar um emprego, Silva (2010) aponta que essas estratégias estão relacionadas às redes de relações sociais.

Por último, a pesquisa de Leite (2011) busca compreender os modos de ser jovem aluno de camadas médias de uma escola privada, confessional, do Ensino Médio de Belo Horizonte, bem como seus projetos de futuro. Os resultados sugeriram que a escola ocupa um tempo privilegiado em suas vivências cotidianas, influenciando significativamente suas formas de sociabilidade. O autor constatou também que as estratégias familiares são condicionantes fundamentais no processo de escolarização desses jovens e nas elaborações dos seus projetos de futuro. Quanto aos significados atribuídos a essa fase da vida, os jovens

utilizaram, principalmente, as noções de responsabilidade e de autonomia, demonstrando maneiras diferentes de representação da condição juvenil.

Os achados dessas pesquisas serão resgatados e cotejados com os nossos ao longo do texto, em função de cada subtema analisado. A partir da revisão da literatura, evidenciou-se a necessidade de estudos que investiguem os projetos profissionais dos jovens dos setores médios, ainda no Ensino Médio. Como vimos, a maioria dos estudos que problematizam a questão do trabalho para os jovens tem como objetivo os jovens universitários. As pesquisas com jovens do Ensino Médio tiveram como foco os investimentos familiares ou alunos do Ensino Técnico.

Resta, ainda, investigar os projetos de futuro e profissionais de jovens dos setores médios, alunos do Ensino Médio, que é o que nos propomos a fazer e cujos objetivos e desenho metodológico traçamos a seguir.

3 Questões de pesquisa e objetivos

Colocamo-nos, então, as questões:

- a) Que motivações mobilizam esses jovens na realização de suas escolhas?
- b) Que sujeitos, instituições e condições interferem na realização das escolhas dos jovens?
- c) Como os jovens percebem seu futuro a partir das possibilidades que estão disponíveis a eles?
- d) Há equidade de oportunidade e de orientação entre os gêneros em relação aos projetos de futuro? As ambições profissionais são semelhantes?
- e) Qual o papel da escola e, mais especificamente, do Ensino Médio no acúmulo das condições necessárias para que as projeções de futuro, no âmbito do trabalho, envolvam, efetivamente, escolhas com algum grau de eficácia?

O objetivo geral da pesquisa foi investigar como os jovens dos setores médios da sociedade, estudantes do Ensino Médio de escolas privadas de Belo Horizonte, antecipam, projetam e enfrentam (ainda na escola) seu futuro profissional.

Para responder às questões levantadas, definiram-se os objetivos específicos de pesquisa:

1. Compreender como as tensões e intenções relativas aos projetos profissionais nesse momento de vida (Ensino Médio) são vivenciadas e percebidas pelos jovens pertencentes aos setores médios da sociedade, em um contexto que apresenta, de um lado, uma elevação das demandas por escolaridade e formação e, de outro, uma redução dos postos mais valorizados e qualificados no mercado de trabalho, em especial para os jovens.
2. Investigar as condições (recursos e relações sociais) no interior das quais se constituem os projetos de vida e as aspirações profissionais de estudantes pertencentes aos setores médios da sociedade na fase de conclusão do Ensino Médio;
3. Analisar o lugar que a escola tem ocupado nos projetos dos jovens pertencentes aos setores médios da sociedade, tanto como possível recurso para a concretização dos mesmos quanto como possível *lócus* para elaboração/reelaboração desses projetos;
4. Identificar as carreiras profissionais mais vislumbradas e as menos desejadas presentes em seu campo de possibilidades, analisando os fatores que contribuem para a valorização ou desvalorização das mesmas;
5. Explorar, através da identificação das oportunidades e orientações concedidas, e das escolhas feitas, possíveis diferenças e semelhanças das ambições e estratégias profissionais entre diferentes gêneros no interior dos setores médios da sociedade;

4 Procedimentos metodológicos

A abordagem qualitativa de pesquisa se revelou a opção mais adequada para analisar os projetos de futuro de jovens concluintes do Ensino Médio pertencentes aos setores médios da sociedade porque, segundo Minayo (1996),

A rigor qualquer investigação social deveria contemplar uma característica básica de seu objeto: o aspecto qualitativo. Isso implica considerar sujeito de estudo: gente, em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados. Implica também considerar que o objeto das ciências sociais é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação (MINAYO, 1996, p.22).

Haguette (2000) sugere que a metodologia qualitativa pode ser utilizada em três situações de pesquisa distintas: (1) situações nas quais a evidência qualitativa é utilizada para levantar dados relacionados a épocas passadas; (2) situações nas quais se buscam captar dados psicológicos reprimidos ou articulados a atitudes, motivação e construção de quadros referenciais; (3) situações nas quais se pretende desvendar o funcionamento de estruturas complexas, difíceis de serem submetidas a exames quantitativos e observação direta (HAGUETTE, 2000, p. 64).

No caso da pesquisa cujos resultados aqui são apresentados, a inscrição se deu no segundo e terceiro casos sugeridos pela autora, pois nossa investigação buscou apreender dados individuais articulados a questões culturais e sociais, ou seja, os aspectos subjetivos da individualidade humana construídos a partir de experiências individuais articuladas às percepções, aspirações, necessidades, desejos e sentimentos promovidos pela vida em sociedade. Assim, nossas perguntas buscaram apreender o universo sociocultural dos jovens entrevistados, suas territorialidades, sua cultura e sociabilidades enquanto elementos determinantes da relação destes com o mundo do trabalho.

Portanto, ao situar a investigação no plano da identificação de práticas e representações, valores e significados, ou seja, ao adentrar no campo das intersubjetividades, optamos por nos basear numa metodologia de caráter qualitativo com enfoque sócio-histórico, pois esse enfoque ajuda o pesquisador a dimensionar a relação do singular com a totalidade, do individual com o social. Adotamos, assim, uma perspectiva de totalidade que procurou levar em conta todos os recursos e relações sociais no interior das quais se constituem os projetos de vida e as aspirações profissionais dos jovens investigados.

Bourdieu (1997) nos lembra que a relação entre pesquisador e pesquisado é uma relação social e, por mais cercada de cuidados éticos e técnicos, apresenta-se necessariamente marcada pelas posições desiguais nas quais se encontram esses dois interlocutores. O pesquisador é alguém que, além de ocupar uma posição de suposto saber, é detentor de poder, pois estabelece, desde o princípio, “as regras do jogo” da pesquisa. Por tudo isso, é necessário que se empenhe em conhecer e controlar (o que não quer dizer anular) os efeitos dessa distância entre os lugares ocupados por ele e pelo pesquisado na estrutura social – o que poderia ser feito, segundo Bourdieu (1997), através de um incessante trabalho de “construção” e “compreensão”, que perpassa diferentes momentos da pesquisa. Em primeiro lugar, é preciso que o pesquisador se dedique à construção de indagações, hipóteses e recursos metodológicos que lhe sirvam de norte na investigação de determinada questão ou realidade, assim como na criação de um contexto propício (simbolicamente “não-violento” ou

opressivo) à participação dos sujeitos na situação de pesquisa. Tanto na interação com o pesquisado quanto na análise do fenômeno estudado, o pesquisador deve ser cuidadoso e vigilante ao construir suas intervenções e interpretações, utilizando “reflexivamente” os conhecimentos adquiridos na formação acadêmico-científica e na prática profissional, para evitar que ocorram “desvios de sentido”. Para isso, adverte-nos o autor, é preciso conhecer e compreender, através de uma “escuta ativa e metódica”, o lugar social que o pesquisado ocupa: “suas condições de existência, os mecanismos sociais que afetam uma dada categoria da qual ele faça parte (estudantes, operários etc.)”.

Para dialogar com os dados obtidos no empírico buscamos nos apoiar, em especial, nas contribuições teóricas de Bourdieu, em especial sua teoria sobre o capital cultural, herança e habitus, pois ela se mostra essencial para entender as expectativas e sentimentos dos estudantes. Compartilhamos ainda das ideias de Velho (1999) sobre as relações entre a sociedade e o indivíduo. Dentro dessa linha de pensamento, “a cultura deve ser compreendida de modo dinâmico, e percebida enquanto expressão e criação de indivíduos interagindo, escolhendo, optando, preferindo” (VELHO, 1999, p.106). As ideias de Elias (1994) em relação à “rede de interdependências, tecido de relações, elo na cadeia de interdependência, entrelaçamentos” surgem em nossa pesquisa para denotar a totalidade da relação entre indivíduo e sociedade.

Inicialmente, como já apresentado, foi realizado um estudo bibliográfico com base em autores que abordam o tema juventude, projetos de vida e aspirações profissionais. Em seguida, desenvolvemos uma pesquisa empírica junto a estudantes pertencentes aos setores médios da sociedade concludentes do 3º ano do Ensino Médio em três escolas da rede privada de Belo Horizonte com o objetivo de identificar e compreender os processos pelos quais esses sujeitos elaboram e reelaboram seus projetos profissionais e de vida.

Obtivemos as narrativas por meio de entrevistas individuais e semiestruturadas, também chamadas de não estruturadas. Segundo Minayo (1996),

a entrevista semiestruturada e não estruturada difere apenas em grau, porque na verdade nenhuma interação, para finalidade de pesquisa, se coloca de forma totalmente aberta. Ela parte da elaboração de um roteiro [...]. Suas qualidades consistem em enumerar de forma mais abrangente possível, as questões que o pesquisador quer abordar no campo, a partir de suas hipóteses ou pressupostos, advindos, obviamente, da definição do objeto de investigação (MINAYO, 1996, p. 121).

Em relação às entrevistas individuais, nossa intenção foi captar, de forma espontânea, as referências aos projetos de vida, aspirações profissionais e perspectivas de futuro que

emergirem em seus discursos. Porém, quando necessário, estimulamos os entrevistados, por meio de perguntas norteadoras, a manifestar seus pontos de vista acerca do tema em questão. Entretanto, prevaleceu nas entrevistas a flexibilidade que deve caracterizar o processo de recolhimento de narrativas biográficas. Segundo Minayo (1996), nossa opção por entrevistas não estruturadas se justifica porque “quando se trata de apreender sistemas de valores, de normas, de representações de determinado grupo social, ou quando se trata de compreender relações, o questionário se revela insuficiente” (MINAYO, 1996, p. 121). Assim, “a quantidade de material produzida tende a ser maior e com um grau de profundidade incomparável em relação ao questionário, porque a aproximação qualitativa permite atingir regiões inacessíveis à simples pergunta e resposta” (MINAYO, 1996, p. 122).

Os depoimentos colhidos procederam, então, de estudantes do 3º ano do Ensino Médio que frequentam três instituições privadas de ensino de Belo Horizonte, reconhecidas por sua excelência acadêmica e pelos bons índices de desempenho no Enem e aprovação no vestibular. A fim de manter o sigilo sobre a identidade dessas escolas, daremos a elas nomes fictícios, a saber: Colégio X, Colégio Y e Colégio Z.

No *ranking* do Enem 2010, essas instituições assumiram a 1ª, 2ª e 9ª posição na UF e, respectivamente, a 2º, 5º e 42º posição na classificação nacional. Como nos *sites* dos Colégios Y e Z, é possível verificar a lista dos aprovados nos vestibulares pelo Brasil, observamos que uma parte significativa dos alunos desses colégios faz opção pelos cursos de Engenharia, Direito e Medicina. As referidas instituições estão situadas nos bairros Cidade Jardim, Funcionários e Lourdes, tradicionalmente ocupados pelas elites da cidade.

Com base na abordagem qualitativa, foram realizadas 17 entrevistas semiestruturadas entre março e junho de 2012. Participaram da pesquisa 10 mulheres e 7 homens. Foi pedida licença para que a entrevista fosse gravada e nenhum entrevistado se opôs a essa prática. A média de duração das entrevistas foi de 40 minutos, sendo que a mais curta durou 29 minutos e a mais longa 1 hora e 12 minutos.

As entrevistas realizadas com 4 alunos do Colégio X aconteceram na residência de um dos entrevistados no mês de março. A intenção inicial era realizar todas as entrevistas fora do espaço escolar; no entanto, encontramos dificuldade em conseguir voluntários para participar da pesquisa. Acreditamos que essa dificuldade se deu tanto em função do pouco tempo disponível desses jovens, que este ano possuem uma carga horária de aulas bastante extensa, pela manhã, retornos à tarde e, inclusive, aulas ou provas acontecendo frequentemente aos sábados, quanto ao reduzido número de jovens com o perfil desejado em nossa rede de amizade. Apenas um dos jovens participantes pertencia a essa rede, inclusive foi o que cedeu

a casa para a realização das entrevistas com os alunos do Colégio X, seus colegas de sala. Nogueira (2002) e Romanelli (1986) destacaram em seus trabalhos as dificuldades de identificação e acesso a sujeitos de pesquisa cujas propriedades sociais são específicas, como no caso das elites econômicas ou de determinadas frações das camadas médias. Nesses trabalhos, a indicação de terceiros, ou seja, a recomendação permitiu a aproximação com os sujeitos para realização das pesquisas.

As entrevistas realizadas com os demais alunos do Colégio Y e do Colégio Z aconteceram no próprio ambiente escolar, mediante autorização prévia da direção das respectivas instituições de ensino. Os jovens entrevistados no Colégio Y foram escolhidos pela pesquisadora de forma aleatória, conforme disponibilidade de horário e disposição dos mesmos em participar. Sentimos, portanto, que houve por parte da coordenação do Colégio uma preocupação em deixar a pesquisadora em contato direto e livre com os alunos. As entrevistas aconteceram durante o horário de aula em espaços diversos, tais como: pátio escolar, sala dos professores de Educação Física e sala de aula (ambas livres no momento das entrevistas).

Já no Colégio Z, o coordenador havia previamente selecionado os alunos representantes de turma para participarem da pesquisa, alegando que eles são, naturalmente, pela posição que ocupam, mais envolvidos com as diversas atividades desenvolvidas pelo Colégio. No entanto, o coordenador nos consultou se havia um perfil específico de aluno que gostaríamos de entrevistar. A única solicitação feita pela pesquisadora era entrevistar um aluno da Turma ITA, turma de preparação exclusiva para o vestibular da referida instituição. Este dado é relevante porque, fundado no ano 2000, o Colégio Z nasceu do desejo de um grupo de engenheiros egressos do ITA de criar uma escola de excelência. Os alunos também foram indagados antes do início da entrevista se realmente desejavam participar. Portanto, tanto a escolha dos alunos quanto a participação dos mesmos não foi algo imposto. As entrevistas aconteceram durante o horário de aula na sala do coordenador das turmas do 3º ano do Ensino Médio. No primeiro dia ele se ausentou da sala por motivos profissionais, mas no segundo dia as entrevistas aconteceram diante sua presença. Ao todo foram três entrevistas realizadas nessa condição. Entretanto, não percebi na fala dos alunos nenhum tipo de inibição nas respostas. Eles não deixaram de revelar os aspectos negativos e falhas que percebem no Colégio.

Por fim, adotando a abordagem sócio-histórica, nossa análise procurou articular os dados empíricos com questões macrossociais relacionando os dados coletados com o contexto sócio-histórico mais amplo e objetivando que a pesquisa abra espaço para se conhecer as

contradições e dilemas dessa parcela da sociedade brasileira ainda pouco investigada: os jovens dos setores médios. Desejamos ainda que as conclusões ofereçam pistas e indicações que possam servir de fundamento para propostas que orientarão as políticas de juventude, entre elas as políticas educacionais e de trabalho, para que favoreçam processos mais ricos, inteligentes e eficazes de orientação, qualificação e inserção dos jovens no mercado de trabalho.

5 Organização do estudo

A apresentação deste trabalho está estruturada em três capítulos que pressupõem um movimento analítico que busca responder, como aponta Geertz (1997), ao bordejar dialético contínuo entre o menor detalhe nos locais menores e a mais global das estruturas globais, de tal forma que ambos possam ser observados simultaneamente.

No primeiro capítulo tratamos de algumas questões que consideramos de fundamental importância para a discussão aqui proposta. Primeiramente, abordamos os processos subjetivos na contemporaneidade, de modo a contextualizar o leitor a respeito do cenário em que vamos trabalhar. Em seguida, trouxemos à cena os sujeitos analisados na pesquisa: os jovens da Zona Sul da capital mineira. Procuramos apreender as suas práticas culturais e de sociabilidade. Em sequência, analisamos a constituição de projetos de vida na esfera do trabalho, do ponto de vista da ação individual em constante relação com a sociedade ou campos de possibilidades. Por meio dos relatos dos jovens foi possível perceber as interpretações que eles fazem de seus campos de possibilidades, revelados por meio dos pressupostos sociais e culturais que conduzem suas escolhas e projetos profissionais.

No segundo capítulo, investigamos os sentidos, significados e a centralidade que os jovens dos setores médios conferem ao trabalho em relação às demais esferas sociais. Buscamos apreender também os efeitos das incertezas, imprevisibilidades e precarização do mundo do trabalho nos projetos de vida desses jovens. Averiguamos, ainda, por meio dos depoimentos das jovens investigadas, se há na visão delas equidade de oportunidade e de orientação entre os gêneros em relação aos projetos de futuro.

No terceiro capítulo analisamos as inter-relações entre educação, trabalho e empregabilidade, tanto do ponto de vista formal quanto das vinculações subjetivamente percebidas pelos jovens.

Capítulo 1

1 PROJETOS DE FUTURO

1.1 Juventude e processos subjetivos na contemporaneidade

Em qualquer sociedade humana existe uma forma própria de categorizar os tempos da vida, atribuindo significados culturais a cada uma das etapas biológicas do desenvolvimento humano. Na concepção das sociedades clássicas greco-romanas, a juventude referia-se a uma idade entre os vinte e dois e os quarenta anos. Juvenil vem de *aeoum*, cujo significado etimológico é “aquele que está em plena força da idade”. A deusa grega *Juventa* era evocada nas cerimônias do dia em que os adolescentes trocavam a roupa simples pela toga, tornando-se cidadãos de pleno direito.

Em grande parte das sociedades indígenas, por exemplo, a passagem da infância para a juventude se dá através dos chamados ritos de passagem. São provas difíceis, nas quais tanto o menino quanto a menina têm de provar que podiam assumir uma nova identidade social, definindo assim a passagem para o mundo adulto. É a partir dessas provas que eles podem dizer: sou membro deste coletivo, pertenço a este grupo, sou tal pessoa. Ou seja, assumem uma determinada identidade.

A pesquisa antropológica é rica em exemplos que demonstram que as etapas biológicas da vida são elaboradas simbolicamente com rituais que definem fronteiras entre idades que são específicas de cada grupo social. Nesse sentido, ser jovem no meio rural pode ser muito diferente do que ser jovem nas grandes metrópoles, da mesma forma que ser jovem de classe média pode não ser igual a ser jovem nas camadas populares, dentre outros exemplos. Assim, é importante pensar a forma como cada grupo social representa e valoriza a juventude. É uma chave possível para conhecer a sua organização social, para apreender a sua cultura, constituindo-se, assim, um fértil campo de conhecimento das ciências sociais.

É por isso que se pode afirmar que a juventude é uma construção histórica. Diversos autores já mostraram que a juventude aparece como uma categoria socialmente destacada nas sociedades industriais modernas, resultado de novas condições sociais, como as transformações na família, a generalização do trabalho assalariado e o surgimento de novas instituições, como a escola. Nesse processo, começou-se a delinear a juventude como uma condição social, definida além dos critérios de idade e/ou biológicos. Uma condição de indivíduos que estão inseridos em um processo de formação e que ainda não possuem uma colocação permanente na estrutura da divisão social do trabalho. Pais (1993) aponta que “a

juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo”.

Na percepção de Minayo (1999), os limites de idade para se definirem a juventude são variados, pois dependem de parâmetros socioculturais diferenciados. Essa autora, considerando a juventude como um processo, aponta que:

Para se entenderem os processos sociais em que os jovens se envolvem, é necessário recorrer à forma como expressam seus comportamentos, questões, opções de vida, esperanças e desesperanças. As condições econômicas, políticas e sociais determinam características peculiares para se entenderem não só os comportamentos individuais, mas especialmente os processos sociais em que os jovens estão envolvidos. A história, a tradição e a cultura contribuem para a expressão de seus valores (MINAYO, 1999, p.12).

Assim, devemos considerar que a juventude tem um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas. Mas, ao mesmo tempo, a forma como cada sociedade, e no seu interior cada grupo social vai lidar e representar esse momento é muito variada. Essa diversidade se concretiza nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores, de gênero) e até mesmo geográficas, dentre outros aspectos.

Portanto, a juventude deve ser entendida como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias da vida social, desde a dimensão afetiva até a profissional. Esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona, fazendo com que os jovens construam determinados modos de ser jovem. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para ressaltar a diversidade de modos de ser jovem existente (DAYRELL, 2003). Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se na medida das mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem.

Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta (DAYRELL, 2003, p.41-42).

Comumente, ouve-se a afirmação de que os jovens perderam os valores porque os ideais de individualismo, hedonismo e o consumismo passam a prevalecer sobre as tradições e os princípios familiares, escolares e religiosos. Mas a chamada crise de valores é consequência das práticas e dos comportamentos de todos os membros da sociedade. Portanto, para compreender o que pensam e como agem os jovens de hoje, mais que acusá-los ou julgá-los por aquilo que pensam ou que não pensam, por aquilo que fazem ou que não fazem em relação aos jovens de gerações anteriores, é necessário compreendê-los em sua relação com o contexto histórico e social em que vivem.

Para entender as mudanças históricas que vem atravessando a juventude, recorremos ao sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que interpreta, com sagacidade, as transformações em curso na sociedade. Para o autor, vivemos hoje um estilo de vida caracterizado pela fragilidade dos laços, pelo embaçamento moral, pela falta de referências fixas e por uma fluidez classificada como “líquida” – adjetivo presente nos títulos de cinco livros seus: *Amor líquido*, *Modernidade líquida*, *Vida líquida*, *Medo líquido* e *Tempos líquidos*. Essa metáfora de Bauman (2001) sobre a passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida é, portanto, uma importante ferramenta desenvolvida diante do desafio de compreender a sociedade contemporânea.

O paradigma adequado para compreender a Modernidade em seu estágio anterior seria fundir a fim de solidificar dando conta de explicar a forma como houve a emergência de uma série de saberes, especialistas e estratégias que passaram a gerir de forma produtiva a população, a partir de formas de pensar que objetivavam o controle minucioso e a ordem para a construção de uma nova sociedade e de novos sujeitos. A modernidade propositou absorver, superar ou suprimir quaisquer formas que fugissem ao seu ordenamento, marcando o tempo ao ritmo do seu projeto, criando determinadas formas e solidificando-as, definindo suas

dimensões de maneira clara e mensurável, produzindo, assim, uma noção determinada de tempo e espaço (BAUMAN, 2001).

Contemporaneamente, vivemos a liquefação das formas sólidas que nos constituíam ao longo desse processo, embora não tenhamos nos desfeito das mesmas, apenas foram eliminadas as formas que não permitiam sua fluidez, produzindo-se uma renegociação dos seus significados. Conforme argumenta Bauman (2001), assim como as substâncias líquidas, as instituições, os fundamentos, os padrões e as rotinas não tendem a manter sua forma por muito tempo, já que entramos em um modo de viver enraizado no pressuposto de que a contingência, a incerteza e a imprevisibilidade estão aqui para ficar.

É neste solo movediço, imbricando-se as profundas mudanças ocorridas na modernidade líquida, que se produz uma série de deslocamentos e alterações no que denominamos juventude. Em sua pesquisa sobre juventude na contemporaneidade, Schmidt (2006) desenvolve a noção de juventude líquida a partir da metáfora de liquidez baumaniana, tendo como fundamento para tal compreensão não somente o caráter ambivalente conferido à juventude, mas pela sua constituição no que denomina efeito-superfície da modernidade líquida. Ou seja, entende que, por estar intrinsecamente relacionada à modernidade líquida como parte de sua superfície de atuação, a juventude vem rompendo, dissolvendo, derretendo sólidos, colocando em xeque modos de ser e vindo a se constituir a partir de outros padrões, portanto, criando novos sólidos para si, mesmo que efêmeros.

Segundo Velho (1981; 1999) e Giddens (2002; 2003), as mudanças sociais contemporâneas são mais acentuadas nas grandes cidades devido à maior intensidade das interações culturais e à aceleração de costumes e valores sociais. Isso favorece o surgimento de uma sociabilidade calcada na coexistência e na interação de “velhos” e “novos” padrões e na proliferação de diferentes estilos de vida em sociedade.

Segundo Giddens (2002; 2003) a vida social nas grandes cidades caracteriza-se pela sua diversificação. Essa diversificação é decorrente do aumento das possibilidades e trocas culturais entre indivíduos e, conseqüentemente, da ampliação da margem de escolha dos indivíduos sobre a vida que pretendem ter, ainda que essas escolhas dos sujeitos se deem dentro de certas condições materiais facultadas a cada indivíduo.

Velho (1999) também desenvolve uma reflexão sobre a vida complexa das grandes cidades. O autor aponta que, em meio ao processo de urbanização, ao avanço dos meios de transporte, dos meios de comunicação e da tecnologia, as grandes metrópoles constituem uma área de grande heterogeneidade cultural. Nelas, a ampla variedade de experiências e costumes encontrada e a possibilidade de os indivíduos circularem pelos diversos espaços proporcionam

a travessia por dimensões simbólicas distintas. No entanto, transitar por diferentes mundos, segundo Velho (1999), só é possível quando as pessoas têm a capacidade de se adaptar e de se transformar a partir de um contexto social. O autor examina essa capacidade a partir do conceito de “potencial de metamorfose”. No cenário urbano contemporâneo, é graças a essa capacidade de adaptação frente aos vários contextos simbólicos que os indivíduos podem viver os múltiplos papéis e experimentar a vida social em locais distintos sem sofrer grandes danos à sua subjetividade, embora esse trânsito gere tensão. Segundo Velho (1999), circular em meio à grande diversidade cultural que se apresenta nas sociedades metropolitanas pode transformar-se para os indivíduos em ameaça de fragmentação, pois eles são levados a viver múltiplos papéis, muitas vezes incompatíveis sob a ótica linear.

Na perspectiva de Lasch (1983), a subjetividade é hoje regida pelo triunfo do individualismo. Suas formulações sobre a existência de uma “cultura do narcisismo” são um instrumento importante para que possamos realizar a leitura das novas formas de subjetivação na atualidade. O que Lasch (1983) chama de “cultura do narcisismo” diz respeito ao modo como as sociedades capitalistas se estruturaram, material e simbolicamente, a partir da década de 1970. Trata-se de uma preocupação intensa com a realização individual, estreitamente relacionada com o universo do consumo e as inúmeras opções que são apresentadas aos indivíduos, em detrimento aos ideais coletivos. Ocorre, então, um retorno ao próprio eu e um desinvestimento nas relações com os outros e com o mundo da experiência. O mercado, a indústria cultural e a publicidade (que para Lasch é quase um sinônimo de propaganda) criam diversas necessidades e desejos a serem alcançados e consumidos: beleza, juventude, excelente desempenho sexual, segurança, sucesso profissional e financeiro.

Na outra ponta do estudo do narcisismo, o filósofo francês Gilles Lipovetsky (2006) sugere que vivemos um segundo momento da “Era do Vazio” e que “a busca da riqueza não tem nenhum objetivo senão excitar admiração ou inveja”. Nesse mundo ultracompetitivo, o Outro só faz sentido se viabilizar o sucesso do Eu. Questões públicas, como a violência ou a desigualdade social, por exemplo, mobilizam por algum tempo os cidadãos, para logo serem esquecidas em prol das questões particulares.

Mas, afinal, quem são os jovens da “Geração Digital”, “Geração On-Line”, “Geração Internet”, “Geração Conectada”, “Geração Z”, “Geração Pontocom”, “Nativos Digitais”, “Geração Líquida”, “Homo Zapiens”? Uma certeza temos: não faltam rótulos! Não temos por objetivo definir em algumas linhas um perfil para o jovem contemporâneo. O que nos parece mais frutífero é captar algumas formas de subjetivação que são produzidas pela vivência nos

grandes centros urbanos contemporâneos, em especial dos jovens pertencentes aos setores médios.

Adeptos do “tudo ao mesmo tempo e agora”, esses jovens são capazes de realizar várias atividades ao mesmo tempo. Palfrey & Gasser (2011) indicam:

Estes garotos são diferentes. Eles estudam, trabalham, escrevem e interagem um com o outro de maneiras diferentes das suas quando você era da idade deles. Eles leem blogs em vez de jornais. Com frequência se conhecem online antes de se conhecerem pessoalmente. [...] Eles obtêm suas músicas online – com frequência de graça, ilegalmente – em vez de comprá-las em lojas de discos. Os principais aspectos de suas vidas – interações sociais, amizades, atividades cívicas – são mediados pelas tecnologias digitais. E não conhecem nenhum modo de vida diferente (PALFREY; GASSER, 2011, p. 12)

Percebe-se, então, que as transformações que afetam as relações sociais contemporâneas estão atravessadas pelo contexto *on-line*. Existem inúmeras formas de percepção sobre os impactos das novas tecnologias na construção daquilo que já podemos chamar de sociedade virtual. Um desses impactos é o excesso de exposição em *sites* de relacionamentos. A agenda trancada a chave do passado deu lugar a trocas de mensagens apaixonadas ou comentários sobre a vida própria e a alheia para todo mundo ler. Lá estão também fotos da família, dos amigos, do namorado, do “ficante” e por aí vai. A privacidade não existe mais para eles.

O fato de estarem sempre conectados os leva a ter interesse por mais assuntos e a ser mais bem informados de maneira geral. O lado ruim é que raramente tentam aprofundar-se em algum tema. Mudam de opinião com rapidez e frequência proporcionais ao liga-desliga do computador. Mais do que ocorria nas gerações de jovens anteriores, suas decisões costumam estar envoltas em interrogações, como se a vida fosse um eterno teste de múltipla escolha. Com a mesma naturalidade com que trocam de tênis, eles trocam de amores, amizades, cursos e aspirações. Mas, como não é possível recusar sempre a vivência da dor, a contrapartida pode ser o aumento da ansiedade em relação a relacionamentos pessoais e opções profissionais.

Projeto é uma palavra de uso cotidiano que, no senso comum, se relaciona a algum tipo de esboço, plano ou intenção. *Vida* remete aos acontecimentos que ocorrem em um espaço de tempo cronológico finito, entre o nascimento e a morte. Sendo assim, o tema ‘projeto’ pode entendido aqui como uma categoria ambivalente, pois ao mesmo tempo em que é uma categoria do mundo da vida torna-se analítica no universo das representações dos jovens estudados.

Inspirados por Velho (1999), partimos da ideia de que os projetos são frutos da combinação de determinações, influências, expectativas e exigências provenientes de um “campo de possibilidades” a partir do qual os indivíduos tomam suas decisões, fazem suas escolhas, estabelecem suas alianças e, é claro, entram em conflito em torno de interesses e valores. Ainda segundo Velho (1999), “projeto”, nos termos de Schutz, é a conduta organizada para atingir finalidades específicas. Assim, o projeto é uma representação de objetivos e desejos futuros, construída pelo indivíduo dentro do seu “campo de possibilidades” e que lhe permite organizar e conferir sentido às ações presentes.

Partindo das diretrizes fenomenológicas da sociologia de Schutz (1979), utilizaremos com Gilberto Velho a noção de “campo de possibilidades” definido como “espaço para formulação e implementação de projetos na dimensão sociocultural” para pensar a questão da juventude e suas trajetórias.

A noção de “campo de possibilidades” relacionada ao ato de projetar no sentido de Schutz (1979) tem dois aspectos distintos: por um lado se refere à percepção individual de possibilidades consideradas factíveis a partir do contexto atual, por outro lado se prolonga além do aqui e agora, no tempo futuro. Ou seja, no ato de projetar o indivíduo leva em conta sua biografia e o leque de possibilidades existentes, passadas e futuras.

Ainda em relação aos “campos de possibilidades”, Velho (1999) considera que, nas sociedades heterogêneas, o projeto precisa ser permanentemente re-elaborado, dada a grande multiplicação e fragmentação dos domínios e das variáveis econômicas, políticas, sociológicas e simbólicas.

Essa constante re-elaboração do projeto repercute nos processos de subjetivação dos indivíduos. Velho (1999) explica que, no cenário contemporâneo, a todo momento os indivíduos têm suas identidades colocadas em xeque, pois os projetos que constroem para si mesmos e as possibilidades de realização destes dependerão sempre do jogo que se faz a partir do fato de ter que transitar por diferentes mundos.

Segundo Dayrell (2010), a ideia de projeto de vida remete a um plano de ação que um indivíduo se propõe a realizar em algum momento do futuro, em um arco temporal mais ou menos largo, em alguma de suas esferas de vida, seja para o trabalho, para a vida afetiva ou mesmo para o lazer.

Em sua obra *Antropologia do projeto*, Boutinet (2002) afirma que a noção de projeto tal como a entendemos hoje – um plano, desejo ou disposição presente direcionados ao futuro – tem uma história que nasce com a Modernidade. Segundo informa o autor, são as culturas industriais e pós-industriais que passam a valorizar, como nunca, o “domínio racional da

existência”. Nesse contexto, as condutas de antecipação se transformam num imperativo, pois o tempo presente tende a ser visto como a ocasião para a construção do futuro. Trata-se, pois, de uma aposta na consciência individual e em sua capacidade de influenciar, via razão, o “destino dos homens e o curso dos acontecimentos”.

Boutinet (2002) afirma que na sociedade contemporânea marcada pela crescente individualização, pela valorização do imediatismo, do transitório e do efêmero, o homem não quer mais sofrer a evolução, ele quer fazê-la e mostrar que o futuro não está mais ligado ao acaso (como em tempos anteriores), mas em grande parte a suas próprias decisões. Nesse sentido, o projeto pode significar

[...] antecipação de um espaço a ser ordenado, antecipação de uma sociedade melhor, antecipação de um indivíduo perfectível, antecipação de um tempo desejado; voluntarismo e antecipação se colocam a serviço da autonomia buscada pelo indivíduo e pelo grupo, ávidos de provar sua capacidade de gerir mudanças orientadas, em um meio turbulento (BOUTINET, 2002, p.29).

O autor concebe o projeto como um fenômeno psicossocial multifacetado e complexo, “cuja racionalidade só pode ser apreendida de maneira provisória e limitada”. Um dos caminhos possíveis para alcançar esta racionalidade, segundo o autor, seria buscar compreender o sentido do projeto para o sujeito que o elabora, bem como aquilo que fundamenta esse sentido. Propõe ainda que isto seja feito através da análise das “aspirações” e “motivos” que constituem todo projeto. As aspirações são definidas por ele como aquilo que cada indivíduo pretende realizar, suas preferências e planos em relação ao futuro. Os motivos, por sua vez, seriam determinados não apenas pelas formulações racionais e conscientes (as “razões”) alegadas pelo próprio indivíduo para justificar suas aspirações, mas também pelas especificidades de sua história pessoal – cuja dinâmica envolve processos inconscientes que muitas vezes escapam ao seu conhecimento.

Boutinet (2002) destaca que há que se considerar também a influência dos fatores contextuais ou situacionais vividos pelo indivíduo: suas condições socioeconômicas e culturais, seu gênero, idade, raça ou pertencimento étnico, origem urbano-rural, composição familiar, experiências escolares, dentre outras, que podem se converter em oportunidades ou restrições à formulação e realização dos projetos. Esta construção dos motivos, que acompanha cada história de vida e sua inserção social, escaparia em parte ao sujeito, assumindo a seus olhos um caráter “natural”. Tal perspectiva de análise coaduna com aquela apresentada por Velho (1981), para quem a elaboração de um projeto é fruto, por um lado, da combinação de determinações, influências, expectativas e exigências provenientes de um

“campo de possibilidades” e, por outro, da “margem de decisão e de liberdade” que o indivíduo possui para incorporar, rejeitar ou modificar aquilo que deriva deste campo. Logo, entendemos que os projetos pessoais dependem tanto das escolhas e da potencialidade criativa de cada indivíduo, quanto da apropriação, por ele realizada, dos recursos materiais e simbólicos (valores e ideais culturais, significações sociais, modos de pensar, sentir e agir etc.) disponíveis no contexto sócio-histórico-cultural no qual se encontra inserido. Portanto, à medida que o indivíduo se apropria da cultura arraigada na vida cotidiana e a reelabora, ele pode transformar as possibilidades oferecidas por seu meio social em “oportunidades” e, posteriormente, “realizações”. A formulação e a realização dos projetos dependem do quão amplas ou restritas são essas possibilidades, mas também da relação que cada sujeito estabelece com elas.

Na perspectiva operatória de Boutinet (2002), o projeto não pode ser para um futuro longínquo nem também se limitar a ser muito imediato. Seu caráter parcialmente determinado faz com que ele não seja jamais totalmente realizado, sempre passível de modificações. Mais do que um plano ou um objetivo, o projeto, com sua conotação de globalidade, é destinado a ser integrado numa história, contribuindo para modelizar o passado que é presente nele e prever o futuro. Todo projeto, através da identificação de um futuro desejado e dos meios próprios para fazê-lo realidade, se dá num certo horizonte temporal, no interior do qual ele evolui. Mas o projeto não se termina no ambiente onde sua evolução é previsível. Ele diz respeito primeiramente ao autor, que se dá uma perspectiva de um futuro esperado.

Alguns autores defendem a ideia de que, nas juventudes contemporâneas, a questão projeto de vida precisa ser pensada sob novos aspectos. Segundo Canevacci (2005), não há por que imaginar que as juventudes contemporâneas coloquem lá no horizonte o tempo significativo que elas organizam, por trocar qualquer fascínio pelo futuro em favor do fruir no presente, uma libertação aqui e agora. Essa afirmativa do autor leva a pensar nas novas formas como os jovens lidam com projetos na atualidade a partir de múltiplos sentidos, unidades e fragmentos, considerando que essas experiências funcionam de diferentes formas em distintos contextos. Enquanto para alguns jovens o tempo significativo é organizado apenas no presente, outros não conseguem vislumbrar planos em decorrência de cenários de futuro incerto e outros se dedicam a planos extremamente elaborados. Essas realidades convivem ao mesmo tempo nas sociedades contemporâneas.

Leccardi (2005), a partir da noção de temporalidade, define o que ela chama de “Segunda Modernidade” ou “Modernidade Contemporânea”, que é governada pela globalização, pelo pluralismo e pelo individualismo e caracteriza-se pelos riscos globais. A

autora entende como riscos globais as crises ambientais, o terrorismo internacional, as ameaças econômicas e de saúde de caráter planetário e o empobrecimento acelerado em muitos países do mundo. Todos esses riscos levam a uma reelaboração da ideia de futuro, que, na contemporaneidade, passa a ser indeterminado e indeterminável, governado pelo risco. Ou seja, o futuro foge do controle, gerando um sentimento difuso de alarme, associado a uma sensação de impotência.

Para Leccardi (2005), o presente é a única dimensão do tempo que é vivida sem maiores incômodos e sobre a qual é possível concentrar a atenção. É o que ela chama de *presente estendido*, um espaço temporal que bordejia o presente, suficientemente breve para não fugir ao domínio humano e social, mas também suficientemente amplo para consentir alguma forma de projeção para além no tempo. Nesse sentido, o presente (ora mais, ora menos estendido) aparece como a única dimensão temporal disponível para a definição de escolhas, um verdadeiro horizonte existencial que, em certo sentido, inclui e substitui futuro e passado. O presente se torna, portanto, a referência na elaboração de projetos de vida, com arcos temporais mais curtos, na forma de um *presente estendido*.

Diante de um futuro que parece inapreensível, reduziram-se as possibilidades de projeção temporal de médio ou longo prazo. Leccardi (2005) argumenta que, ao invés de projetos de longo prazo, a racionalização de um tempo futuro mutante e imprevisível pode se dar mediante projetos de curto prazo que vão se atualizando e remodelando conforme os recursos disponíveis.

O quadro de incertezas acentua a indefinição dos jovens ao ingressarem no mundo adulto. Pais (2001) analisa que os caminhos de passagem para a vida adulta não são apenas obscuros.

São caminhos longos, sinuosos, com escolhas. De fato, assiste-se, na sociedade contemporânea, a um prolongamento da condição juvenil: porque os percursos escolares são mais longos, porque há mais tardia inserção no mercado de trabalho; porque o acesso à casa própria é difícil; porque os casamentos retardam, devido também a uma maior liberalização das relações sexuais (PAIS, 2001, p.81).

Portanto, os mapas de orientação dos jovens nem sempre combinam com os percursos. Por exemplo, às expectativas criadas pelo prolongamento da escolaridade, contrapõe-se a desqualificação dos diplomas. Assim, perante as estruturas sociais fluidas, os jovens sentem as inconstâncias e vivem num autêntico movimento de vaivém: abandonam os estudos e, depois, retornam; encontram emprego e, logo depois, estão desempregados. Segundo Pais, “é

porque vivem em estruturas sociais crescentemente labirínticas que os jovens contemporâneos se envolvem em trajetórias ioiô” (PAIS, 2001, p. 68). Ainda, segundo o autor,

Não há fuga possível ao labirinto da vida; o que importa é saber viver a vida no labirinto que a constitui. Não vale a pena projetar futuros instáveis, espelhos da instabilidade do presente. É preferível utopizar o futuro e uma forma possível é imaginando futuros múltiplos. Para se criarem condições de possibilidade da utopia, o melhor é não tomar opções comprometedoras, para quem as toma e para as utopias idealizadas. Os compromissos do presente comprometem o futuro, inscrevem-no numa ordem geométrica, contestatória de um presente que se pretende vivido. Então, é preferível especular sobre o futuro (futuro fantasiado ou aberto) ou imaginá-lo como banalidade ou ausência para que, desse modo, o presente seja possível no labirinto da vida (PAIS, 2001, p. 424).

1.2 Os jovens da Zona Sul da capital mineira

Alice

“Minha mãe e meu pai já gastaram muito fazendo eu vir pra cá.

Tenho medo de não passar no vestibular, de não corresponder”.

Alice estuda no 3ª ano do Colégio Y. A jovem ingressou na instituição em 2011. Ao concluir o Ensino Médio, ela pretende prestar vestibular para Medicina. A jovem mora com os tios no bairro Cidade Jardim.

A mãe de Alice é de Governador Valadares, mas veio estudar em Belo Horizonte e se casou aqui. Segundo Alice, o pai sempre morou na capital mineira, mas há 11 anos ele e a família se mudaram para Governador Valadares. Alice tem uma irmã de 12 anos que estuda em um colégio privado em Governador Valadares. O pai é pós-graduado em Engenharia Ambiental e a mãe é formada em Arquitetura. Quando moravam em Belo Horizonte, o pai trabalhava na Prefeitura de Contagem e a mãe como arquiteta. Depois de algum tempo ela abriu com as amigas seu próprio escritório. Atualmente, seus pais têm um escritório juntos. Segundo Alice, sua mãe fala inglês, “arranha” no francês, no italiano e no espanhol. O pai possui o inglês básico. Alice cursou inglês e espanhol até se mudar para Belo Horizonte.

Alice assiste às aulas no Colégio todas as manhãs, nas tardes de terça e quinta e ainda nas noites de segunda e quarta-feira. Como ela passa a maior parte do tempo no colégio, procura almoçar nas proximidades do mesmo. Alice faz atividade física nos intervalos e, nas horas vagas, tenta estudar na biblioteca do colégio. À noite, quando chega em casa, estuda mais um pouco e depois “entra no computador”.

No sábado e no domingo pela manhã ela faz os trabalhos escolares, principalmente Religião e Artes. Mas, segundo ela, não deixa de fazer nada por causa do Colégio. Alice namora um menino da sala dela. Eles gostam de ir ao *shopping* e sair à noite. Alice também sai com as amigas de Governador Valadares, que, como ela, se mudaram para Belo Horizonte para estudar. Mas poucas dessas amigas estudam no Colégio Y, a maioria estuda no Colégio Z. Então, como essas amigas têm aula sábado pela manhã, elas se encontram pouco. Alice afirma que em Belo Horizonte seus melhores amigos são do Colégio Y.

Alice diz que quase não assiste à televisão porque não tem tempo, mas que gosta muito de ir ao cinema. Ao teatro ela vai pouco, mas por ter um amigo bailarino que sempre a convida, ela vai mais para prestigiá-lo. Alice diz que acessa a internet para fazer pesquisas escolares e Facebook.

Bárbara

“Eles acabam expondo a gente um pouco.

Todas as provas e simulados que a Turma ITA faz, sai a nota com o seu nome na porta da sala”

Bárbara tem 17 anos, é aluna da turma ITA do Colégio Z e pretende ser engenheira química. Ela é filha única e mora com os pais no bairro Sion. Os pais de Bárbara são do Estado de São Paulo: o pai é paulistano e a mãe de Taubaté, cidade do interior de São Paulo.

O pai é formado em Engenharia Mecânica pela UNITAU (Universidade de Taubaté) e possui dois mestrados: um pela própria UNITAU e outro pela FVG, em BH. Ele trabalhou durante 23 anos na Volkswagen. Atualmente atua como gerente de minas na Vale. Durante toda a vida o pai trabalhou somente em duas empresas: na Volkswagen e na Vale. A mãe fez possui duas graduações: Administração e Secretariado. Ela ainda domina três idiomas: alemão, espanhol e inglês. O pai ainda estuda inglês. Durante o período da graduação, a mãe dava aulas de inglês, mas depois que se formou trabalhou na Vibras, onde foi secretária executiva durante vários anos. Depois ela foi funcionária da Embraer até a família se mudar para Belo Horizonte. Desde então, ela não está empregada.

Bárbara se dedica aos estudos todos os dias. Durante a semana ela acorda cedo e estuda até o horário em que sai para ir ao Colégio, pois suas aulas acontecem no período de 13h às 21h30. Além disso, toda quarta-feira e sábado ela tem aula pela manhã também. E o domingo não é todo destinado ao descanso, pois parte do dia é reservada aos estudos. Bárbara

sai com os amigos somente no sábado à noite, mas não está namorando porque, segundo ela, “3º ano não é muito pra isso”; ela diz que é “um pouco radical com essas coisas”.

Bruno

“O apego que eu tenho pela disciplina vem muito da minha religião”

Bruno é um jovem de 17 anos, estuda no Colégio Z e deseja ser médico. Ele mora com a mãe e dois irmãos no bairro Lourdes. O pai mora na cidade de Paracatu/MG numa fazenda onde cria gado de corte. A mãe de Bruno se divide entre Paracatu e Belo Horizonte, passando parte de seu tempo entre uma cidade e outra. Bruno tem seis irmãos, sendo que quatro são apenas por parte de pai. Os irmãos por parte de pai já são adultos, sendo que três já se casaram. Todos eles fizeram curso superior, a saber: Geografia, Psicologia, Administração e Agronomia. Entretanto, nenhum deles tem conhecimento de língua estrangeira porque, segundo Bruno, viveram a infância e a adolescência no período em que os recursos financeiros do pai eram escassos. Um desses irmãos atualmente cuida de outra fazenda que o pai possui na cidade de Bonfinópolis de Minas, onde se dedicam ao cultivo de soja, milho e feijão. O pai deixou uma das fazendas aos cuidados desse filho porque tem 64 anos e, segundo Bruno, está cansado. Os outros dois irmãos de Bruno que moram com ele e a mãe têm domínio do inglês e o irmão está cursando Direito na FUMEC e a irmã iniciou este ano o curso de Pedagogia na UFMG.

Os pais de Bruno são mineiros. O pai é de Itaúna/MG e a mãe é de Bonfinópolis de Minas. A família paterna é de ascendência indígena e família materna é de ascendência italiana. Segundo o jovem, os pais são de famílias de origem social muito humilde. Bruno contou que a avó paterna teve 18 filhos e que o avô realizava o pagamento do médico com galinhas. E a mãe de Bruno trabalhava à noite para poder pagar a faculdade.

Atualmente a mãe de Bruno é professora aposentada da rede estadual de educação de Minas Gerais. Ela era professora de Língua Portuguesa. O pai fez curso técnico agrícola e agora se dedica somente à fazenda de Paracatu.

De segunda a sábado, Bruno passa os dias no Colégio porque, mesmo nos dias em que não tem aula à tarde, ele permanece ali para estudar. O jovem alega que na escola estuda mais do que em casa, onde o risco de se distrair é maior. Sábado à noite ele costuma ir com os amigos ao cinema, a concertos e óperas. As festas são esporádicas. Antes de se mudar para Belo Horizonte, Bruno fazia hipismo. Mas, hoje, em função da extensa carga horária dedicada ao Colégio, ele não pratica mais.

Domingo Bruno se dedica à igreja. Ele disse que somente ele e a irmã são realmente religiosos, pois a mãe “junta um monte de religião” e o pai “não é nada”. Segundo Bruno, quando ele e os irmãos eram pequenos, os pais os levavam à igreja, mas quando cresceram eles deixaram de ir. Bruno frequenta a Primeira Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte. Nela ele participa da Orquestra de Sinos. Bruno disse que a igreja ensina a ele o “sacrifício” e a ser “o melhor de si sempre”. Ele ainda declarou que o apego que ele tem pela disciplina vem de sua religião. O jovem declarou ainda que, devido ao hábito de ler a bíblia desde pequeno, hoje ele tem facilidade de interpretação de textos. Bruno disse que sua vida social é mais restrita ao Colégio e à Igreja, pois faz apenas três anos que se mudou para Belo Horizonte.

Frederico

“Eu gosto muito de tênis. No meu intercâmbio eu fui para Roland Garros”.

Frederico tem 17 anos, estuda no Colégio Y e pretende cursar Economia. Ele mora com a mãe e o irmão numa casa no bairro Santa Lúcia. O irmão de Frederico já concluiu o Ensino Médio e atualmente está fazendo cursinho no Colégio Z, pois, deseja ingressar no curso de Medicina. O irmão fala inglês e já fez intercâmbio na Inglaterra. A mãe também domina inglês e Frederico fala inglês e francês.

Os pais de Frederico são do interior de Minas Gerais. A mãe é de Divinópolis e o pai de Piumhi. A mãe, atualmente professora na UFMG, é formada em Medicina nessa referida instituição, cursou mestrado pela Fundação Oswaldo Cruz e doutorado nos EUA, em Michigan. Ela se especializou em Patologia. O pai, que já é falecido, fez Medicina.

O lazer mais comum da família é ir ao cinema e a orquestras. Frederico confessou que vai a apresentações de orquestras umas três vezes ao mês. Ele disse que também gosta de ir ao teatro e à ópera e que, apesar de praticamente não assistir à televisão, gosta de programas esportivos.

Segundas, quartas e sextas-feiras, Frederico passa o dia todo na escola. Terça-feira à tarde, joga tênis com um amigo. Nos fins de semana se encontra com a namorada, que também é aluna do 3º ano do Colégio Y. Ele diz que o namoro não interfere nos estudos: “ela também tem que estudar quando eu tenho que estudar”. Quanto às amizades, Frederico considera que seus melhores amigos são seus primos, os do Colégio e os amigos do intercâmbio.

Frederico nos contou que já fez muitas viagens marcantes. A primeira vez que foi para os EUA, para a Disney, quando ele tinha cinco anos. Seu primeiro intercâmbio foi para a

Inglaterra, onde passou um mês sozinho. Ele disse que, como o irmão também estava fazendo intercâmbio na Inglaterra, ele ficou duas semanas na cidade em que o irmão estava e depois passou um mês em Cambridge fazendo curso de inglês para estrangeiros. Como gosta muito de tênis, Frederico aproveitou para conhecer Roland Garros.

Giziet

“Eu tô louca pra poder conseguir independência financeira dos meus pais, pelo amor de Deus!”

Giziet é uma jovem de 16 anos, aluna do Colégio Y. Ao concluir o Ensino Médio, pretende prestar vestibular para Arquitetura. Ela mora com os pais e uma irmã de quinze anos em uma casa no bairro Serra. A irmã estuda no Colégio Santa Dorotéia. Ambos os pais de Giziet têm mestrado. Mas somente o pai possui conhecimento intermediário na língua inglesa.

Segundo Giziet, os pais, durante o período da faculdade, trabalhavam no Bemge (Banco do Estado de Minas Gerais), que depois se tornou banco Itaú. Foi lá que se conheceram e, então, se casaram. Ela nos contou que, quando o Bemge faliu, seu pai foi trabalhar na Justiça Federal, onde atualmente exerce o cargo de assessor de juiz. A mãe permaneceu no Itaú, deixando essa instituição financeira somente alguns anos depois. Após a saída do banco, sua mãe fez trabalhos de arquitetura e prestou concurso, chegando a ingressar na Justiça Federal e na URBEL (Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte). No entanto, como ela não gosta de emprego fixo, optou por trabalhar como autônoma.

Giziet diz que segundas e quartas-feiras após a aula da manhã e até 16h, quando inicia a aula da tarde, ela fica no Colégio onde “arrumou” uma sala pra dormir ou estudar. Ela reclama que se não dormir fica muito cansada para a aula da tarde, mas quando dorme e não faz nada também fica com peso na consciência. Quando a aula termina, às 21h, ela vai para casa e, às vezes, assiste a um pouco de televisão. Na terça-feira à tarde ela tem aula de Redação, laboratório de Biologia e, fora da escola, sessão de acupuntura.

Quinta-feira, após a aula da manhã, Giziet vai para casa e estuda à tarde porque sempre tem prova na sexta-feira e, à noite, mesmo contra sua vontade, tem que ir à casa da avó. Na sexta-feira após a aula da manhã ela vai para a Biblioteca Pública e fica por lá estudando até às 18h. Após a prova ela diz que “fica um bagaço”. No sábado acorda às 14h e como tem muito compromisso social no fim de semana não consegue estudar direito e se sente culpada por isso.

Os finais de semana de Giziet são marcados por eventos sociais familiares que ela nem sempre gosta. Ela disse: “sempre tem algum encontro lá em casa, é uma praga! Minha casa não fica vazia nunca! Aí não tem jeito, é complicado!”. Quando não ocorrem encontros na residência ela é pressionada pelos pais a sair com eles para almoçar porque eles alegam que ela deve almoçar com eles pelo menos uma vez na semana, uma vez que nos demais dias ela almoça no colégio. Como na maioria das vezes esses almoços são a contragosto, Giziet se sente perdendo tempo e com peso na consciência por não ter dedicado tempo aos estudos no fim de semana.

Giziet conta que faz muitos anos que sua família frequenta uma célula da Igreja Batista da Lagoinha. Mas diz que sua família “é uma mistura de espiritismo com Igreja Batista da Lagoinha”. Ela diz que não tem religião definida, que vai lá porque os pais frequentam. Esse ano Giziet não está frequentando porque os encontros acontecem na terça-feira à noite e como ela chega muito tarde do colégio e ainda na quarta-feira tem aula durante a manhã e à tarde, seria cansativo. E, segundo ela, os temas abordados nas reuniões da célula começaram a ficar repetitivos, uma vez que já faz seis anos que ela participa desses encontros.

Quanto a namoro, Giziet afirma que não gosta muito de “ficar”. Ela achou mais legal construir um relacionamento, pois, no seu ponto de vista, é muito mais “produtivo”. Giziet diz que quer “uma coisa a longo prazo”, pois “imediato não vai fazer diferença”.

Giziet diz que não viaja tanto em família porque os pais alegam que fica caro demais e que agora eles têm que aproveitar sozinhos. Mas faz pouco tempo que fizeram uma viagem em família para o sul, Foz do Iguaçu, Argentina e Paraguai. Mas uma das viagens mais marcantes para ela foi para a Disney.

Giziet diz que durante esse ano até a data da entrevista havia lido cinco livros por conta própria. Mas que não eram livros “Machado de Assis”; segundo ela são livros “romance água com açúcar” pra poder passar o tempo. Ela diz gostar de ir a museus, mas que não vai tanto porque não fica sabendo. Ela se julga uma pessoa pouco informada, pois, apesar de acessar frequentemente a internet para “entrar” no Facebook, verificar *e-mail* e ver notícias no *site* da Globo, diz que não gosta de ler sobre política e, por isso, pensa que esses serão um dos fatores que lhe dará uma “ferrada” no Enem. Ela contou que quando falam: “O ministro caiu”, ela pergunta: “Quem?” “De onde?” “De que país?”.

Gustavo

“Eu fujo um pouco do padrão”

Gustavo tem 17 anos, estuda no Colégio Y e pretende cursar Letras. O jovem diz que considerando a maioria das escolhas profissionais feitas por seus colegas no Colégio Y, ele “foge do padrão”. Gustavo nos contou que a mãe não aceita sua opção por Letras. Gustavo mora com os pais e a irmã mais nova na cidade de Nova Lima, num condomínio chamado Quintas do Sol. A irmã estuda no 7º ano do Ensino Fundamental no Colégio Santo Agostinho.

A mãe de Gustavo é formada em Ciências Biológicas e o pai fez curso técnico em mineração, e se graduou em Ciências Contábeis, Economia e Direito. Somente o pai possui conhecimento de inglês. Gustavo também domina o inglês, pois estudou o idioma na Cultura Inglesa.

Os pais de Gustavo são de Raul Soares, uma cidade interior de Minas Gerais. Ele nos contou que os avós paternos e maternos chegaram a passar fome. Entretanto, seus pais já nasceram numa situação que ele afirma não ser “confortável”, mas “suficiente”.

O pai trabalhou desde cedo. Começou a trabalhar com 8 anos no armazém que o avô de Gustavo possuía. Entretanto, o pai só começou a ser remunerado quando, já na faculdade de Ciências Contábeis, entrou numa empresa multinacional de auditoria. Segundo Gustavo, o pai soube aproveitar a oportunidade, cresceu dentro da empresa e, a partir daí, “deslanchou”. Hoje o pai é Diretor Administrativo Financeiro de uma empresa de construção civil. A mãe, que era professora, largou a atividade e abriu uma empresa de venda de equipamentos EPI (Equipamentos de Proteção Individual). Segundo o jovem, ela começou há pouco tempo, mas está muito satisfeita.

Gustavo foi o único jovem que revelou a renda familiar. Ele disse que, em níveis hierárquicos, o pai está abaixo apenas dos donos da empresa em que trabalha. O salário do pai é em torno de 25 mil reais. Ele conta que a mãe auxiliava como professora, mas que agora está por conta da empresa, mas que ainda está dando prejuízo, não começou a lucrar.

A família de Gustavo gosta muito de trilha ecológica. Então, nos finais de semana eles costumam fazer passeios de jipe, caminhada, cachoeira. Outro lazer bastante comum são viagens às cidades históricas mineiras.

Durante a semana, quando chega em casa após as aulas da manhã, Gustavo procura revisar os conteúdos trabalhados na aula daquele dia, mas diz que nunca passa das oito horas da noite, pois na sua visão deve haver uma conciliação entre estudo e descanso. Ele, então, sempre sai para fazer uma caminhada, dar uma volta ou tira um tempo para ler. E, no sábado pela manhã, só estuda quando está muito apertado. Gustavo nos contou que era muito “bitolado” no primeiro ano do Ensino Médio, mas que aprendeu a ver as coisas de uma forma mais equilibrada, com mais parcimônia de estudo e lazer.

Gustavo diz que conheceu seus melhores amigos no Colégio Z durante o ano passado. Eles sempre saem nos fins de semana para assistir a filmes no Belas Artes e ir a shows “mais independentes”. O jovem declarou que, apesar de não gostar de rotulações, seus amigos são considerados pelas outras pessoas como alternativos. Ele confessou, ainda, que repudia o “ficar” ou “pegar”, pois não valoriza nada puramente carnal.

Quanto à questão religiosa, Gustavo se considera ateu. Ele disse que a mãe transita entre budismo, kardecismo e catolicismo. Segundo ele, “ela capta os ideais com os quais ela concorda e forma algo meio híbrido”. Gustavo deixou claro que a família nunca teve hábito de ir à Igreja e declarou: “eu fui à missa três vezes em toda a minha vida”.

Gustavo disse que a primeira viagem internacional que fez foi para a Disney. Ele declarou que “foi bem aquela viagem de consumo mesmo, de compras”, com a qual ele e a mãe não concordaram muito, mas por pressão do pai e da irmã acabaram cedendo. Outras viagens em família que fizeram há pouco tempo foram para a Argentina, na região da Patagônia, e para o Chile, para o Deserto de Atacama. Gustavo diz, que sempre que a família viaja, a mãe e ele vão aos museus enquanto o pai e a irmã vão fazer compras.

Segundo o jovem, ele usa muito pouco a internet, mas confessa: “mexo no Facebook, eu não vou mentir.” Ele também não assiste à televisão, mas se informa lendo jornal, revista, etc.

Juliana

“Até o ano passado eu não era estudante. Eu era uma pessoa que ganhava presença nas aulas”.

Juliana é uma jovem de 17 anos, aluna do Colégio X, e pretende cursar Direito. Ela mora com os pais e um irmão no bairro Vila Paris. Juliana tem quatro irmãos com idade entre 23 e 32 anos: dois homens e duas mulheres. Um dos irmãos está terminando o curso de Engenharia Química na UFMG e os demais já são formados: dois em Administração pelo IBMEC e uma em Arquitetura pela PUC Minas. Esses irmãos já graduados aperfeiçoaram a formação fazendo mestrado e MBA. Além disso, é importante destacar que, durante o período da faculdade, eles participaram de intercâmbios internacionais.

Segundo Juliana, os pais “vieram de uma classe mais humilde”. A jovem atribui a ascensão social dos pais à capacidade intelectual dos mesmos e à dedicação aos estudos. Na visão dela, é por meio desse esforço pessoal que os pais “conseguiram bons empregos”. Durante o Ensino Médio, a mãe de Juliana cursou Magistério (curso profissionalizante) e

depois fez quatro cursos superiores: Psicologia, Pedagogia, Letras e um que Juliana não conseguiu se lembrar. Segundo Juliana, a mãe utilizou a estratégia de fazer dois cursos superiores por vez. O pai é graduado em Engenharia Civil e em Administração. A mãe fala francês e inglês e o pai, segundo ela, “fala tudo”. Juliana nos contou que ele “fez pouquíssimas aulas de inglês”, mas como a família viaja muito, ele acabou aprendendo um pouco de vários idiomas. Juliana fala inglês e já teve aula de alemão durante um período.

A mãe de Juliana trabalhou como professora em várias escolas, chegando ao cargo de coordenação e direção. Além disso, ela abriu um consultório de Psicanálise, mas atualmente não trabalha, em função da necessidade de acompanhar a vida escolar de Juliana, “virou mãe em tempo integral”. O pai trabalhou um tempo na Andrade Gutierrez e depois abriu uma empresa de construção pesada.

Durante a semana, Juliana tem aula no Colégio X de 7h às 19h. Após o colégio faz aula de dança e quando chega em casa ainda reserva um tempo para estudar. Nos fins de semana sai com os amigos do Colégio X, que ela considera serem seus melhores amigos. Geralmente, eles frequentam a casa um do outro, vão a festas, ao cinema e a boates. Juliana diz que já namorou um “cara bem mais velho”, mas agora não quer namorar porque está no 3º ano e, por isso, pensa que não teria tempo para o namorado. Além disso, ela disse que quer “curtir as festas”.

Juliana nos contou que ler é o que ela mais gosta de fazer. Ela disse que já leu livros de Filosofia, Política, Mitologia Grega, Mitologia Egípcia, mas também já leu “romance bobinho, água com açúcar”, que, segundo ela, é “muito legal”.

A família de Juliana é católica, mas a jovem pensa que na Igreja Católica “tem coisas muito ridículas” como: “ter que marcar hora pra poder falar com Deus” e “ter que dar dinheiro pra Igreja”. Juliana diz que não é atea e que já foi mais ativa na vida cristã.

A família de Juliana gosta muito de viajar. Nos últimos anos eles fizeram várias viagens nacionais e internacionais. As viagens internacionais foram para: Alemanha, Polônia, Rússia, Portugal, Espanha, EUA e Argentina. As viagens nacionais foram para: Gramado, Canela, Campos do Jordão, São Paulo, Rio de Janeiro, Monte Verde, Maringá, Natal e Fortaleza.

Laís

“Noh! Parece tão simples! É só passar no vestibular!”

Eu acho que eu vou me assustar quando eu ver a realidade”.

Laís tem 17 anos, está no 3º ano do Ensino Médio no Colégio X. Ela pretende cursar Medicina, mesma profissão da mãe. A irmã, que é mais nova, também estuda no mesmo colégio. A jovem e sua família residem no bairro Santa Lúcia e o lazer mais comum da família é ir ao Minas Tênis Clube. A família de Laís é católica, embora não seja praticante, entretanto, Laís se diz agnóstica.

O pai de Laís é sergipano e a mãe de Belo Horizonte. Eles possuem curso superior: a mãe é médica e o pai é formado em Turismo. Somente a mãe domina outro idioma, o inglês. Atualmente o pai é proprietário da Casa Lotérica de um *shopping* da zona sul de Belo Horizonte e a mãe possui um consultório.

Segundo Laís, a mãe começou a vida profissional trabalhando como plantonista em hospitais do município. Já o pai, ela considerou a trajetória profissional dele “complicada” porque ele já foi empreendedor de negócios diversos: “agora ele é dono de Lotérica, mas antes ele era dono de não sei o quê, quando eu nasci acho que ele tinha um bar, ele já teve restaurante [...], ele já teve um milhão de coisas [...]”.

Durante a semana, Juliana se dedica aos estudos. Há sábados em que ela faz prova pela manhã. Quando isso não acontece, ela sai com os amigos na sexta-feira à noite. No domingo, geralmente estuda um pouco, tenta “adiantar um dever que tá atrasado” e, se for possível, sai um pouco também.

Laís nos contou que é “meio chata em relação a relacionamento amoroso” porque se “cansa das pessoas com facilidade”. No entanto, ela disse que esse ano não quer “problema com isso não”. Ela brincou: “e se eu tiver um problema amoroso uma semana antes do vestibular? Isso não vai ser muito divertido! Estudar o ano inteiro pra chegar uma semana antes e ter um problema?!”. Ela disse que esse ano a única preocupação dela é com os estudos e, conseqüentemente, com o vestibular.

Nas últimas férias Laís foi para a Disney. Ela nos contou ainda que quando fez quinze anos ganhou de presente uma viagem para a Inglaterra com alguns amigos. Além disso, todos os anos nas férias de janeiro ela vai pra Maceió visitar a avó.

Letícia

“Se eu for competente dá pra eu ter uma vida confortável do mesmo jeito que eu levo hoje”.

Letícia tem 17 anos, estuda no Colégio Z e pretende cursar Engenharia Civil. Antes de se mudar para Belo Horizonte no ano passado, Letícia morava com a família em Ipatinga.

Atualmente, ela mora com a irmã, no bairro Prado, em um apartamento que os pais compraram para elas morarem. A irmã, que cursa Direito na UFMG, se mudou para Belo Horizonte antes de Letícia também com o objetivo de estudar no Colégio Z e se preparar para o vestibular da UFMG.

Os pais de Letícia se formaram em universidade pública. A mãe se formou em Medicina e o pai em Engenharia Metalúrgica. Letícia nos contou que a vida escolar do pai aconteceu toda na rede pública, mas que a mãe, quando cursava o 3º ano do Ensino Médio, ganhou bolsa pra estudar em uma escola particular. O avô materno de Letícia era funcionário público e a avó materna era professora. Mas como a família era grande – a mãe de Letícia tinha muitos irmãos –, eles passaram algumas dificuldades financeiras. Já o pai teve uma vida mais tranquila.

Letícia nos contou que o pai se formou em Belo Horizonte, mas nunca trabalhou na capital mineira. Quando se formou foi para Várzea da Palma, uma cidade do interior de Minas Gerais e depois para Ipatinga trabalhar na USIMINAS, onde está até hoje. Antes de se mudar para Ipatinga, a mãe trabalhou no Hospital Belo Horizonte e no Hospital das Clínicas. Atualmente, ela trabalha em um hospital em Ipatinga.

A mãe de Letícia fala inglês, mas, segundo a jovem, a mãe “tá até voltando pra aula porque ela perdeu o jeito”. O pai, devido à profissão e às muitas viagens internacionais que já fez em função dela, sabe falar inglês, espanhol e japonês. Letícia domina o inglês.

Durante a semana, Letícia vai para o Colégio todas as manhãs. Na segunda-feira e na terça-feira acontecem aulas temáticas que são opcionais. Letícia nos contou que nem sempre as assiste, mas que fica no Colégio todos os dias até 19h, 19h30 estudando. Toda quarta-feira ela faz prova e o horário de término da prova é 20h30. Na quinta-feira ela tem aula o dia todo e sexta-feira só na parte da manhã, embora permaneça no Colégio para estudar na parte da tarde. Aos sábados Letícia tem aula pela manhã e simulado do Enem à tarde.

Portanto, para Letícia, final de semana se resume ao sábado à noite e ao domingo. Domingo normalmente ela fica em casa pra descansar, e aproveita para assistir a filmes. Mas, no sábado, ou ela sai com as amigas, ou no fim de semana que os pais vêm, ela sai com eles, com as primas, com a família de um modo geral. Letícia declara que não gosta de ficar em casa sábado porque quando fica em casa pensa: “Ai, meu Deus, depois de amanhã tem aula!” Letícia gosta muito de teatro, de cinema e de ir a shows.

Fora da escola Letícia tem amizade com um grupo de meninas de Ipatinga que, assim como ela, vieram para Belo Horizonte para estudar. Uma dessas amigas estuda com ela no

Colégio Z. As outras estudam no Colégio Y, no Marista e uma já concluiu o Ensino Médio no ano passado. Ela se diverte com as amigas indo a boates ou barzinhos.

A família de Letícia é católica, mas, como ela disse, “alguns seguem, outros não”. Segundo ela, a mãe “é bem católica”. Quando morava em Ipatinga, Letícia ia à missa toda semana. Mas, depois que se mudou, ficou difícil porque até o ano passado ela e a irmã não tinham carro e não há igreja perto de onde moram. Esse ano, elas possuem carro, mas, em função das atividades escolares durante a semana, no domingo ela está muito cansada e desanima de ir. Então, ela diz que foi poucas vezes esse ano. Letícia declarou que não concorda com todos os preceitos da Igreja Católica.

Em relação a relacionamentos amorosos, Letícia afirma que é muito difícil se relacionar com uma pessoa fora do cotidiano. A jovem nos conta que, este ano, por estar muito “presa” ao Colégio, pensa que “não conseguiria namorar com alguém de fora, alguém com uma visão diferente”.

Nos últimos cinco anos Letícia fez várias viagens nacionais, entre elas, Guarapari/ES e Porto Seguro/BA. Quanto às viagens internacionais, podemos destacar a viagem que fez esse ano com a família para Nova York. Foi a segunda vez que ela esteve na cidade norte-americana, pois, quando visitou a Disney, o pacote de viagens incluía Nova York.

Quando morava em Ipatinga, Letícia ficava o dia inteiro no MSN e Orkut, conversando com as amigas ou, como ela disse, “fazendo nada mesmo”. Ela relata que quando não tinha nada pra fazer ficava olhando as páginas “dos outros” nas redes sociais, olhando *site* de música, de loja. Ela diz que agora não tem “tanto tempo de entrar”, porém, como há possibilidade de acessar o Facebook pelo celular, às vezes, quando tem algum tempo disponível, dá uma “olhada pra ver o que tem de novo” ou “se alguém mandou alguma coisa importante” pra ela.

Lucas

***“Talvez eu queria ser líder de um país, do Brasil,
porque aí você de fato tem o poder de mudar as coisas”.***

Lucas tem 17 anos, é aluno do Colégio X e pretende cursar Direito. Ele mora com os pais no condomínio Aconchego da Serra, na região de Nova Lima.

O pai de Lucas é de Diamantina/MG e a mãe é de Mariana/MG. Quando tinham por volta de 20 anos de idade eles vieram pra Belo Horizonte com o objetivo de conseguir

emprego e acabaram se casando. Lucas nos conta que, em relação à posição social, os pais sempre “foram de classe média”.

O pai formou em Matemática e Ciência da Computação na UFMG e a mãe formou na UFOP, em Nutrição. Atualmente o pai é Analista de Sistemas no Tribunal e a mãe é Nutricionista em um Hospital público desde 1994. Antes de fazer o concurso público para o Tribunal, o pai de Lucas foi professor de Matemática na UFOP.

Durante a semana, Lucas acorda, toma banho, lancha e vai para a escola, onde fica até às 19h. Depois do Colégio ele vai direto para a academia. Como mora na região de Nova Lima, demora para chegar em casa. Depois do lanche, toma banho e estuda mais um pouco antes de dormir.

Geralmente, no sábado, Lucas sai com os amigos para shows de bandas, cinema, para a Praça da Liberdade. E, no domingo à tarde, estuda um pouco porque “domingo já é começo de semana”. Os melhores amigos de Lucas são do Colégio X e do Condomínio Aconchego da Serra.

Lucas é um jovem que gosta muito de leitura, pois pensa que a leitura “abre muito os olhos pra muitos aspectos que são muito importantes”. Já em relação à música, ele se considera “preconceituoso musicalmente”, pois não gosta dos “estilos muito populares”, prefere músicas “um pouco mais seletas”, sendo o rock o ritmo que mais aprecia. Além disso, ele nos contou que toca violão.

Em dezembro/janeiro de 2011/2012 Lucas viajou pela primeira vez com os pais para a Europa. Eles foram para Portugal e Espanha, onde passaram o Natal e Réveillon.

Por causa da sua rotina, Lucas praticamente não assiste a programas de TV. Geralmente, ele assiste a um pouco de jornal à noite, o Jornal das Dez, da Globo News, só para se inteirar do mundo. Lucas declara que assistir ao jornal é importante tanto para se preparar para a prova do Enem, quanto para a pessoa não ser alienada. Lucas diz: “a última coisa que eu quero ser no mundo é uma pessoa alienada!”. Além de telejornal ele também assiste a campeonatos espanhóis, italianos e brasileiros de futebol, embora não pratique nenhum esporte. Em relação à internet, Lucas confessa: “*uso demais!*”.

Os pais de Lucas são católicos e vão sempre à igreja, mas ele não segue nenhuma religião. Segundo Lucas, os pais tentaram lhe “catequizar”, mas ele afirma ser uma “pessoa que tem fé em divindades”. Ele diz que acredita na “força entre as pessoas”.

Lucas disse que, em relação a relacionamentos afetivos, não aconteceu “nada sério ainda”. Geralmente ele “fica” com pessoas da escola ou que ele conhece em “ciclos de amigos

ou de amigos de amigo”. Ele se considera novo para ter “qualquer relacionamento que seja sério, estável, e durável”.

Nathália

“Eu acho que eu até deveria dar mais importância para a escola, mas não é uma das coisas mais importantes pra mim não. Eu me preocupo mais com o que eu faço pra me deixar melhor”.

Nathália é uma jovem de 17 anos, estuda no Colégio Z e pretende ser médica. Ela mora com os pais e mais três irmãos no bairro São Bento. Um dos irmãos já concluiu Direito e agora está cursando Engenharia Civil, o outro começou Engenharia Civil esse ano. A irmã mais nova está cursando o 1º ano do Ensino Médio no SEBRAE, está fazendo curso técnico em Administração.

O pai de Nathália é graduado em Administração e Filosofia e a mãe em Administração e Psicologia. Segundo a jovem, o pai fala inglês, espanhol básico, francês e italiano. A mãe fala inglês, espanhol razoavelmente e francês. Já Nathália fala somente inglês.

A mãe de Nathália começou sua vida profissional trabalhando na empresa de construção do pai, avô de Nathália, que era engenheiro. Segundo a jovem, a mãe trabalhou nessa empresa familiar durante muito tempo, mas, quando conheceu o pai de Nathália, largou o emprego e começou a trabalhar com Reich² e montou uma loja. Hoje ela está novamente na administração da empresa do pai, avô de Nathália. O pai de Nathália era proprietário, no interior de São Paulo, de uma indústria de ingredientes para ração bovina e depois de ingredientes para adubo. Após vender a indústria, o pai passou a se dedicar à literatura, ele escreve livros, pois ele é proprietário de uma fazenda no interior de São Paulo, em Avaré, que está arrendada para plantio de eucalipto.

Nathália faz aula de balé toda segunda e quinta-feira à tarde. Após a aula de balé, quando chega em casa gosta de ler um livro para “aliviar a cabeça”. Na terça-feira à tarde ela faz teste vocacional e estuda para a prova de quarta, pois toda quarta-feira os alunos do Colégio Z fazem prova. Por isso, na quarta-feira ela passa o dia todo no Colégio, pois tem

² A terapia reichiana (pronuncia-se “raichiana”) é uma das principais linhas teóricas da psicoterapia, ao lado da junguiana (desenvolvida por Jung) e da freudiana (de Sigmund Freud). Foi criada pelo austríaco Wilhelm Reich (1897-1957), discípulo de Freud até 1934. A terapia reichiana, uma espécie de precursora das terapias corporais modernas, prega a inseparabilidade entre corpo e mente. As repressões e angústias sofridas pelo indivíduo ao longo da sua vida se refletem não só no plano psicológico mas também no corpo e são capazes de enrijecer músculos, num processo conhecido por “encouraçamento”. Essas couraças impedem a expressão das emoções e o fluxo de energia orgástica, que, segundo Reich, é fonte de todos os processos vitais (e não apenas o sexual).

aula de manhã e prova à tarde. À noite, quando chega em casa faz alguns exercícios propostos pelos professores. Na sexta-feira ela tem aula no Colégio até 18h30. Quando chega em casa lê um pouco, faz algumas tarefas escolares ou vai ao cinema. No sábado, como tem simulado no Colégio, geralmente ela só sai à noite, quando o lazer mais comum é ir a festas na casa de amigos. Nathália diz que nessas festas gosta mais de dançar do que de conversar. No domingo Nathália tira um tempo para ler, tocar piano, assistir a TV e ir à casa da avó. Às vezes, ela veleja com a família na Lagoa dos Ingleses, em Nova Lima.

Quando Nathália era criança, seu pai tinha uma casa em Orlando, na Flórida, EUA, vendida em 2004 devido à crise dos imóveis naquele país. Então, por terem essa casa lá, durante a infância Nathália foi muitas vezes à Disney. Em dezembro de 2011, ela foi com a família para a Disney da Califórnia porque o irmão mais velho é guia da Disney pela Primus, uma agência de viagens.

Segundo Nathália, seu pai e ela já foram muito religiosos, mas a mãe nunca foi. Atualmente, somente os irmãos vão à missa, inclusive a irmã está participando da preparação para a crisma, mas Nathália disse que ela não está gostando tanto quanto o irmão gostou.

Nathália conheceu seus melhores amigos no colégio em que estudou durante muitos anos. Segundo ela, os amigos do Colégio Z estão numa de “vou estudar pra sempre!”, e ela não se inclui dentro dessa postura. Portanto, ela se aproximou mais dos amigos do Colégio Marista, pois “ainda são um pouco mais liberais”.

Pedro

***“A gente tá aqui num ótimo colégio, num meio de privilegiados,
mas muito jovem não tem essa condição”***

Pedro tem 17 anos, estuda no Colégio Y e deseja cursar Direito. Ele mora com a família no bairro Serra. Pedro tem um irmão por parte de pai que não mora com eles aqui em Belo Horizonte.

A mãe de Pedro é graduada em Medicina pela UFMG e possui doutorado pela Santa Casa. Ela é proctologista. O pai completou somente o Ensino Médio. Somente a mãe possui um conhecimento intermediário de inglês.

No início da carreira a mãe trabalhava como plantonista no Hospital João XXIII. Hoje ela ainda trabalha em hospital, mas não faz mais plantão. Além disso, ela tem um consultório. Em relação à trajetória profissional do pai, Pedro não soube falar muito porque, segundo ele, desde quando ele nasceu o pai já era fazendeiro. Ele possui uma fazenda no sul da Bahia.

Pedro diz que durante a semana “não dá tempo de muita coisa”, pois tem muita aula. Então, geralmente ou ele está no Colégio ou estudando em casa. Entre uma hora ou outra que sobra ele fica conversando com os amigos. Nos finais de semana Pedro sai com os amigos e com a namorada, que também é aluna do Colégio Y. Eles vão ao cinema e a shows, principalmente sertanejos. Pedro também gosta muito de séries americanas de comédia e programas esportivos. Além disso, não dispensa um jogo de futebol com os amigos.

Roberta

"Eu tenho que controlar minha impulsividade. Eu sempre arranjo encrenca!"

Roberta tem 17 anos, é aluna do Colégio Z e pretende cursar Direito. Ela mora com a mãe e com o irmão no bairro São Pedro. A mãe de Roberta possui dois cursos superiores: Jornalismo e Psicologia. E o irmão possuiu apenas o Ensino Médio, ele não fez curso superior.

Roberta nos contou que a mãe é de uma origem social muito pobre. Segundo a jovem, a avó materna morava no interior de Minas Gerais quando, ainda muito moça, engravidou. Como não tinha recursos financeiros, a avó morava com a filha pequena (mãe de Roberta) em um barracão. A mãe de Roberta também se casou muito cedo, com apenas 17 anos. Aos 18 já era mãe. Entretanto, como o marido era agressivo, ela se separou, deixando o irmão de Roberta na casa da avó por alguns meses e veio para Belo Horizonte, onde conseguiu emprego na General Electric, ingressou no curso de Jornalismo e ganhou dinheiro suficiente para trazer o filho para morar com ela. Depois de algum tempo, ela conheceu o pai de Roberta, com quem namorou e viveu por cerca de 12 anos, embora nunca tenham se casado oficialmente. Quando era ainda bem pequena, o pai de Roberta faleceu, a mãe perdeu o emprego que tinha como jornalista e se viu, portanto, obrigada a trabalhar com outras coisas. Hoje ela trabalha com decoração de eventos.

Roberta disse que durante a semana ela sai de casa às 7h e chega às 21h. E que, em função disso, ela quase não se encontra com a mãe. Na sexta-feira à noite Roberta costuma sair com os amigos para barzinhos ou restaurantes, no sábado ela sai mais quando tem alguma festa. Ela disse ainda que quase toda semana vai com um amigo ao cinema no USIMINAS porque passam uns filmes mais “alternativos”. Ela disse que não gosta dos filmes de Hollywood porque “são muito idiotas, muito previsíveis”. Ao teatro ela diz que vai só quando tem campanha de popularização porque fora desse período o “ingresso é muito caro”. Quanto à música ela diz gostar muito de rock.

Os avós de Roberta são muito religiosos. Os avós paternos são muito católicos e a avó materna é evangélica. Entretanto, o irmão e a mãe, embora acreditem muito em Deus, não vão à igreja. Roberta, por sua vez, declarou que acredita em Deus e que está “mais para agnóstica do que pra ateu”. Ela confessou: “eu não rezo porque não sinto que tem alguém olhando por nós. Eu não sinto Deus. Eu não tenho nenhuma percepção disso”. Para Roberta, nos momentos difíceis ela deve recorrer a si mesma e às pessoas das quais ela gosta. A jovem nos contou que um dia chegou da catequese e revelou para a mãe que não acreditava mais em Deus. Segundo Roberta, a mãe disse: “Então tá! Só não conte pra sua avó!”. Roberta declarou ainda que gostaria de acreditar em Deus porque traz equilíbrio. E que, às vezes, faz muita falta acreditar em “alguma coisa maior”, pois simplesmente não vê sentido em muita coisa.

Sophia

“Eu acho que vou ter muita dificuldade de lidar com a dor dos outros.

Eu sou uma pessoa muito emotiva”

Sophia tem 17 anos, é aluna do Colégio Z e pretende cursar Medicina. Como os pais são divorciados, ela divide seu tempo e moradia entre os dois. O pai mora no bairro Dona Clara e a mãe mora no bairro Estoril. Sophia tem uma irmã que está cursando Direito na PUC Minas e um irmão de 33 anos que mora em São Paulo. Ele é filho do primeiro casamento do pai. Segundo Sophia, o irmão não terminou até hoje o curso de Filosofia na USP porque sempre que ele arruma algum trabalho, ele tranca.

O pai de Sophia é doutor em Filosofia pela Universidade Complutense de Madri e a mãe possui dois cursos superiores: Psicologia e Biologia. No entanto, ela nunca trabalhou nas áreas em que se graduou. O pai é professor de Filosofia da PUC Minas e a mãe está trabalhando como designer de ambientes, embora ainda esteja fazendo o curso na UEMG. Como já deu aula de Língua Portuguesa para um grupo de alemães e fez um grupo de estudos com italianos, o pai de Sophia “sabe ler um pouquinho de cada língua”. Ele sabe ler em italiano, inglês e espanhol e um pouco de francês e de alemão. Entretanto, não fala. A mãe não tem conhecimento de nenhuma língua estrangeira. Já Sophia fala inglês e espanhol. Ela disse que o espanhol do Colégio Z é muito bom e, por isso, ela espera conseguir o Dele³ até o ano que vem.

³ Os Diplomas de Español como Lengua Extranjera ou DELE (em português, Diplomas de Espanhol como Língua Estrangeira) são exames oficiais que certificam o grau de competência e domínio do idioma espanhol, outorgado pelo Instituto Cervantes em nome do Ministério da Educação e Ciência da Espanha.

Sophia nos contou que, quando a mãe a matriculou na Educação Infantil num colégio no bairro Dona Clara que estava iniciando suas atividades e, por isso, ainda não tinha biblioteca, a mãe se ofereceu para montar uma porque tinha experiência como bibliotecária. Segundo a jovem, a mãe já havia trabalhado na Biblioteca da UFMG no período em que cursava a faculdade. Mas, por causa da maternidade, havia deixado o emprego. Então, a mãe de Sophia começou como voluntária, mas depois que a biblioteca ficou pronta, ela foi contratada. E tempos depois ela passou a organizar as festas do colégio. Quando ela saiu do Colégio começou, então, a fazer o curso de Designer de Ambientes e passou a realizar trabalhos nessa área.

Durante a semana faz parte da rotina de Sophia acordar cedo e ir para o Colégio, onde passa a maior parte de seu tempo. Somente um dia na semana ela vai para casa após as aulas da manhã. Como aos sábados ela também tem aula durante todo o dia, somente o domingo é reservado ao descanso. Mas ela enfatiza: “domingo o dia é meu!”. A jovem gosta de ir ao cinema, a festas com as amigas e diz que adora dançar e ir a museus. Sophia namora há quase dois anos com um garoto que também é aluno do Colégio Z e com quem estuda desde o 7º ano.

Os pais de Sophia tiveram uma formação católica, no entanto, eles não têm o hábito de ir à igreja. Segundo a jovem, os pais são bastante “abertos”, inclusive o pai é professor de Filosofia e, por isso, adora estudar religião, tendo em casa vários livros que tratam das mais diversas religiões.

Thiago L.

“Ninguém te ensina a conversar com alguém.

Todo mundo pressupõe que você sabe fazer isso.

E eu tenho uma dificuldade imensa”.

Thiago L. tem 17 anos, estuda no Colégio Z e pretende ingressar na área das engenharias. Ele mora com os pais e com uma irmã em uma casa no bairro Carlos Prates. A irmã, de 20 anos, está cursando Relações Internacionais na PUC Minas.

Thiago L. nos contou que os pais eram bem pobres antes de se casarem, que o que eles conseguiram foi por “conta deles”. Segundo Thiago L., “não teve herança, não teve nada”. Segundo ele, a família do pai só conseguiu uma certa estabilidade financeira quando o avô passou num concurso público.

Os pais de Thiago L. possuem curso superior. A mãe fez Gestão Pública na UNI-BH e o pai Engenharia Elétrica na PUC Minas. Somente o pai sabe falar inglês. Segundo o jovem, antes de se casar o pai “pingou de algumas empresas” até chegar à Toshiba, empresa em que trabalha até hoje. A mãe trabalhou somente antes de Thiago L. nascer e por apenas um período após o nascimento. O jovem diz que não sabe o motivo pelo qual ela parou de trabalhar.

Thiago L. diz que sua rotina semanal é acordar cedo todo dia e ir para a aula. Em alguns dias na semana ele tem aula à tarde outros não. Portanto, há dias em que chega em casa às 13h, há dias em que chega às 21h. Quando chega muito tarde só descansa, mas, quando chega mais cedo, descansa um pouco e estuda. Fim de semana, segundo ele, é só domingo, porque, às vezes, tem aula no sábado. Então, no domingo ele tenta “esfriar a cabeça” e sair. Às vezes ele vai pra a casa de um amigo ou ao *shopping* com a namorada, que também estuda no 3º ano do Colégio Z. Thiago diz que eles se entendem, e que embora não dê para eles se verem sempre e para conversarem muito, eles levam bem. Ele pensa que por eles estarem “compartilhando a mesma experiência é válido, dá certo”.

Thiago L. se considera culturalmente muito eclético. Ele confessa: “pra mim quanto mais melhor. [...]. Tudo é válido”. Então, o jovem assiste a programas de TV, joga videogame, vai ao teatro e a shows não só de bandas consideradas para a idade dele, mas também a apresentações da Filarmônica. E ainda declarou que estava querendo ir à exposição de Caravaggio na Casa Fiat de Cultura.

Thiago Villas

“Eu queria ser dono do meu negócio porque eu odeio receber ordens”

Thiago Villas tem 17 anos, estuda no Colégio Y e está em dúvida entre o curso de Engenharia de Armamentos e de Engenharia Civil. Ele mora com os pais e três irmãos numa casa no bairro São Bento. O irmão mais velho, de 23 anos, está fazendo Economia na UFRJ, a irmã de 22 anos está cursando Medicina na UFMG e o irmão mais novo, de 10 anos, está no Colégio Santo Agostinho, no 5ª ano.

Os pais de Thiago Villas possuem curso superior. O pai é graduado em Engenharia Civil e a mãe em Pedagogia. O pai é de uma origem social mais humilde. Segundo relato de Thiago Villas, o avô era menino de rua, e o bisavô era pedreiro. Já a mãe de Thiago Villas vem de uma família com situação financeira melhor, inclusive seu pai era proprietário de uma chácara “enorme”.

Em relação ao conhecimento de línguas estrangeiras, Thiago Villas nos contou que a mãe está estudando inglês agora, mas que ela domina o espanhol porque eles moraram na Espanha. Já o pai, devido às inúmeras viagens que faz a trabalho, fala “um pouquinho de tudo”, ou, melhor, “dá uma enrolada em quase tudo”. Thiago Villas, por sua vez, confessou que seu inglês “ainda é muito ruim” porque ele não fez cursinho de inglês, mas que consegue “se virar”, se comunicar. Somente seu espanhol é bom.

A mãe de Thiago Villas foi professora durante um tempo. Ela começou a trabalhar com 17 anos. Ela começou sendo professora no Colégio São Tomás de Aquino, depois foi “subindo” até assumir a função de coordenadora. Depois ela “montou” uma escola com a avó paterna de Thiago Villas, que também é pedagoga. O pai já trabalhou em pelo menos cinco empresas diferentes. Começou trabalhando no interior de Pernambuco, depois se tornou gerente de obras. Depois ele foi para a África trabalhar numa empresa chamada ARG. Foi nesse período que a família se mudou para a Espanha, pois o pai de Thiago Villas trabalhava na Guiné Equatorial e eles ficavam na Espanha. Quando houve um desentendimento com a empresa, ele saiu e foi convidado a trabalhar na Queirós Galvão. Hoje ele tem uma empresa de Engenharia “paralela” à que ele trabalha.

Nas segundas e quartas-feiras Thiago Villas tem aula o dia todo, como ele mesmo diz: “nem dá pra fazer nada”. No entanto, após a aula ele vai à academia. Nos demais dias da semana ele vai à aula na parte da manhã, almoça, dá “uma dormidinha” e vai para a academia. Quando volta da academia estuda por cerca de duas horas e depois faz mais atividade física: corre, joga futebol com o irmão na quadra da casa em que moram, anda de bicicleta, skate. Ele também costuma frequentar a casa de amigos que moram perto dele. Na sexta-feira e sábado Thiago Villas vai a festas na casa de amigos ou a bares. Ele sai ainda com a namorada com quem está há um mês e meio. A namorada de Thiago Villas é uma garota que também estuda no Colégio Y. Nos domingos, às vezes, ele vai à casa da avó, ao Campestre Clube ou ao cinema. Thiago Villas disse que faz muito tempo que não vai ao teatro e que não gosta de livro “mais cabeça”, o que ele mais lê é “revistinha”.

Os pais de Thiago Villas são católicos, mas ele é “mais ou menos”. Ele não vai mais à missa, mas declarou que ainda reza. Segundo ele, já faz um tempo que parou de ir à igreja porque desde o 1º ano do Ensino Médio está “meio assim com religião”, pois começou a “aprender aquele tanto de coisa” que o levou a questionar a religião.

Yanê

“Na escola já falaram pra gente não preocupar tanto com o trabalho.”

Pra não preocupar tanto com o futuro. Pra gente acalmar e focar mais no presente”.

Yanê é uma jovem de 16 anos. Ela estuda no Colégio X e pretende ser arquiteta. Yanê morou nos EUA dos 2 aos 7 anos e durante um ano e meio no Canadá, dos 12 aos 13 anos. Atualmente ela mora com a mãe no bairro Savassi. Yanê é filha única e seus pais são divorciados.

O pai de Yanê é de Batatais, cidade do interior de São Paulo. Ele fez faculdade em São Carlos e veio trabalhar em Belo Horizonte, onde sua mãe sempre morou. Os pais de Yanê são graduados em Engenharia Química. O pai de Yanê tem doutorado pela Universidade de Davis, nos EUA, e a mãe é pós-doutora pela Universidade de Berkeley, também nos EUA. Os dois falam inglês. Yanê fala inglês e faz aula de francês.

Os pais de Yanê começaram a trabalhar na Safran, onde se conheceram. Depois eles foram para os EUA, onde trabalharam e estudaram. Quando voltaram para o Brasil, o pai trabalhou na Petrobras por um tempo, e a mãe já voltou na Vale, empresa em que trabalha até hoje como engenheira química na parte de propriedade intelectual. Depois da Petrobras, o pai foi trabalhar na Camplur. Atualmente ele atua como engenheiro químico na Nanum Nanotecnologia S.A., empresa comprada pela Camplur.

Durante a semana Yanê tem aula de 7h30 às 12h30 e de 14h15 às 18h. Após o Colégio ela vai direto para a academia, onde fica até 20h. Ao chegar em casa faz uma refeição e estuda antes de dormir. Yanê prefere sair no sábado à noite a sair na sexta-feira porque muitas vezes ela tem prova no sábado pela manhã. Então, aos sábados, ela estuda até por volta de 19h e depois sai com os amigos e com o rapaz o qual namora há quase dois anos. Segundo Yanê, o namorado era da turma dela no Colégio, mas este ano não permitiram que eles estudassem na mesma sala. No entanto, eles se encontram todo dia na escola e saem no fim de semana. Yanê diz que ele está sempre na casa dela e ela na casa dele. Yanê adora ir ao cinema e diz que gosta muito de ficar com seus amigos, os melhores ela conheceu na escola. Ela declara: “qualquer coisa que eu tô fazendo com eles é bom”. Além disso, ela nos contou que, às vezes, sai de carro com a mãe para a Serra do Curral e elas ficam dando volta “só olhando a montanha”.

Yanê não gosta de ler e não é muito fã de teatro. Ela gosta é de assistir a seriados de comédia americanos como: The Big Bang Theory e Two and a Half Men. Além disso, gosta de todo tipo de filme: desenho animado, comédia, romance, terror, suspense etc. Quanto à prática de esportes, Yanê relatou que no ano passado praticava vôlei, mas este ano teve que

sair porque o horário do vôlei coincidia com o horário da aula de Física e também porque o professor de vôlei de quem ela gostava saiu. Então, ela optou por fazer academia. No entanto, ela disse que até tentou praticar vôlei no Colégio, mas disse que não teve o número de pessoas suficiente pra abrir um time. Então, ela faz academia e participa de um time de futsal feminino que tem no Colégio. Ela nos contou que, às vezes, elas jogam no sábado após as provas.

Nos últimos anos Yanê fez várias viagens marcantes. Ela foi para Miami, Alemanha, Disney e para o norte do Canadá. Quando morava no Canadá, a escola em que ela estudava dava oportunidade para os alunos viajarem 4 horas ao norte de Toronto. Lá eles praticavam Dogs Sled, o trenó de cachorro. Yanê achou “muito legal” dormir em barracas armadas na neve. Para a Alemanha a história foi a seguinte: a mãe de Yanê teve que fazer uma viagem a trabalho na época do aniversário da jovem e como desde que Yanê era pequenininha sua mãe prometera que estaria sempre com ela em seu aniversário, Yanê foi junto com a mãe para a Alemanha.

Yanê declarou que não pertence a nenhuma religião específica. Ela disse: “eu acredito em Deus, em Jesus, em Maria, em reencarnação, mas eu não sigo nenhuma religião, nenhuma igreja”.

1.2.1 Algumas observações relevantes

Vale notar que, em 6 (seis) famílias, pelo menos o pai ou a mãe são provenientes de cidades do interior do País, em sua maioria do Estado de Minas Gerais. Apenas o pai de Yanê e a mãe de Bárbara são do interior de São Paulo. Dessas famílias provenientes do interior do País, verificamos que em 4 (quatro) delas tanto o pai quanto a mãe são do interior.

As trajetórias familiares dos jovens Gustavo, Juliana, Letícia, Thiago Villas, Bruno, Giziet, Roberta, Sophia e Thiago L. podem ser caracterizadas como de ascensão social (ou mobilidade ascendente), enquanto que as trajetórias familiares de Alice, Bárbara, Frederico, Laís, Lucas, Nathália, Pedro e Yanê parecem traduzir mais estratégias de manutenção do *status* socioeconômico familiar.

A partir dos dados obtidos, verificamos que, das famílias com mobilidade ascendente, 4 (quatro) viveram ascensão social na geração dos pais e 5 (cinco) parecem ter expectativa de vivê-la com mais intensidade na geração do filho jovem.

Acho que eles [pais] querem que eu tenha meu dinheiro porque eles passaram muito aperto quando eu era nova. Minha mãe tinha 21 anos, ela ainda tava na faculdade quando ela me teve. Ela casou com o meu pai. Os dois eram novos. Meu pai mudou de curso. Eles eram muito duros na época. Então, eu acho que eles queriam mais esse conforto, sabe?! Eles falam: “Cê mora aqui o tempo que você quiser, junta seu dinheiro, compra seu carro”, porque eles não tiveram tempo pra fazer isso. E também falam pra eu poder aproveitar, viajar muito, porque eles só puderam fazer isso muito tempo depois, porque eles eram muito duros (Giziet, 16 anos, Colégio Y).

A minha mãe quer que a gente seja bem sucedido no campo financeiro. É o maior desejo dela! Ela fala: 'Cê tem que ser bem sucedido'; 'Cê tem que casar com alguém legal financeiramente' (Bruno, 17 anos, Colégio Z).

Eu quero ter a minha vida mais independente. E é uma coisa que a minha mãe também quer pra mim porque minha mãe saiu de casa muito nova e ela fez a vida dela. Com a minha idade já era casada, tinha filho. [...] minha mãe fala que gente que passa a vida inteira só com a família vive numa realidade meio falsa mesmo! Você acha que as coisas vem muito fácil (Roberta, 17 anos, Colégio Z).

Como é possível verificar na Tabela 1, a seguir, a maioria dos entrevistados reside atualmente na região centro-sul de Belo Horizonte. Essa é uma região da cidade considerada privilegiada, por oferecer um alto padrão de vida, em função dos recursos urbanísticos disponíveis e por ter a maior oferta de espaços culturais e serviços da capital mineira. Concentra-se também nessa região grande parte dos colégios privados que atendem os setores médios da cidade. Todos os jovens declararam que a família é proprietária do domicílio atual. Esse dado é um dos indicadores significativos do poder econômico dessas famílias.

Quando passamos ao tipo de família ao qual pertencem os jovens, verificamos que 13 famílias são nucleares, ou seja, os arranjos familiares apontados pelos dados apresentam uma significativa organização familiar de padrão tradicional. Em 3 famílias verifica-se uma situação de unidade doméstica onde moram mãe e filhos (uma em função do divórcio dos pais e as outras duas em função de falecimento da figura paterna) e 1 família é recomposta, fruto de uma segunda união de ambos os parceiros.

QUADRO 1 – Dados dos entrevistados - 2012

	ALUNO	NATURALIDADE PAI	NATURALIDADE MÃE	ATUAL BAIRRO DE RESIDÊNCIA	SITUAÇÃO CIVIL DOS PAIS
COLÉGIO X	Juliana	Belo Horizonte / MG	Belo Horizonte / MG	Vila Paris	Casados
	Lucas	Diamantina / MG	Mariana / MG	Condomínio Aconchego da Serra - Nova Lima/MG	Casados

	Laís	Sergipano	Belo Horizonte / MG	Santa Lúcia	Casados
	Yanê	Batatais / SP	Belo Horizonte / MG	Savassi	Divorciados
COLÉGIO Y	Pedro	Não informado	Não informado	Serra	Casados
	Gustavo	Raul Soares / MG	Raul Soares / MG	Condomínio Quintas do Sol - Nova Lima/MG	Casados
	Frederico	Piumhi / MG	Divinópolis / MG	Santa Lúcia	Pai já falecido
	Giziet	Não informado	Não informado	Serra	Casados
	Thiago Villas	Não informado	Não informado	São Bento	Casados
	Alice	Belo Horizonte / MG	Governador Valadares / MG	Cidade Jardim (mora com tios)	Casados
COLÉGIO Z	Thiago L.	Não informado	Não informado	Carlos Prates	Casados
	Letícia	Não informado	Não informado	Prado (mora com a irmã) Pais moram em Ipatinga / MG	Casados
	Nathália	Não informado	Não informado	São Bento	Casados
	Sophia	Não informado	Não informado	Dona Clara (pai) Estoril (mãe)	Divorciados
	Bruno	Itaúna / MG	Bonfinópolis de Minas / MG	Lourdes (pai mora em Paracatu/MG)	Casados
	Roberta	Não informado	Interior de Minas Gerais (não informou a cidade)	São Pedro	Pai já falecido
	Bárbara	São Paulo /SP	Taubaté / SP	Sion	Casados

Fonte: Dados da pesquisa

Com relação ao nível de escolaridade do pai e da mãe dos jovens pesquisados, verificamos que ele se mostra elevado, como indica o Quadro 2, a seguir. O capital escolar dessas famílias mostra-se mais alto, se comparado à média brasileira. Com efeito, segundo dados da PNAD (2010), apenas 10,6% das pessoas com 25 anos de idade ou mais possuíam ensino superior completo. Em relação à escolaridade dos pais, apenas 2 têm somente Ensino Médio completo, 8 possuem Ensino Superior, 3 possuem pós-graduação *lato sensu*, 2 têm

mestrado e outros 2 concluíram o doutorado. Quanto às mães, 9 possuem Ensino Superior, 4 possuem pós-graduação *lato sensu*, 1 tem mestrado, 2 concluíram o doutorado e 1 é pós-doutora. Em relação ao domínio de outro idioma, apenas 5 pais e 4 mães não apresentam conhecimento nenhum de língua estrangeira. Já em relação à trajetória escolar dos jovens entrevistados, um dado nos chama a atenção: a trajetória ao longo do Ensino Fundamental e Médio foi contínua, não revela a presença formal da reprovação e o percurso de todos os jovens se deu no interior de um pequeno universo de escolas privadas que gozam de certo prestígio acadêmico e social. Outro ponto de destaque da pesquisa é que a escolha da escola foi mais intensa à medida que os jovens avançaram na carreira escolar, pois os pais têm a expectativa de que o capital cultural transmitido se transforme em elemento de distinção no momento dos processos seletivos para ingresso nas universidades de excelência acadêmica.

Quando passamos a analisar a principal atividade econômica exercida pelos pais, o que encontramos foi um leque diversificado de ocupações no interior do que estamos chamando setores médios. Os dados nos revelam a presença de um grupo social constituído por administradores, engenheiros, funcionários públicos, empresários, fazendeiros, professores, médicos, arquitetos. Chama-nos a atenção nesses dados o registro de 3 mães que, no momento da entrevista, não exerciam nenhuma atividade laboral remunerada. Apenas uma jovem soube informar o motivo pelo qual a mãe não está atualmente inserida no mercado de trabalho: necessidade de acompanhar a vida escolar da filha. Os outros dois informaram o momento em que as mães deixaram de exercer atividade profissional remunerada: um revelou que foi quando ele nasceu e a outra quando a família se mudou do Estado de São Paulo para Belo Horizonte/MG.

QUADRO 2 – Curso pretendido e formação acadêmica e ocupação dos pais - 2012

	ALUNO	CURSO PRETENDI DO	ESCOLARI- DADE/ FORMAÇÃO DO PAI	OCUPAÇÃO PROFISSIO- NAL ATUAL DO PAI	ESCOLARI- DADE/ FORMAÇÃO DA MÃE	OCUPAÇÃO PROFISSIO- NAL ATUAL DA MÃE
COLÉGIO X	Juliana	Direito	Engenharia Civil	Administrador	Psicologia, Pedagogia, Letras	Atualmente não trabalha
	Lucas	Direito	Matemática / Ciência da Computação	Analista de Sistemas/ Funcionário Público	Nutrição	Funcionária Pública
	Laís	Medicina	Turismo	Dono de Lotérica em	Medicina	Médica

				<i>shopping</i>		
	Yanê	Arquitetura	Engenharia Química / Doutorado pela Universidade de Davis - EUA	Engenheiro Químico	Engenharia Química/ Pós-doutora pela Universidade de Berkeley - EUA	Engenheira Química
COLÉGIO Y	Pedro	Direito	Ensino Médio	Fazendeiro	Medicina / Doutorado pela Santa Casa	Médica
	Gustavo	Letras	Ciências Contábeis, Economia, Direito	Diretor Administrativo-financeiro	Ciências Biológicas	Empresária – EPI
	Frederico	Economia	Medicina	Falecido	Medicina / Mestrado pela Fundação Oswaldo Cruz e Doutorado nos EUA	Médica
	Giziet	Arquitetura	Direito / Mestrado	Funcionário Público Assessor de Juiz	Arquitetura / Mestrado na UFMG	Arquiteta/ Profissional Liberal
	Thiago Villas	Engenharia	Engenheiro Civil	Engenheiro Civil e empresário	Pedagogia	Proprietária de Escola de Educação Infantil
	Alice	Medicina	Engenharia Civil/ Pós-graduação em Engenharia Ambiental	Empresário e professor universitário	Arquitetura	Arquiteta/ Profissional Liberal
COLÉGIO Z	Thiago L.	Engenharia	Engenharia Elétrica	Engenheiro Elétrico	Gestão Pública	Atualmente não trabalha
	Letícia	Engenharia Civil	Engenharia Metalúrgica	Engenheiro Metalúrgico	Medicina	Médica
	Nathália	Medicina	Administração / Filosofia	Fazendeiro e Escritor	Administração / Psicologia	Administra empresa familiar
	Sophia	Medicina	Filosofia / Doutorado em Filosofia pela Universidade Complutense de	Professor universitário	Psicologia e Biologia, atualmente cursa Designer de Ambientes	Autônoma (atua na área de Designer de Ambientes)

			Madri			
	Bruno	Medicina	Técnico Agrícola (Ensino Médio)	Fazendeiro	Letras	Professora Aposentada
	Roberta	Direito	Direito	Já falecido	Jornalismo / Psicologia	Autônoma (decoração de eventos)
	Bárbara	Engenharia Química	Engenharia Mecânica	Engenheiro Mecânico / Possui dois mestrados: um pela UNITAU e outro pela FGV.	Administração / Secretariado	Atualmente não trabalha

Fonte: Dados da pesquisa

Se à primeira vista o fato de boa parte dos jovens entrevistados serem alunos de dois colégios de confessionalidade católica pode sugerir que os pais ou mesmo os jovens têm como objetivo uma educação religiosa, os depoimentos colhidos vêm afastar esse tipo de projeto, uma vez que apenas 3 jovens se declararam religiosos (2 católicas e 1 evangélico). Destes, apenas um é aluno de colégio de confessionalidade católica, os outros dois são alunos de uma instituição de ensino leiga. Em relação aos demais entrevistados, 7 se declararam católicos não praticantes, 4 disseram acreditar em Deus, mas não confessam nenhuma religião, 2 afirmaram ser agnósticos e 1 declarou-se ateu.

Igreja Católica, nossa! É difícil demais! Acho que tem coisas muito ridículas! Primeiro você ter que marcar hora pra poder falar com Deus, acho muito bocó! Você ter que dar dinheiro pra Igreja, eu acho idiota também. Tem muita coisa que eu acho muito idiota. Eu não sou atea. Eu já fui mais ativa na vida cristã. Então, eu lia na Bíblia que a gente é nossa própria Igreja. Por que eu não posso ser minha própria Igreja? Por que tenho que ter uma religião? (Juliana, 17 anos, Colégio X).

Lá em casa é uma mistureba, sabe?! Cada ano é uma coisa. Até que tem muitos anos que a gente frequenta uma célula da Igreja Batista da Lagoinha. Nós não somos muito religiosos, fanáticos não. É uma mistura mesmo de espiritismo com Igreja Batista da Lagoinha. [...] eu não tenho religião definida, eu vou lá porque meus pais vão. Se tivesse outro lugar perto da minha casa que eu gostasse, eu iria também. Tanto faz, eu não tenho problema (Giziet, 16 anos, Colégio Y).

Eu vou na missa todo domingo. Eu acho que eu sou bastante religiosa, mas eu acho que eu devia ser mais, mas eu não tenho muito tempo. Mas, é muito importante pra mim, me dá muitas lições de persistência, de conhecer antes de falar, essas coisas (Alice, 17 anos, Colégio Y).

Eu acho que eu tô mais pra agnóstica do que ateu, sabe?! Mas eu não sou nenhum pouco aquele tipo que quando passa aperto começa a rezar. Eu não rezo mesmo porque eu não sinto que tem alguém olhando por nós, eu não acho que eu devo recorrer a algo mágico quando eu tenho problema. Eu acho que eu tenho que

recorrer a mim mesma e às pessoas que eu gosto. Eu não sinto que tem Deus, eu não tenho nenhuma percepção disso (Roberta, 17 anos, Colégio Z).

Eu sou ateu. Minha mãe é uma coisa indefinida. Ela transita entre budismo, kardecismo e catolicismo. Ela capta aqueles ideais com os quais ela concorda e forma algo meio híbrido, assim. Mas, a gente nunca teve a prática de ir à Igreja. Eu fui à missa três vezes em toda a minha vida, minha mãe nunca teve essa prática de rezar antes de dormir, meu pai também não. Meus avós são religiosos, católicos, bem interioranos. Mas, meus pais, particularmente, nunca me estimularam dessa forma (Gustavo, 17 anos, Colégio Y).

Da minha família, só eu e minha irmã que somos religiosos mesmo. Minha mãe é mais ou menos alguma coisa, junta um monte de religião. Meu pai não é nada. [...] A igreja me ensina muito o sacrifício. Então, a gente tem que se espelhar o máximo em Cristo. Então, quando eu tenho que fazer algum sacrifício eu penso nisso: algumas coisas você tem que sacrificar pra outras melhores, entende?! (Bruno, 17 anos, Colégio Z).

Esses dados corroboram com tendência já observada no Censo 2000, de uma crescente forma de vivenciar a fé sem vínculos institucionais com as igrejas.

Quanto à ocupação das horas vagas, principalmente nos finais de semana, percebemos que este grupo destacou a necessidade de dedicar parte desse tempo às atividades escolares. Entretanto, entre as práticas de lazer, destacaram-se: cinema, passeios noturnos com amigos, bem como reuniões na casa de familiares ou amigos. Com alguma frequência, as atividades tais como: dançar, ir a shows e festas, praticar esportes e ir ao *shopping* foram citadas pelos jovens. Um dado que merece atenção é que os jovens colocaram o cinema como local separado do *shopping*; no entanto, a maioria dos cinemas de Belo Horizonte está dentro dos *shoppings*. Portanto, o *shopping* e o cinema se configuram como circuitos significativos para lazer, entretenimento e sociabilidade desses jovens.

Com menor frequência apareceram as seguintes atividades: leitura, ir à igreja, tocar instrumentos musicais, assistir a programas de televisão, jogar *video game*, visitas a museus, exposições de arte, concerto e teatro. Quando passamos às redes de circulação social, verificamos a centralidade da escola na constituição das amizades dos jovens entrevistados, sendo intensa e frequente a convivência destes com os colegas do colégio também nos finais de semana. De modo geral, os dados apresentados caracterizam o perfil desse grupo evidenciando que são jovens que frequentam espaços culturais e de lazer, onde os circuitos de encontro e fruição são locais privados.

QUADRO 3 – Perfil dos entrevistados - 2012

	ALUNO	CURSOS EXTRAES- COLARES	FIM SEMANA	DE AMIZADE	ORIENTAÇÃO RELIGIOSA	INTERCÂMBIO

COLÉGIO X	Juliana	Dança de Salão	Sair com amigos / Estudar / Dançar / Cinema / Ler	Em sua maioria do Colégio	Católica não praticante	Não
	Lucas	Este ano se dedica exclusivamente à escola	Sair com os amigos / Cinema / Estudar / Shows de bandas / Toca violão	Em sua maioria do Colégio	Declarou não seguir nenhuma religião	Não
	Laís	Este ano se dedica exclusivamente à escola	Faz prova / estuda / pratica esportes / cinema	Em sua maioria do Colégio	Agnóstica	Não
	Yanê	Academia	Estuda / Faz prova / Cinema / Frequenta casa de amigos / <i>shopping</i> / Festas	Amigos são do Colégio	Não segue nenhuma religião	Não (morou um período nos EUA e Canadá)
COLÉGIO Y	Pedro	Este ano não	Sai com amigos, joga bola, cinema, shows (sertanejo)	Amigos são do Colégio	Católico não praticante	Sim (Inglaterra e França)
	Gustavo	Este ano não	Filme, Shows, Exposições no Belas Artes	Amigos são do Colégio	Ateu	Não
	Frederico	Judô, natação, tênis, futebol	Jogar futebol, videogame, ver televisão	Primos, amigos do Colégio e de intercâmbio	Católico não praticante	Sim (Inglaterra e Bélgica)
	Giziet	Não	Almoça com a família / Sítio / Encontros na casa de amigos / Filme, joga cartas	Amigos são do Colégio	Acredita em várias coisas	Não
	Thiago Villas	Academia	Festa na casa de amigos / Bar / Casa da avó / Pratica esportes / Cinema	Amigos são do Colégio	Católico não praticante	Não (morou um período na Espanha)
	Alice	Academia	Estudar / <i>shopping</i>	Do Colégio e em	Católica	Não

				Valadares		
COLÉGIO Z	Thiago L.	Não	Estuda / Casa de amigos / <i>shopping</i> / Namora / Shows	Amigos são do Colégio	Declarou não ser religioso	Não
	Letícia	Este ano não	Sai com amigos, familiares / Assiste a filme / Estuda	Amigos são do Colégio e de Ipatinga	Católica não praticante	Não
	Nathália	Balé	Festa / Assiste à TV / Casa da avó / Leitura / Toca piano / Cinema	Melhores amigos são do Colégio em que estudava anteriormente	Católica não praticante	Não
	Sophia	Não	Descansa / Estuda / Assiste à TV / Cinema / Festas / Dançar / Museus	Amigos de infância / Do colégio	Católico não praticante	Não
	Bruno	Toca num de Sinos Igreja	Estuda / Vai à Igreja / Sai com os amigos para cinema e concerto	Amigos são do Colégio e da Igreja	Evangélico Presbiteriano	Sim
	Roberta	Não	Sai com amigos / Usiminas / Teatro (campanha popularização) / Show Rock	Amigos do colégio anterior	Agnóstica	Sim (EUA e Áustria)
	Bárbara	Este ano não	Estuda / sai com amigos / Festa / Aproveita pra dormir	Amigos são do Colégio	Católica	Sim

Fonte: Dados da pesquisa

Além de investir na escolarização formal, as famílias investem também em viagens de intercâmbio. Essa é uma estratégia das famílias dos setores médios que têm a intenção de permitir que os jovens obtenham vantagens no enfrentamento da concorrência do mercado escolar e profissional. Nossos dados mostram que 5 (cinco) dos jovens investigados já

participaram de intercâmbios na Inglaterra, França, Bélgica, Canadá e Áustria, sendo que um deles esteve mais de uma vez fora do País e o que fez intercâmbio na Bélgica morou lá por um ano e estudou regularmente numa escola pública. Outros 2 jovens moraram com as famílias no exterior, um no Canadá e outro na Espanha e também experienciaram vivências escolares nos respectivos países. Portanto, a existência de períodos de residência no exterior, viagens, domínio e utilização de outros idiomas revelam ser um recurso simbólico, um componente do capital cultural e social dessas famílias.

Os dados apontam que este ano, em função do tempo quase integral que os jovens investigados se dedicam aos estudos, a frequência aos cursos extracurriculares é baixa. Apenas 6 (seis) declararam participar de alguma atividade extracurricular. Um aspecto que chama a atenção é que são mais procuradas as atividades extracurriculares que propiciam mais oportunidades de convívio social, sendo a dança de salão, balé e a prática de esportes (incluindo aqui frequência à academia e treino de atividade específica como natação, futebol, judô, tênis) as mais significativas nesse grupo. Apenas Bruno, que é evangélico, se dedica a uma atividade que se distingue das desenvolvidas pelos demais jovens: ele participa de um Coro de Sinos na igreja em que frequenta.

O uso da internet é outro dado significativo no cotidiano desses jovens. As redes sociais são as atividades em que os jovens gastam mais tempo navegando na internet. Esse relevante uso das redes sociais, principalmente do portal de comunicação interpessoal *Facebook*, indica que os jovens vivenciam uma sociabilidade virtual em seu cotidiano, em que se apropriam de diferentes dimensões e experiências. Os depoimentos a seguir são bastante representativos dessa realidade:

Já tem aquela facilidade porque celular já pega *Facebook*. Então, às vezes, quando eu tenho um tempinho eu vou e dou uma olhada pra eu ver o que tem de novo, se alguém mandou alguma coisa importante pra mim (Letícia, 17 anos, Colégio Z).

Sempre que eu posso tô entrando, ando uma olhadinha pra ver se tem alguma coisa nova. Eu acesso *Facebook* pra ver se tem alguma notificação e quando eu quero estudar alguma coisa, *Google*. É basicamente o que eu uso (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Desse modo, a internet é um importante mediador do encontro social desses jovens, tanto na dimensão virtual como também na face a face. Segundo Espírito Santo (2009), os discursos constituídos nas redes “vão constituindo subjetividades juvenis generificadas que às vezes reafirmam posturas e condutas já amplamente divulgadas em diferentes espaços

sociais”. Desse modo, essas subjetividades fazem interface com a escola, família, influenciando e produzindo comportamentos.

1.2.2 Projetos de futuro profissional

Machado e outros (1990), com base em estudos sobre atitudes estudantis de jovens portugueses na década de 1980, desenvolveram um modelo de orientações perante a vida social e pessoal. Esse modelo fundamenta-se teoricamente na combinação de quatro princípios ou orientações subjetivas que podem se articular de diferentes modos, segundo dois eixos: no primeiro contrapõe-se o princípio do investimento no indivíduo ao do investimento no coletivo; e no segundo contrapõe-se o princípio do investimento no dia a dia ao do investimento no longo ou médio prazo.

Uma vez cruzadas, essas dimensões dão lugar a quatro orientações subjetivas perante a vida e a sociedade: um modelo de cotidiano autocentrado, ou seja, um modelo que dá primazia ao cotidiano e aos interesses individuais; um modelo de cotidiano sociocentrado, ou seja, um modelo que dá primazia ao cotidiano com envolvimento social e coletiva; um modelo de projeto autocentrado, ou seja, um modelo centrado num projeto futuro, com primazia do interesse individual e um modelo de projeto sociocentrado, ou seja, um modelo centrado num projeto futuro, com primazia do envolvimento social e do interesse coletivo. Esse tipo de categorização nos parece interessante porque chama a atenção do pesquisador para essas duas dimensões fundamentais: a temporalidade (imediata ou postergada) e os compromissos do projeto (consigo ou com os outros).

Os resultados de nossa investigação revelam uma maioria de respostas de orientação autocentrada tanto na vertente “projeto” quanto na vertente “cotidiano”. Notamos que os projetos de dez de nossos entrevistados são projetos pessoais de obter um bom emprego ou abrir o próprio negócio, de fazer um curso que ofereça mais possibilidades de financeiras e/ou ascensão social, um casamento, uma família do tipo nuclear. Ou seja, eles trazem em seus projetos expectativas bem tradicionais e um desinteresse pelas questões socioculturais.

Eu espero que ela me dê muito reconhecimento. Eu sou muito das pessoas elogiarem. E, não sei, eu quero viver bem, ser feliz (Alice, 17 anos, Colégio Y).

Acho que vai ser um trabalho que eu vou tá feliz em praticar porque é uma coisa que eu gosto. E, querendo ou não, a gente avalia muito a questão do salário, né?! E eu acho que se eu for competente dá pra eu ter uma vida confortável do mesmo jeito que eu levo hoje. E acho que eu seguindo desse jeito eu posso continuar tendo o mesmo padrão de vida que eu tenho (Letícia, 17 anos, Colégio Z).

Eu acho que vai dar muito certo, ainda mais agora que o Brasil tá crescendo e tal. Eu acho que vai ter muito mercado. Emprego não vai faltar. É uma boa escolha (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Dos dezessete entrevistados, somente sete demonstram interesse em desenvolver alguma ação social no futuro. Interessante observar que, desses sete jovens, apenas dois são alunos do Colégio X, uma instituição educacional jesuíta que propaga ser a “responsabilidade social uma das missões da escola”. Os demais jovens são do Colégio Z, que possui uma visão bastante empresarial. Nenhum jovem do Colégio Y, que também é uma instituição educacional franciscana e que, por isso, afirma ser comprometida com a “construção de uma cultura de solidariedade e comunhão”, demonstraram em seus projetos interesse por ações voltadas para o bem coletivo. Outro dado que merece atenção é a relação existente entre o curso superior pretendido por esses jovens e o desejo que eles demonstram de contribuir socialmente com sua formação profissional. Portanto, dos sete jovens que possuem um projeto mais sociocentrado, quatro pretendem cursar Medicina, dois Direito e apenas um pretende ingressar na área de Engenharia.

Eu quero trabalhar em lugar que precisa mesmo, sabe?! Não em hospital chique ou consultório, acho que isso não seria pra mim. [...] Aqui no Colégio Z que tem muita gente que quer Medicina, e eu vejo que nem todas as pessoas, aliás, nem todos os médicos fazem isso por amor à profissão, por vocação. Fazem isso porque querem dinheiro. [...] Eu não quero uma vida de gente rica, esnobe. [...] Não me encaixo nesses lugares. [...] Eu quero conhecer gente nova, gente diferente, pessoas com valores diferentes e essa profissão me dará essa oportunidade (Sophia, 17 anos, Colégio Y).

A Medicina é um curso que traz muita gratificação pra você porque você pode ao mesmo tempo trabalhar no sentido de manter a sua vida, ganhar dinheiro, realização profissional, mas você ajuda as pessoas, mesmo que você seja pago para isso. [...] E eu pretendo fazer trabalhos voluntários, sabe?! As pessoas precisam muito de médicos que sejam competentes, mas que também não cobrem para tudo que eles façam. [...] Então, eu espero da Medicina isso, a realização profissional e a realização pessoal no sentido de ajudar as pessoas (Bruno, 17 anos Colégio Z).

Eu espero poder ajudar as pessoas, me sentir bem com isso. E ganhar dinheiro também, que é importante. E ser feliz também na profissão (Laís, 17 anos, Colégio X).

Ah, eu acho interessante ser médico. [...] Espero que (a Medicina) ajude a satisfazer a minha vontade de ajudar os outros (Nathália, 17 anos, Colégio Z).

Eu espero o que todo mundo quer: realização profissional. [...] Eu espero que eu consiga ajudar as pessoas, que eu consiga melhorar um pouco este cenário sujo e corrupto do Brasil. [...] Eu gosto de fazer trabalho voluntário, me faz sentir bem. Mas se eu fizesse a vida inteira ia acabar me deprimindo. Você já fez? Nossa, é muito pesado! Eu fico baixo astral depois de algum tempo. Asilo é uma coisa muito baixo astral. [...] Eu quero mudar algumas realidades [...] acabar com a corrupção, colocar político filho da puta na cadeia (Roberta, 17 anos, Colégio Z).

Acho que se seguindo uma carreira, com realizações tanto nessa carreira quanto nas relações de família. Poder participar de alguma ajuda social, acho isso muito importante. Hoje eu não faço nada, mas eu gostaria. Eu penso que seria muito legal. Ajudar alguma ONG, alguma associação, mesmo que seja só com a presença (Bárbara, 17 anos, Colégio Z).

[...] a promotoria, que é o que mais me chama a atenção, é um trabalho muito interessante, porque ele é o advogado da sociedade, ele é o que tá ali pra defender a sociedade. Então, ela é uma profissão que te dá liberdade e que te proporciona melhorar de forma expressiva o entorno de onde você mora. Ele te dá oportunidade pra você fazer a lei ser cumprida. E a pessoa que não cumpre ser punida, julgada de verdade. Então, isso é algo que eu valorizo no trabalho. E se numa empresa, existe a probabilidade de dar errado, mas no meio do trabalho você pode combater algumas injustiças e algumas falcaturas, digamos assim, que existem no mundo, que o brasileiro adora passar o outro pra trás. Ao contrário de outras nações, o brasileiro até se gaba de que passou o outro pra trás, ele acha bonito quando ele consegue a artimanha de que o que ele fez deu certo. Então, isso é uma coisa que no escritório você sendo um advogado de uma pessoa física ou de uma pessoa jurídica, você pode combater, você pode brigar para que isso acabe, ou pelo menos para que você possa administrar o seus casos nisso (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Quando foi instado a falar sobre o que gostaria de ser caso pudesse escolher fazer qualquer coisa na vida, Lucas respondeu que seria chefe político do Brasil. Esse desejo explicitado corrobora com a declaração mencionada acima, em que Lucas demonstra possuir algum projeto de orientação mais sociocentrada.

Eu acho que... Nossa! É difícil! Talvez eu queria ser líder de um país, do Brasil, porque aí você de fato tem o poder de mudar as coisas. Aí o poder está em suas mãos, mesmo, de verdade! Se você é o presidente ou líder de qualquer país, você tem o país nas suas mãos, você governa o país da forma que você achar correta pra aquele povo e para o desenvolvimento daquele país. Eu acho que com isso eu poderia melhorar demais o país, mudar erros que são fundamentais e que às vezes a gente se depara e não sabe nem como que em pleno século XXI ele ainda ocorre. Então, eu acho que isso é uma coisa que eu faria com muito gosto (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Raísa Ojala, em sua tese *Projetos de futuro de universitários do Distrito Federal: um estudo de caso*, apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade Nacional de Brasília em 2008, estruturou sua análise em duas dimensões da orientação profissional dos jovens: a dimensão motivacional e a dimensão espaço-temporal, sendo que cada uma possui duas pontas.

Na dimensão espaço-temporal há a ponta “concreto” e a ponta “abstrato”. Os planos feitos na ponta “concreto” tendem a ser razoavelmente realísticos e realizáveis a curto prazo. Na outra ponta, a “abstrata”, os planos são mais vagos e feitos a longo prazo (OJALA, 2008, p. 184).

Na dimensão motivacional há a ponta “materialista” e a ponta “pós-materialista”. Chama-se materialista a motivação que está conectada à ideia de ascensão social. Quanto à profissão, o que conta é a compensação financeira, ou seja, a motivação para trabalhar vem da valorização dos recursos financeiros proporcionados pelo emprego. Na motivação pós-materialista são mais importantes a autorrealização e a realização profissional (OJALA, 2008, p. 185).

A autora conclui, em suas pesquisas, que os grupos de jovens que se configuram dentro da orientação com dimensão espaço-temporal concreto e motivação materialista são, em sua maioria, aqueles que vêm de camadas sociais menos privilegiadas. Para esses jovens, a instabilidade da era moderna aparenta apresentar uma ameaça. A situação financeira mais escassa da família de origem direciona esses jovens a procurarem alternativas mais seguras para o futuro, portanto as expectativas em relação ao curso superior não ultrapassam os limites do âmbito pessoal. Já os jovens que se enquadram dentro da dimensão espaço-temporal abstrata e motivação “pós-materialista” (autorrealização e realização profissional) vêm de uma camada social e culturalmente dominante. Para Ojala (2008), os jovens oriundos das classes mais privilegiadas aparentam gozar de certa imunidade quanto às inseguranças do mercado de trabalho. Como não precisam se preocupar com as condições mínimas necessárias para a sobrevivência podem assumir o risco de agir num mundo de “escolhas plurais”, construir e reconstruir suas biografias de acordo com as alternativas disponíveis a cada momento (OJALA, 2008, p. 207). Para esses jovens que incluem um aspecto identitário aos projetos de ocupação profissional, o mundo é um campo aberto de possibilidades de autorrealização. No entanto, a autora chama a atenção para as pressões exercidas pelo meio social, pois a orientação coletiva do grupo de pares e o modelo dos papéis de gênero também exercem uma influência sobre os projetos de vida dos estudantes.

Curioso é que nossos dados diferem dos resultados apresentados por Ojala (2008). Na pesquisa que empreendemos com os jovens mineiros dos setores médios, percebemos que, mesmo se tratando de um grupo de origem social privilegiada e que não trabalha, seus projetos de futuro profissional são elaborados predominantemente sob a orientação da dimensão espaço-temporal concreto, ou seja, projetos a curto prazo, mas com motivação tanto materialista quanto de autorrealização e realização profissional.

Em relação à dimensão espaço-temporal concreto é interessante observar que, mesmo num grupo privilegiado como o que estamos analisando, esse fenômeno se manifesta. Assim, mesmo tendo relativa proteção quanto ao futuro, às suas condições relativamente privilegiadas de inserção no mercado de trabalho (depois de concluído o ensino superior em

instituições de prestígio, dominando línguas estrangeiras e, muito provavelmente, portando diplomas de pós-graduação), esses jovens se eximem de projetos a médio e longo prazo e falam de futuro como algo nebuloso, imprevisível.

Os depoimentos a seguir expressam claramente essa mutabilidade dos projetos de futuro:

[...] a vida vai tomando rumos que a gente não espera. Por enquanto, eu pretendo fazer Direito, mas depois eu não sei quais as oportunidades que podem aparecer (Pedro, 17 anos, Colégio Y).

Aí é pergunta difícil! Essa eu não vou saber te responder não. Ah, eu não sei porque, tipo assim, tem o futuro a longo prazo e o futuro a menor prazo. Aquelas coisas, tipo assim, que eu pretendo fazer logo depois da faculdade, aquela vida quando você for mais velho, casar, essas coisas. Não sei! Esse é o tipo de coisa que eu não penso muito. Eu vou deixando as coisas acontecerem e aí quando o dia chegar eu vou descobrir, ou não, né?! (Laís, 17 anos, Colégio X).

Olha, certeza eu acho que eu não tenho de nada. Até porque essa idade em que nós escolhemos é muito cedo ainda (Gustavo, 17 anos, Colégio Y).

Ah! Eu nunca imaginei um futuro ideal. [...] Ah! Acho que eu vou tá, não sei, empregado. Eu não penso muito assim, eu não me preocupo muito! (Frederico, 18 anos, Colégio Y).

Eu não sei o que eu vou tá exercendo porque eu sou muito de fazer o que eu quero na hora. As minhas decisões são do tipo: “vamos decidir o que eu quero agora e o resto a gente vê mais tarde”. Esse trem de ficar planejando não dá muito certo. Cê acaba se decepcionando porque as coisas saem da linha (Roberta, 17 anos, Colégio Z).

Conseguir passar na faculdade porque eu acho que é o principal por enquanto. Depois correr atrás de um emprego que é a minha cara (Nahália, 17 anos, Colégio Y).

É, portanto, no curto prazo que os entrevistados apresentam algum conforto de atuação e até mesmo de capacidade de planejamento. O curto prazo é problematizado e ganha lugar de destaque para esses jovens. Seu campo de ação se sustenta nessa noção e seus planos se referem a ações mais imediatas para questões que estão prestes a surgir em suas vidas: escolher um curso superior e entrar na universidade. Ou seja, eles buscam realizar projetos imediatos, até porque a urgência e o estresse do vestibular são tamanhos que não há espaço na vida deles para se pensar mais à frente. Os próprios Colégios orientam que só pensem no vestibular. Ainda, conforme Leccardi (2005), em resposta às condições adversas de futuro profissional os jovens se ligam à conclusão positiva de atividades já iniciadas no intuito de dar uma resposta tanto à necessidade de assenhorear-se do tempo biográfico em um ambiente veloz e incerto, como à pressão social por resultados em curto prazo.

Os depoimentos a seguir, acerca do que para eles seja sucesso profissional corroboram a ideia defendida anteriormente de que para os jovens investigados tanto a motivação materialista quanto a motivação de autorrealização e realização profissional estão presentes na elaboração de projetos profissionais de orientação autocentrada. O sucesso profissional é percebido como a possibilidade de realização individual e de reconhecimento. Segundo Machado e outros (1990), um projeto autocentrado é aquele em que o indivíduo busca investir cotidianamente no sentido de vir a alcançar uma situação de bem-estar estável e duradoura, fazendo que a sociedade gratifique a sua determinação e o seu espírito de iniciativa (MACHADO et al, 1990, p. 214).

Para nossos entrevistados, o reconhecimento aparece como a base fundamental do sucesso e esperam que os talentos e os potenciais que acreditam ter sejam reconhecidos. E assim, o retorno financeiro e o crescimento profissional viriam como consequências naturais para os bons profissionais. Assim, o reconhecimento aparece para os entrevistados como uma forma diferenciada de buscar sentidos, não necessariamente ligada às profissões que possuirão, mas como maneira de confirmar as características que eles acreditam ter e assim, funcionando como mecanismo para sua construção subjetiva.

Ganhar dinheiro e ser feliz. Os dois juntos. Não separados (Thiago L., Colégio Z).

Ser feliz no que você faz. Ser bem remunerado também é importante. E ser reconhecido no mercado, ser reconhecido pela família. Todos saberem que você é um bom profissional, um profissional competente (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Ter uma renda boa. Ter uma aceitação social. Ter os meus clientes. Ter reconhecimento das pessoas pelo trabalho que cê faz. Algo que você é conhecido por fazer bem, que você sabe. Que você tá bem consigo mesmo porque você sabe que faz bem, que aquilo é o melhor que você faz e é bom (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Acho que é cê ser respeitada pelo que você faz e as pessoas ao seu redor reconhecerem o seu trabalho, seu esforço e o que você faz pelo seu emprego (Letícia, 17 anos, Colégio Z).

Ter um trabalho que você goste e que te dê dinheiro suficiente pra você fazer o que você precisa e goste de fazer (Nathália, 17 anos, Colégio Z).

[...] Tem a questão do salário. Eu acho que você tem que ter um salário que seja satisfatório pra você. Mas eu considero que se você tiver que sacrificar alguma coisa do seu salário pra saber que você tá fazendo a coisa mais certa, eu acho que isso é sucesso profissional, entende?! Em tudo que você faz você vai ter oportunidade de fazer coisas que não são lícitas, fazer coisas que vão contra alguns de seus princípios morais, entende?! Eu acho que quando você se abdica de se dar melhor por causa disso, você tá sendo bem sucedido. A satisfação maior do trabalho é saber que você está fazendo o seu melhor e que o seu melhor é bom, entende?! Que o seu melhor tá trazendo alguns benefícios pra sociedade, pra você, pra todo mundo (Bruno, 17 anos, Colégio Z).

TABELA 1 – Sucesso profissional - 2012

O que considera sucesso profissional?	Frequência⁴
Ser bem remunerado	9
Fazer o que gosta / Se sentir realizado / Satisfação pessoal	9
Ter reconhecimento / Aceitação social / Ser respeitado	8
Não trabalhar demais	1
Ser feliz	1
Não ter preguiça	1
Fazer coisas lícitas, ainda que isso prejudique seu salário / Contribuir para a sociedade	1

Fonte: Dados da pesquisa

Entretanto, na fala de Juliana, percebemos a presença da “estratégia de indeterminação”, conceito utilizado pela socióloga espanhola Amparo Lásen (2001) que significa uma capacidade do indivíduo de ler a incerteza do futuro como multiplicação das possibilidades virtuais. Em virtude disso, o que Juliana entende por sucesso profissional revela uma ausência de projetos específicos.

Não sei [risos]. Talvez seja chegar ao topo? Mas será que uma carreira tem um topo? Será que a pessoa vai ficar satisfeita? E será que ela vai enxergar que ela atingiu o topo? Não sei. Sucesso profissional eu acho que você pode alcançar tanto no início de sua carreira quanto no final dela, porque sucesso profissional acho que ele vai mudando. Tipo assim, ele vai ser um pra determinado período da carreira. Quando tá no início, tipo assim, quando cê tá estagiando, seu sucesso profissional naquele momento pode ser um ótimo estagiário. Mas se você já tá 30 anos de formado, vamos supor que cê seja um advogado, seu sucesso profissional pode ser assumir uma empresa, mesmo que pequena. Entendeu? (Juliana, 17 anos, Colégio X).

A autora aponta também que o investimento em educação é considerado pelos jovens socialmente menos favorecidos como a melhor aposta para enfrentar o mercado de trabalho e para ascender ou manter a posição ocupada na estratificação social. Entretanto, essa estratégia

⁴ Os números indicam a frequência com que cada unidade de significado foi encontrada nas entrevistas. O mesmo entrevistado menciona mais de um significado.

é também, para os jovens que entrevistamos, uma importante arma na luta pela manutenção e ascensão social.

Eu pretendo continuar estudando, sempre. E, esforçar pra ser melhor. Acho que é só assim que você consegue avançar. Eu sei que eu quero estudar, quero fazer pós-graduação, doutorado, tudo! (Alice, 17 anos, Colégio Y).

Eu nunca quero parar de estudar, entendeu?! Eu quero estudar pro resto da minha vida e aproveitar todas as oportunidades de mestrado, doutorado, pós-doutorado. Cursos no exterior, eu acho que pela área que eu estou escolhendo é muito importante, trabalhar com outras línguas, fazer especializações em outros países. Então, eu pretendo continuar estudando pro resto da minha vida. Eu pretendo também fazer um outro curso, eu não quero ter um curso só (Gustavo, 17 anos, Colégio Y).

Estudar. Eu acho que se você estuda, se você dedica você consegue progredir cada vez mais, eles vão reconhecer o tanto que você sabe e vão acabar reconhecendo o tanto que você se dedicou, o tanto que você se esforçou pra tá lá e você vai progredir (Yanê, 17 anos, Colégio X).

Os dois [pais] eram bem pobres antes de casar. Meu pai só conseguiu estabilidade quando meu avô passou num concurso público. Minha mãe passou dificuldade. O que eles conseguiram foi por conta deles, não teve herança, não teve nada. Foram eles por eles (Thigo L., 17 anos, Colégio Z).

Ambos [pais] vieram de uma classe mais humilde. Mas eles são extremamente inteligentes. Tipo assim, eles estudaram muito e conseguiram bons empregos (Juliana, 17 anos, Colégio X).

Thiago L. difere dos demais jovens quando aponta que estudar é para ele um prazer, é algo que vai além da obrigação escolar e das estratégias de atingir um *status* de empregabilidade. Ele lamenta o fato de ter que, no Ensino Superior, restringir o seu campo de estudos, pois gostaria de ter sempre contato com todas as áreas do conhecimento.

Estudar. Eu queria estudar. Diferente da maioria das pessoas, me dá prazer vir pra uma aula que eu acho legal. Eu gosto de estudar. Se em algum momento eu tive dúvida em Exatas é porque eu queria estudar outras coisas, estudar mesmo, saber o que é. E gosto. Pra mim se eu pudesse estudar o tempo todo, perfeito! [...] A sociedade cobra da gente especializar em alguma coisa. As pessoas querem pessoas que têm conhecimentos específicos e que saibam lidar com situações específicas. Então, fica difícil ser muito geral. Ninguém vai te querer como empregado. Mas isso eu levo pra minha vida pessoal (Thiago L., 17 anos, Colégio Z).

Ao considerar a elaboração de projetos na juventude, tendo em vista o contexto francês, Boutinet (2002) destaca a existência de três tipos de projeto: projeto de orientação (curto prazo), projeto de inserção (médio prazo) e projeto de vida, sendo esses tipos em parte autônomos, em parte interligados.

O projeto de orientação (curto prazo) depende muito da escolarização anterior, especialmente de seu êxito; e, em menor grau, das aspirações e motivações. Alunos com “projeto escolar determinado”, segundo o autor, possuem êxito escolar e se encontram em condições mais valorizadas na escola, se comparados aos alunos com “projeto vago”, aos “sem projeto” ou que almejam encurtar o tempo de estudo para se dedicar a alguma profissão.

Sobre o “projeto de inserção”, ou de “orientação profissional a médio prazo”, Boutinet verificou que alunos com menos êxito escolar, ou que procuram atividades menos valorizadas socialmente, definem com precisão esse tipo de projeto. Aqueles que fracassam totalmente na escola agem como sendo “sem projeto”. Já os alunos com bom desempenho escolar, em geral, comportam-se de forma semelhante aos “sem projeto”, pois seu referido projeto profissional é vago ou inexistente, tentando adiá-lo ao se apegar aos estudos.

Quanto ao “projeto de vida”, envolveria planos direcionados a um período maior e à definição de estilos de vida por parte de cada sujeito. Em geral referem-se a temas como casamento, celibato, militância, dentre outros. Por fim, o autor ressalta a necessidade de levar-se em conta a relação entre a elaboração de projetos pelos indivíduos e o que o contexto sociocultural oferece em termos de possibilidades para sua realização.

Considerando a análise de Boutinet (2002), observamos em nossa pesquisa que os jovens investigados possuem um “projeto escolar determinado”, pois apresentam trajetórias escolares marcadas tanto pela passagem por escolas privadas que gozam de um certo prestígio acadêmico e social quanto pela ausência de reprovação nas mesmas, o que é um fato importante a ser considerado uma vez que essas escolas são conhecidas pelo alto nível de exigência em suas avaliações de desempenho escolar.

Schuda (2005) identificou que o projeto de inserção do jovem no mercado de trabalho se constrói sobre a qualidade da trajetória escolar e a situação socioeconômica da família de origem. Segundo esse autor, existem duas grandes estratégias de construção de projeto de inserção social: a estratégia de aprender fazendo, ou seja, o aprender trabalhando e a estratégia meritocrática. As famílias de piores condições socioeconômicas assumem desde cedo uma identidade que se constrói na experiência de trabalhar. Já os jovens que adotam a estratégia meritocrática valorizam a educação, independentemente de sua situação socioeconômica, e consideram-na um instrumento efetivo para ascender a melhores posições no mercado de trabalho, percebido por eles como hostil e competitivo.

Assim, esses jovens portadores de trajetórias escolares bem sucedidas e qualificadas estão entre os que têm melhores condições de percorrer a trajetória de inserção profissional que Schuda (2005) denomina de meritocrática. Segundo o autor, os jovens que assumem a

estratégia meritocrática são aqueles que alcançam o Ensino Médio com condições de concluí-lo dentro de um padrão de qualidade tal que lhes permita a continuidade dos estudos em nível superior em instituições e cursos de reconhecida qualidade e que valorizam a educação como um instrumento para alcançar melhores condições no mercado de trabalho. Portanto, todos os jovens entrevistados corroboram a análise de Schuda (2005). Observa-se, portanto, a valorização da educação e, de maneira muito forte, da qualificação como instrumento de ascensão ou manutenção da posição social.

Entretanto, em relação ao “projeto de inserção” ou “orientação profissional a médio prazo”, eles acabam por se comportar como os jovens “sem projeto”, ou com “projetos vagos” pois, segundo Boutinet (2002), esse perfil de jovem se apegua aos estudos para adiar a elaboração de projetos profissionais. De fato, nossos entrevistados apresentam pouca ou nenhuma estratégia de ação para tornar seus projetos efetivos.

Pedro afirma que depois de terminar o Ensino Médio pretende cursar Direito. Entretanto, ele revela que só recentemente começou a pensar num projeto profissional.

Até um, dois anos atrás, na verdade eu nunca tinha parado pra pensar muito em questão de profissão, o que se fazer depois do Colégio. Eu sempre fui muito preso ao Colégio, sempre estudei aqui, então, nunca tive uma noção da vida lá fora, digamos assim. Mas quando cheguei no Ensino Médio comecei a pensar (Pedro, 17 anos, Colégio Y).

A estratégia encontrada por eles é a de viver um dia de cada vez, como nos mostra Thiago L., que, ao ser questionado sobre o que pretende fazer após a conclusão do Ensino Superior, afirma:

Eu pretendo fazer essa escolha do que fazer depois quando eu estiver estudando, pra saber melhor com o que eu tô mexendo (Thiago L., 17 anos, Colégio Z).

Guerreiro & Abrantes (2005), a partir da análise de projetos/trajetos de vida, propõem sete padrões diferenciados de transição para a vida adulta na sociedade portuguesa atual: transição profissional, transição lúdica, transição experimental, transição progressiva, transição precoce, transição precária e transição desestruturante.

Para os autores no modelo de transições profissionais, os jovens caracterizam-se por um investimento quase exclusivo no trabalho, nos primeiros anos, relegando os projetos familiares ou de lazer para um futuro mais ou menos longínquo. Nas transições lúdicas os jovens caracterizam-se por um longo período pós-adolescente destinado a viver longos trajetos de escolaridade e inserções precárias e/ou temporárias no mercado de trabalho, que

não implicam grandes compromissos e responsabilidades. As transições experimentais caracterizam-se por uma sucessão de configurações de vida temporárias e imprevisíveis, como opção de vida ou como período de experimentação antes de “assentar”, casar e ter filhos. As transições progressivas são formas de transição relativamente lineares e programadas, na qual o percurso de escolaridade antecede a progressiva integração profissional e a esta sucede a constituição de família. As transições precoces correspondem à passagem rápida e numa idade precoce de um estatuto de dependência da casa dos pais, ao estatuto de trabalhador, em vida conjugal, muitas vezes com filhos e desejavelmente (mas nem sempre) em casa própria. Nas transições precárias os jovens fazem parte da massa de “trabalhadores descartáveis”, que se encontram hoje na área cinzenta entre a inserção efetiva no mercado de trabalho e de inserção de longo prazo. O modelo de transições desestruturantes é caracterizado pela incapacidade para a construção de uma transição para a vida adulta e independente, mergulhando em espirais de exclusão social, com a quebra de uma série de vínculos sociais e, potencialmente, sentimentos de depressão aguda e/ou experiências de marginalidade social.

Analisando os depoimentos dos jovens investigados em relação ao que pretendem fazer ao concluírem o Ensino Médio e o Ensino Superior e, ainda, como imaginam suas vidas quando forem adultos, percebemos que, para eles, a possibilidade efetiva de inserção profissional só é cogitada após a conclusão do Ensino Superior. Portanto, é predominante em seus projetos de transição para a vida adulta o que Guerreiro & Abrantes (2005) chamam de transições progressivas.

Todos os entrevistados, sem exceção, afirmam que após concluírem o Ensino Médio pretendem ingressar na universidade, preferencialmente em universidades federais. Quanto aos projetos relativos ao período imediatamente posterior à conclusão do Ensino Superior, encontramos tanto planos de inserção imediata no mercado de trabalho quanto o desejo de aperfeiçoar a formação fazendo cursos de pós-graduação, que pode ser pensada tanto como um adiamento do enfrentamento do mercado de trabalho como por necessidade crescente de aquisição de mais e mais competências e títulos para viabilizar o acesso a melhores postos de trabalho. Os que falam do ingresso imediato no mercado de trabalho não demonstram temor, insegurança. Parece que tem como assegurada a sua inserção.

Se eu fizer Direito eu vou fazer MBA em Gestão de Negócios. E aí eu vou ficar uns dez anos trabalhando assim, meio que fazendo o nome na praça. E aí eu vou tentar abrir uma empresa de advocacia. Se eu fizer Economia, eu pretendo fazer mestrado. Mestrado baseado, na verdade, em Jornalismo, porque aí eu tentaria puxar mais alguma coisa tipo assim jornalismo econômico. Alguma coisa assim. E aí eu ia

trabalhar nessa área. [...] Se eu fizer MBA em Direito é porque eu quero abrir uma empresa. E o MBA, não necessariamente o MBA, mas a especialização, pra você abrir uma empresa é fundamental. Mesmo se eu fosse só ser advogada teria que ter outro tipo de especialização. E eu realmente tenho essa vontade de abrir uma empresa de advocacia (Juliana, 17 anos, Colégio X).

Eu não sei, às vezes fazer um outro curso superior [...] já que eu vou tá com meus pais mesmo. Ou então, já começar a trabalhar com Arquitetura e deixar isso pra depois quando ficar mais velha. Porque tem áreas mais específicas que a gente pode voltar. Eu gosto muito da área de planejamento urbano, de crescimento de cidade, de plano diretor (Giziet, 16 anos, Colégio Y).

Primeiro eu vou procurar emprego em construtora, que é a parte que eu acho mais legal e eu não sei ainda em qual área eu vou querer atuar. Mas eu tenho muito interesse no planejamento. Então, eu acho assim, que primeiro eu vou procurar nessa área. Mas aí eu tenho que ver também ao longo do curso porque Engenharia Civil tem muita atuação que eu nem conheço assim. Então, quem sabe eu tenho interesse por outra coisa?! (Letícia, 17 anos, Colégio Z).

Então, é um campo vasto, né?! Eu penso em duas coisas, na verdade. Eu acho que eu posso seguir uma carreira como promotor ou juiz, que é algo do Estado, que vai me dar uma certa estabilidade de emprego, né?! [...] Ou eu pretendo, eu tenho vontade de abrir um escritório (Lucas, 17 anos, Colégio X).

[...] meu pai tem uma empresa de Engenharia paralela à que ele trabalha e talvez eu dê continuidade à empresa. Eu queria ser dono do meu negócio porque eu odeio receber ordens. Prefiro não ter horário, acho que ia dar mais certo (Tiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Então, quando eu for fazer faculdade eu pensei em fazer um curso profissionalizante que é Designer de Construção Civil, que aí eu aprendo pelo menos a nivelar terreno, essas coisas. E aí eu já saio com uma coisa a mais que os outros arquitetos que vão sair comigo. Aí eu pensei em fazer um mestrado, um doutorado, uma coisa assim, mas nada muito certo não (Yanê, 17 anos, Colégio X).

Planos de constituição de família só aparecem quando indagados como se imaginam quando estiverem com 35, 40 anos.

Vestindo branco, com uma casa boa, acho que eu vou ter uns dois filhos. Trabalhando de 9h às 17h, se Deus quiser! (Alice, 17 anos, Colégio Y).

Assim, trabalhando. Viajando muito nas férias. Casada já. Posso tá com um filho, quase tendo um segundo (Nathália, 17 anos, Colégio Z).

Se eu tiver casado, eu imagino que eu já vou ter um filho e espero tá tudo certo no casamento (Thiago L., 17 anos, Colégio Z).

Casada, se Deus quiser. Com 35, 40 eu quero ter dois filhos e já com a minha empresa (Yanê, 17 anos, Colégio X).

Fazendo as contas, eu vou ficar uns 10, 12 anos estudando, né?! Então, lá para os 35 anos vai ser início de carreira. Então, eu não tenho nenhum plano sensacional para 35 anos. Eu acho que eu vou tá trabalhando muito e formando minha família (Bruno, 17 anos, Colégio Z).

Eu espero, se Deus quiser, já estar formada e fazendo algum mestrado, alguma coisa assim. Com uma família, morando na minha casa (Bárbara, 17 anos, Colégio Z).

Eu acho que eu vou ter uma família. Eu tenho muita vontade de ter uma família minha e tenho vontade de continuar os vínculos com a minha família que são muito importantes pra mim e continuar com algumas das amizades que eu tenho hoje (Sophia, 17 anos, Colégio Z).

Eu acho que eu vô tá casado, talvez. [...] tendo uma vida tranquila, tendo estabilidade de emprego, podendo proporcionar aos meus filhos, se eu os tiver, uma boa vida pra eles também, uma boa educação, uma boa escola (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Somente uma jovem declarou não querer se casar e ter filhos.

O ato matrimonial é uma coisa imposta pela sociedade. Por que eu preciso assinar um pedaço de papel pra poder falar que eu vou amar uma pessoa pro resto da vida? É tão desnecessário! Eu não quero ter filho porque [risos] eu gosto de criança, mas não é o que eu quero pra mim (Juliana, 17 anos, Colégio X).

Percebemos, portanto, que predomina entre os jovens entrevistados a representação tradicional ou “representação hegemônica” (SOUSA, 2007) de “ser adulto”. Segundo Pais (1993), a sociedade estabelece a relação adulto/responsabilidade. Um adulto é considerado “responsável” quando responde a um conjunto determinado de responsabilidades: de tipo ocupacional (trabalho fixo e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por exemplo) ou habitacional (despesas com habitação e aprovisionamento). E acrescenta que, a partir do momento em que os jovens vão contraindo essas responsabilidades, vão adquirindo o estatuto de adulto.

A seguir, na Tabela 5, apresentamos um quadro de unidades significantes associadas ao “ser adulto” pelos jovens investigados.

TABELA 2 – Significado de “ser adulto” - 2012

O que significa “ser adulto”?	
Significados	Frequência⁵
Constituir família própria	16
Autonomia financeira / Independência	14
Assumir responsabilidades / Solucionar problemas	11

⁵ Os números indicam a frequência com que cada unidade de significado foi encontrada nas entrevistas. O mesmo entrevistado menciona mais de um significado.

Uma fase igual a qualquer outra	3
Ter coragem / força	1
Perder visão romântica e idealizada em relação à vida	1

Fonte: Dados da pesquisa

Autonomia financeira, responsabilidade e capacidade de resolver problemas se misturam nas representações dos jovens sobre a vida adulta. Portanto, essa “representação hegemônica” do adulto é predominante entre os jovens investigados. Para eles, a maior habilitação para o mundo adulto é a autonomia financeira. A entrada no mercado de trabalho aparece, então, como uma credencial necessária para ser responsável e se tornar adulto, uma vez que o trabalho surge como patrocinador dessa experiência.

Eu acho que [ser adulto] é assumir as responsabilidades. Começar a ter a sua vida separada dos seus pais. Quando geralmente você começa a pagar a conta e começa a ter os problemas não resolvidos por eles, você começa a ter que encarar tudo de frente, cê passa a ter as responsabilidades, cê passa a ser adulto, a ter a maturidade de um adulto (Laís, 17 anos, Colégio X).

Ser adulto é ter um carro, um emprego e ser independente (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Eu acho que [ser adulto] é pagar as contas. Eu acho que é você conseguir viver do que você produz (Alice, 17 anos, Colégio Y).

Ser adulto, acho que arcar com suas responsabilidades. Pagar suas contas. A partir do momento que se paga as contas, mora sozinho, acho que a gente vira adulto mesmo (Pedro, 17 anos, Colégio Y).

[Ser adulto] É ter independência financeira. No momento que eu conseguir isso eu vou ser adulta, vou ser maior de idade, porque eu tô louca pra poder conseguir independência financeira dos meus pais, pelo amor de Deus! (Giziet, 16 anos, Colégio Y).

Acho que [ser adulto] é ser independente. Acho que a partir do momento que eu não morar mais no apartamento dos meus pais. [...] Acho que é não depender financeiramente da minha família. Acho que é isso (Letícia, 17 anos, Colégio Z).

Ser adulto é você ter independência e saber lidar com o mundo. Você não precisar ficar se apoiando em alguém o tempo todo. Cê não precisar ficar pedindo ajuda ou pedindo que as pessoas façam pra você o tempo todo. É você encarar o mundo. É você ter coragem e ter força e responsabilidade pra lidar com todo mundo. Cê ser independente (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Ser adulto é ser independente. Ter sua própria renda, conseguir fazer as coisas que você quer com o seu próprio mérito mesmo (Sophia, 17 anos, Colégio Z).

Eu acho que [ser adulto] é ter muitas responsabilidades. Tem que saber lidar com muita coisa, né?! Tem que ter cabeça firme, tem que ter punho firme pra muitas

decisões que você não pode voltar atrás. Tem que saber tomar as decisões certas (Bárbara, 17 anos, Colégio Z).

Já Juliana e Yanê questionaram essa opinião dominante, pois, se “assumir responsabilidades” é o que define o *status* de adulto, então, pode-se afirmar que a vida adulta “é uma fase igual a qualquer outra”, pois, desde a juventude, existe a presença de responsabilidades. Elas introduzem outra variável para a definição de adulto, não centrada no aspecto financeiro, mas na ética.

Falar que ser adulto é ter mais responsabilidade, não! A gente tem responsabilidade agora, só não tem muito onde aplicar ela, mas a gente vai ter que ter a mesma responsabilidade lá. Uma pessoa que hoje é babaca, vai ser um adulto babaca. Pouco provável que ela mude assim. Então, uma pessoa que tem responsabilidade hoje, provavelmente vai ser um adulto responsável (Juliana, 17 anos, Colégio X).

Eu acho que tem muita gente de 12 anos que consegue ser mais responsável do que uma pessoa de 40, pois sabe o que tá fazendo, sabe o que é errado, sabe o que é certo e não vai fazer o errado. Toma, realmente, atitude sobre seus atos. Se fez uma coisa errada fala que fez, admite, e arca com as consequências (Yanê, 17 anos, Colégio X).

Para Roberta, a certeza de que um dia terá sozinha que enfrentar os desafios da vida adulta faz com que ela procure viver intensamente o presente, mas ciente de que é impossível viver eternamente longe dos afazeres e das responsabilidades que a vida adulta lhe conferirá. Então, com o intuito de adiar sua inserção profissional para que não se veja obrigada a assumir as responsabilidades de um adulto e, com elas, os elementos enfadonhos do trabalho, alguns jovens procuram viver percursos escolares mais prolongados. A fala de Roberta, a seguir, deixa clara essa estratégia.

Eu acho que eu vou demorar pra formar. Eu acho que eu vou trancar a faculdade, viajar. Vou fazer muita coisa antes de formar porque eu tenho certeza que quando eu começar a trabalhar eu vou trabalhar muito. [...] Eu tenho a pretensão de aproveitar uma vida mais leve, de viajar, de ter um tempo pra mim antes de formar (Roberta, 17 anos, Colégio Z).

Para quatro dos jovens investigados, a imagem da vida adulta enquanto fase de aquisição de estabilidade, idade de referência e fase da concretização das ambições e projetos definidos na vida familiar e profissional deve ser questionada. Eles afirmam não perceber diferenças significativamente marcantes entre os conflitos vividos pelos jovens e pelos adultos. Portanto, a vida adulta não é, para eles, apromblemática.

Eu acho que [o adulto] é um adolescente que ao mesmo tempo é mais maduro e ao mesmo tempo mais cabeça fechada. Eu tinha certeza que os adultos eram muito bem resolvidos e eu era bem ansiosa pra ser adulta, pra eu ter a cabeça no lugar. Mas, vocês são tão desorientados quanto a gente! [risos] Depois de um tempo você percebe que continua tendo dúvida, continua replanejando a vida, continua com novos planos, arrependendo dos antigos. Vocês não são muito mais equilibrados que a gente, sabe?! Só parece ser! (Roberta, 17 anos, Colégio Z).

Pra mim ser adulto envolve muitas coisas. Eu não acho que depois que eu fizer 18 anos eu vou ser adulto. Vou ser jovem. Adulto pra mim envolve independência, envolve ter uma vida além do que é a sua família, entende?! Ser adulto envolve muito capacidade de resolver problemas. Os adultos têm milhares de problemas, a gente fica reclamando muito dos problemas que a gente tem na escola, mas são problemas que a gente sabe o que fazer, como resolver e tal e a gente reclama pra caramba. Mas os adultos têm esse monte de responsabilidade e desafios que eles muitas vezes não sabem resolver (Bruno, 17 anos, Colégio Z).

Quando a gente vai percebendo as coisas vão mudando. Não consigo ver que coisas vão mudar daqui pra frente. Ser adulto é saber que você tem responsabilidade. Acho que é só. O resto não fica muito diferente do que você era não (Thiago L., 17 anos, Colégio Z).

Eu sinto que todos esses questionamentos que são classificados hoje em dia, que são atribuídos à adolescência como sendo a rebeldia, isso é uma característica nossa, não do adolescente ou do jovem, mas do ser humano mesmo. Quando você vira adulto, você aprende a ignorar isso de certa forma e aceitar, cancelar essa visão mais romântica, idealizada. Acho que é isso que acaba acontecendo mesmo. É inevitável (Gustavo, 17 anos, Colégio Y).

Percebemos, portanto, que ainda que a “representação hegemônica” seja predominante tanto na sociedade portuguesa investigada por Sousa (2007) quanto para nossos entrevistados, ela coexiste com a representação de “adulto inacabado”, utilizando a expressão cunhada por Boutinet (BOUTINET, 2000 apud SOUSA, 2007). Dentro dessa representação, o adulto é percebido como um sujeito em permanente desenvolvimento e experimentação.

1.3 A escolha do curso superior: projeto claro, mas de curto prazo

“Cada pessoa só é capaz de dizer ‘eu’ se e porque pode, ao mesmo tempo, dizer ‘nós’” (ELIAS, 1994, p. 57).

Escolher uma profissão significa fazer projeto de futuro. A escolha profissional faz parte do projeto de vida de uma pessoa. Mais do que descobrir vocação, é a hora de olhar o passado pessoal, conhecer as profissões e a realidade social, política e econômica que envolve essa decisão. É hora de decidir quem se pretende ser, o que se pretende fazer e que mundo gostaria de construir.

Portanto, a escolha profissional, como toda escolha ou decisão, é um ato histórico pois, além de ser uma consequência da inserção do sujeito num tempo e num espaço

específicos, pode ser também, no caso de sua realização, importante fator de determinação da condição social futura desse sujeito. Ela é, portanto, um ato potencialmente transformador, podendo alterar significativamente o curso da história do sujeito da escolha. É na dialética do “ser” (aquilo que o indivíduo é atualmente) e do “vir a ser” (aquilo que ele pretende ser futuramente) que se desenvolve o processo de escolha profissional, onde o “ser” é, sobretudo, um “ser social” em sentido amplo, produto e produtor de sua cultura e das circunstâncias históricas – favoráveis ou desfavoráveis – que o circunscrevem. O poder de escolha ou de decisão, nesse caso, é limitado por sua própria condição de “ser social”.

Os jovens, quando buscam se inserir no mercado de trabalho, podem adotar diferentes estratégias dependendo das suas circunstâncias históricas. Schuda (2005), baseando-se em dados de jovens chilenos, identificou algumas estratégias também utilizadas pelos jovens brasileiros: escolarizar-se ou aprender fazendo.

No caso dos nossos jovens investigados, a estratégia escolhida é escolarizar-se. Segundo o autor, os jovens que assumem essa estratégia, que ele chama de meritocrática, são aqueles que alcançam o Ensino Médio com condições de concluí-lo com qualidade e que valorizam a educação independente de sua situação socioeconômica. Esses jovens consideram o aumento da escolarização como um instrumento para alcançar melhores condições no mercado de trabalho e possuem recursos para utilizá-la como tal. Todos os jovens que entrevistamos corroboram a análise de Schuda, encaixando-se no que ele nomeia como estratégia meritocrática. Observa-se, portanto, a valorização da educação e, de maneira muito forte, da qualificação como instrumento de ascensão ou manutenção da posição social, tanto pelos jovens quanto por suas famílias.

Obviamente são esses os jovens com melhores condições para adotar esse tipo de estratégia, pois acumulam todas as condições arroladas por Shuda (2005) que os habilitam para tal escolha: vêm de uma carreira escolar onde acumularam capital acadêmico; estão liberados, pelas famílias, de contribuir financeiramente para sua manutenção; vislumbram possibilidades concretas de inserir-se em cursos superiores de prestígio e só se apresentarão ao mercado de trabalho depois de acumularem suficiente certificação/formação.

Note-se que alguns desses jovens pertencem a famílias que parecem até empreender algum esforço para manter o(s) filho(s) em escolas de alto prestígio e percorrer a trajetória meritocrática nas melhores condições possíveis.

Indagados sobre o que fariam no próximo ano, os jovens entrevistados unanimemente responderam que iriam prestar vestibular e que, no ano seguinte, estariam em universidades, preferencialmente públicas.

A minha prioridade são federais, sabe?! Porque não precisa pagar e também porque elas são as mais renomadas, as mais conhecidas no campo de trabalho, então é mais fácil pra você arrumar um emprego depois de formado. E também tem oportunidade de fazer estudo fora, né?! Nas federais você tem essa oportunidade e nas particulares é mais difícil. Então, a minha prioridade é realmente mais as federais, mesmo que não seja aqui em BH ou em Minas Gerais. Mas eu pretendo fazer sul e sudeste, a maioria que eu conseguir, as que tiverem melhor nota no ENADE, por exemplo. E as privadas ficam por último assim, mas se eu não conseguir nenhuma federal eu procuro algumas privadas que são boas, né?! Porque eu tenho que tomar muito cuidado com a faculdade que eu vou escolher porque é o meu futuro profissional inteiro, né?! Então, é o que vai decidir toda a minha vida depois da faculdade é isso. Então, eu tenho que tomar cuidado com a qualidade da faculdade mesmo (Bruno, 17 anos, Colégio Z).

Minha mãe fala: “Cê tá no Colégio Y, agora sua obrigação é passar numa faculdade pública e se dar bem na vida”. O projeto é esse. Eu vou passar numa faculdade pública. Eu não vou entrar na particular. Eu estudei aqui, agora é orgulho mesmo, vou fazer Federal porque eu ralei demais aqui. Então, acho que eles esperam isso, sabe?! Ah, cê estuda aqui, agora cê vai fazer pública, cê vai fazer mestrado, depois cê vai fazer um doutorado. Tá, né?! Vamos tentar! (Giziet, 16 anos, Colégio Y).

Pretendo fazer a faculdade de Direito, de preferência na Federal, que é onde eu quero passar (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Eu tenho na minha cabeça UFMG, PUC e CEFET. UFMG e CEFET porque são escolas públicas, não teria que pagar mensalidade e são escolas muito boas. E a PUC por tradição mesmo de família, meu pai fez e minha irmã tá fazendo (Thiago L. Colégio Z).

Eu pretendo fazer vestibular na UFMG e no IME. Pra Engenharia Civil na UFMG. E no IME, só pro IME mesmo porque é só depois de dois anos que você escolhe. Mas se eu entrar no IME eu quero fazer Engenharia de Armamentos (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Portanto, para eles é indispensável a formação universitária para a inserção no mercado de trabalho, ainda que dados de pesquisa mostrem que hoje ela é condição de permanência no mesmo padrão social, mas não assegura melhorias. Assim, para esses jovens a formação deve ir mais adiante, deve avançar para a pós-graduação, além do domínio perfeito de uma ou mais línguas estrangeiras, pois eles devem agregar essas diferenciações para se manterem competitivos.

Depois da minha residência em cirurgia geral, eu pretendo me especializar. [...] Eu quero fazer especialização no exterior porque as faculdades do Brasil são muito boas, melhores que muitas no exterior, mas ter especialização no exterior é um diferencial muito grande (Bruno, 17 anos, Colégio Z).

Pretendo morar fora sim. Eu tenho vontade de ir pra Itália porque lá é a capital do desenho, a capital do designer. Então, eu tenho vontade de fazer ou o meu mestrado lá, ou um doutorado sanduíche passando por lá, alguma coisa assim. Fora que eu acho que, eu morei dos 2 anos aos 7 anos nos EUA e isso me ajudou bastante com o meu inglês, não tive que ficar fazendo muita aula de inglês e eu acho que isso ajudou bastante. Eu tenho vontade de quando eu tiver meus filhos e tal, de levar eles

pra morar fora pra eles já aprenderem com mais facilidade (Yanê, 16 anos, Colégio X).

Mas eu pretendo passar pro primeiro semestre, fazer o primeiro semestre e trancar, e como eu tenho idade suficiente, ver se eu consigo fazer um intercâmbio no segundo semestre da faculdade, teoricamente. Fazer uns seis meses de intercâmbio nos EUA, Canadá ou talvez Europa. Depende de como as coisas forem. Se eu passar no segundo semestre aí fica mais complicado, mas mesmo assim eu acho que eu vou ter idade suficiente. Eu dei sorte porque eu sou adiantada. [...] E se eu puder, quero fazer um intercâmbio no meio da faculdade além de se eu conseguir fazer High School, porque High School é até 18 (Giziet, 16 anos, Colégio Y).

A maioria dos entrevistados afirma nunca ter pensado em fazer curso técnico. Apenas dois jovens mencionaram que houve interesse, no final do Ensino Fundamental, em fazer um curso técnico. É interessante destacar que esse interesse foi manifestado por duas mulheres estudantes do Colégio Z.

[...] Eu devia ter feito. Eu não fiz porque eu perdi, eu esqueci de fazer a inscrição. Esqueci porque eu sou voadora. Mas eu queria ter feito Administração no Sebrae. Pra ter um Ensino Médio mais enriquecedor mesmo, sabe?! Eu acho que eu teria estudado mais do que eu estudei, aprendido algo de mais consistente mesmo, sabe?! Eu acho que curso técnico é muito bom pra quem sabe o que quer desde cedo. E eu sempre soube quais áreas eu queria seguir. Eu queria já ter aproveitado mais disso, me preparar mais desde mais cedo (Roberta, 17 anos, aluna do Colégio Z).

Eu não conhecia escolas assim. Aí depois que eu mudei pra cá eu conheci o CEFET. Aí eu até comentei com os meus pais que se eu tivesse mudado pra cá já no 8º, 1º ano, eu gostaria de ter feito o curso técnico. Eu acho que é bem interessante. Te coloca mais ainda no mercado de trabalho, dá mais noção ainda na faculdade do que você tá lidando, porque a gente vê muita teoria, na prática a coisa é bem diferente, talvez você não goste muito daquilo mas você não sabe como é (Bárbara, 17 anos, turma ITA, Colégio Z).

O curso técnico aparece aqui não em seu sentido de preparação para inserção imediata no mercado, mas como formação complementar, com destaque para a formação prática, mais concreta, para o mercado. Burnier (2003) já havia encontrado estudantes que procuravam cursos técnicos concomitantemente ao curso superior nesse mesmo sentido, de complementação mais prática da formação profissional que, segundo os entrevistados, na universidade é muito teórica. Esse dado é muito interessante se o inserirmos no debate acerca do suposto uso desvirtuado das instituições públicas de educação profissional pelos setores médios. Vemos que, pelo menos para duas jovens investigadas, essas instituições oferecem algo de interessante que o Ensino Médio regular não provê: uma formação mais prática.

Ainda que sejam inúmeras as opções de ensino superior oferecidas pela sociedade brasileira, nem todas elas têm a mesma probabilidade de atrair um jovem, pois na distribuição do poder nas sociedades contemporâneas as profissões têm um peso importante. Os dados

sugerem que a escolha preferencial de algumas profissões por esses jovens ocorre no interior de uma perspectiva de manutenção da posição social: dentre os 17 jovens entrevistados, 5 jovens irão prestar vestibular para Medicina (1 homem e 4 mulheres), 4 jovens prestarão vestibular para Direito (2 homens e 2 mulheres) e outros 4 jovens (2 homens e 2 mulheres) tentarão cursos na área de Engenharia. Os demais optaram por Arquitetura (2 mulheres), Economia (1 homem) e Letras (1 homem). É possível perceber, então, que há uma concentração de escolhas por cursos tradicionalmente prestigiados.

Segundo Vargas (2010), a hierarquia interna entre as carreiras no Brasil é impermeável e abre pouco espaço para uma democratização do acesso a postos profissionais destacados. Para a autora, a manutenção de um perfil socioeconômico elitizado dos profissionais das áreas de Medicina, Direito e Engenharia e sua diferenciação interna no campo do ensino superior contribuem para manter a hierarquia das carreiras e sua contraface em termos de desníveis salariais acentuados no mercado. Na verdade, alguns dos jovens entrevistados tentam resistir a essas opções:

A gente tem mania de achar, pela mentalidade que a gente tem, que você só é profissional de verdade se ou você é gerente de alguma coisa, ou é médico, ou advogado, ou engenheiro. A gente fecha muito a cabeça pra essas três opções. A nossa escola tá fechada pra, basicamente, essas três opções. Um tanto de colega meu que eu vejo falando assim: “Nossa! Queria tanto fazer Letras! Nossa! Queria tanto fazer publicidade! Mas isso não é profissão e eu não vou conseguir emprego!” E eu não sei se é a realidade, eu não sei se não vão conseguir emprego! (Roberta, 17 anos, Colégio Z).

[...] já até pensei em fazer Medicina um tempo também, mas só mais por pressão. Não foi o que eu quero não. [...] Ah, não posso dizer nem que são dos meus pais, né?! Porque realmente eles nunca influenciaram no que eu quero fazer não. Mas muito da sociedade, dos amigos. Medicina é a profissão badalada. As pessoas sempre pensam em fazer, nem que seja por um breve período (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Eu pensei em fazer Medicina mais porque tava na moda, assim. Porque todo mundo falando que vai fazer Medicina e minha irmã também faz Medicina. Aí, tipo assim, dá prestígio, mas não tem nada a ver comigo. Não era isso que eu queria (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Vemos claramente que as certezas ou incertezas, as escolhas e os projetos relacionam-se, entre outras variantes, às experiências do tempo passado, à história de vida individual e familiar, que reporta a acontecimentos que cada indivíduo incorpora no presente, além da rede de relações sociais que ocorrem fora da família, nos espaços de lazer, na escola, no trabalho, na igreja e na convivência cotidiana com amigos.

Para Elias (1994), a formação do indivíduo se dá na sua relação com o outro, na trama de relações no interior da qual ele nasce e cresce. A ideia de que o entendimento da realidade

social, e mesmo individual, deve se dar de forma relacional é também preocupação comum a Bourdieu (2000). A família e a escola são, para o autor, locus privilegiados de formação do *habitus*⁶, que é o movimento de incorporação das estruturas objetivas ao mesmo tempo em que é a exteriorização das disposições incorporadas.

A família e a escola são instituições responsáveis por orientar os jovens sobre como viver o presente de olho no futuro. As famílias, atarefadas na função de trabalhar para proverem a casa, deixam essa tarefa para a escola, que, por sua vez, preocupada em aplicar as políticas públicas ou em obter o maior número de aprovações nos vestibulares, deixa os jovens solitários, vivendo a angústia das escolhas e da falta de opções ao tentarem estabelecer horizontes mais claros quanto ao futuro.

Estudos associados à sociologia, como os de Sposito (2000, 2005), demonstram que são muitas as questões que influenciam os jovens na construção de seus projetos profissionais. Além da escola, a família é um dos referenciais nos quais os jovens se pautam, pois os pais, ao transmitirem normas, valores e crenças desde a infância, constroem referenciais para a realização da escolha profissional. A influência da família sobre os jovens pode alterar as expectativas dos mesmos e a própria escolha profissional.

Os pais, muitas vezes, fazem cobranças e pressionam os filhos. Quando, por exemplo, o filho manifesta o desejo de cursar algo que foge das expectativas da família, a reação dos pais revela que seu o desejo é de que as escolhas sejam feitas no interior de um conjunto mais prestigioso de profissões, que, no caso das famílias dos jovens aqui investigados, mostra-se como as tradicionais profissões de prestígio: Medicina, Engenharias e Direito. Os depoimentos a seguir deixam claro que não são todas as carreiras que merecem a aprovação dos pais.

Como eu disse, eu passei grande parte da minha vida declarando que eu faria Medicina. Meus pais me apoiavam, minha mãe achava o máximo! E eu às vezes até

⁶ O conceito de *habitus* foi desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu com o objetivo de pôr fim à antinomia indivíduo/sociedade dentro da sociologia estruturalista. Relaciona-se à capacidade de uma determinada estrutura social ser incorporada pelos agentes por meio de disposições para sentir, pensar e agir. Conceito de *habitus* para Bourdieu: “sistemas de posições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’, sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro” (BOURDIEU apud MICELI, 1987, p. XL). “[...] sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por estes resultados” (BOURDIEU apud MICELI, p. XLI).

questionava, “Ah, mãe, eu sempre disse Medicina, você não acha que eu deveria fazer um teste vocacional pra ter certeza mesmo?” E minha mãe, “Não filho! Imagina! É Medicina mesmo, vai fundo!” Então, quando eu disse a ela que eu cogitava o curso de Letras, no mesmo instante ela ligou pra todos os psicólogos possíveis de Belo Horizonte, pra escolas especializadas em orientação vocacional, porque ela não tá concordando (Gustavo, 17 anos, Colégio Y).

Eu já quis fazer Teatro. No meio do ano passado eu tava querendo, mas desisti. Minha família não apoiou nada. [...] Eles são a favor de escolher as profissões clássicas: Medicina, Direito ou Engenharia (Thiago Vilas, 17 anos, Colégio Y).

Ah, eles apoiam. Eles nunca forçaram assim: “Ah, faça Medicina”. Mas, desde quando eu falei: “Quero fazer Medicina”, eles acharam ótimo, que é uma profissão que todo mundo quer que o filho seja, pelo menos (Laís, 17 anos, Colégio X).

No caso de Bárbara e Frederico, a escolha do curso superior não correspondeu às expectativas das mães. A mãe de Bárbara depositava na filha a esperança de se realizar profissionalmente, uma vez que ela não teve oportunidade de fazer o curso de Medicina. E no caso de Frederico, a mãe gostaria que ele tivesse a mesma formação e ocupação profissional dela, que é médica, e do pai, já falecido, que também era médico.

Minha mãe gostaria muito que eu fizesse Medicina. Ela tentou bastante me convencer, mas Engenharia foi mesmo unânime no meu pensamento. Era um pouco de sonho pessoal, acho que ela gostaria de ter feito, ele acabou não tendo oportunidade e ninguém na família seguiu essa carreira de Medicina. Então, ela via que eu era a última esperança assim de alguém na família seguir esse sonho que ela não conseguiu realizar (Bárbara, 17 anos, Colégio Z).

Minha mãe queria muito que eu fizesse Medicina, porque ela é médica e meu pai também. Só que agora ela apoiou (Frederico, 18 anos, Colégio Y).

Já o pai de Thiago Villas, ao contrário das mães de Bárbara e Frederico, está satisfeito com a escolha do filho porque sempre quis ter um filho engenheiro como ele.

Mas a minha família tem me apoiado, meu pai que é engenheiro, principalmente. Quando meu irmão mais velho que fazia Engenharia Civil desistiu e foi fazer Economia, meu pai ficou meio assim, queria um filho engenheiro (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Os jovens dos setores médios fazem suas opções no interior de um campo bastante delimitado, com fronteiras claras, que oferecem um leque relativamente pequeno de opções, marcadas pelo prestígio das profissões e pela manutenção de uma posição já garantida pela família no espaço social. É um pouco espantoso o fato de famílias de relativo nível sociocultural ainda manterem a prática de pressionar os filhos para seguir a carreira sonhada pelos pais. Num mercado em franca transformação e após o advento da psicologia e do individualismo, reforçando o caráter individual das escolhas, poderíamos esperar das famílias

atitudes mais abertas a outros critérios de escolha. Além disso, note-se ainda a pouca participação dos pais na orientação, no esclarecimento e no provimento de dados sobre o mercado de trabalho. No entanto, constatamos a permanência de padrões bastante tradicionais de comportamentos no momento da escolha.

Uma vez delimitado esse campo de pressões, observamos que, dentro dele, parte dos jovens entrevistados revelou que a formação do seu gosto por um campo de atuação aconteceu através da experiência escolar, pois a escolha feita por uma área profissional baseia-se na proximidade que ela possui com as disciplinas escolares com as quais eles têm mais afinidade. Os depoimentos a seguir são bastante representativos dessa escolarização da escolha profissional.

Primeiro eu levei em consideração as matérias que eu tenho preferência no colégio, História, Geografia. Outra coisa, o leque de opções que o Direito abre, ele é útil em qualquer área. Isso pesou bastante (Pedro, 17 anos, Colégio Y).

Até o ano passado eu pensava em fazer Engenharia porque eu gostava de Exatas. [...] antes eu morava no interior e lá eu não era muito fã de Biologia não. Mas, no ano passado, quando eu entrei aqui no Colégio comecei a apaixonar com Biologia, aí eu decidi (Alice, 17 anos, Colégio Y).

Eu acho que eu vou fazer Arquitetura. Eu gosto muito de desenhar. Eu sempre gostei muito de Matemática, Física, essas coisas. (Yanê, 16 anos, Colégio X).

Vemos assim que nesse momento a escola é fundamental, pois, ao fornecer o contato do jovem com as diferentes áreas de conhecimento, permite que eles, por gosto, se identifiquem mais com uma área do que com a outra.

Há ainda 6 jovens que afirmam que, somada à afinidade com determinadas disciplinas escolares, a formação profissional ou ocupação dos pais e parentes foi decisiva para a escolha do curso superior.

Porque eu gosto muito de Biologia, de Química e minha mãe também é médica, isso faz com que eu conheça bem a profissão. E desde pequenininha eu quis fazer Medicina (Laís, 17 anos, Colégio X).

Eu não gosto de Humanas. Eu não sou boa e tal. Até que de Geografia eu gosto um pouco. Arquitetura porque minha mãe é arquiteta. Então, ajuda a abrir portas (Giziet, 16 anos, Colégio Y).

Eu sempre quis fazer Exatas. No final do ano passado e início desse ano eu comecei a ter dúvida. [...] eu tomei recuperação em Matemática e Física. Aí é por isso que eu fiquei meio assim, mas aí depois da recuperação eu falei: “Não, é isso mesmo que eu quero!” [...] Meu pai é engenheiro civil e eu me interesso também bastante. Meu pai me conta o que ele faz, que ele viaja muito pra um tanto de países, ele me conta o que ele vê, o que o engenheiro faz, o papel do engenheiro na sociedade (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Engenharia eu acho que foi um pouco por influência do meu pai que é engenheiro e também pelos professores aqui do Colégio. [...] os professores vão contando um pouco das experiências pessoais e mostrando as matérias, algumas curiosidades. E eu venho me interessando mais por essa área de Exatas. E Engenharia Química é uma preferência mesmo, eu gosto muito de Química (Bárbara, 17 anos, Colégio Z).

Eu tenho muita facilidade na área de Exatas. Matemática eu gosto muito. Mas meu pai ficou super empolgado porque ele é engenheiro também (Letícia, 17 anos, Colégio Z).

Economia. Eu tenho parentes que fizeram Economia, um primo e um tio. Eu pesquisei sobre o curso e gostei. Ah, eu já pensei em fazer Engenharia, mas agora decidi fazer Economia, porque eu olhei e gostei muito mais. Eu pensei em fazer Engenharia porque eu gosto muito de Exatas, só que eu gosto também de Humanas, aí eu senti falta um pouco na Engenharia e Economia tem os dois (Frederico, 17 anos, Colégio Y).

A percepção da relação que os pais têm com a atividade laboral exerce influência no momento das escolhas profissionais e na maneira como o jovem representa o mundo do trabalho, pois mesmo que o jovem não saiba com certeza no que quer trabalhar, ele sabe o que não lhe agrada. Os depoimentos de Yanê e Alice corroboram essa ideia. Elas prestarão vestibular para áreas de formação diversa da dos pais.

[...] Os dois são engenheiros químicos. Desde pequenininha que eu falo que eu não vou ser engenheira química porque eu não vou aguentar ficar 24 horas por dia trabalhando. Eles chegavam em casa com laptop e trabalhavam, trabalhavam, trabalhavam (Yanê, 16 anos, Colégio X).

Eu não gostaria de ter a mesma profissão que meus pais. Não, nem um pouco. Eu acho que eles trabalham demais, eles não recebem o que mereciam e eles só ouvem reclamação de tudo (Alice, 17 anos, Colégio Z).

Por outro lado, temos o caso de Gustavo, o jovem que, ao fazer opção pelo curso de Letras, acabou por abandonar o projeto profissional que a mãe havia “construído” para ele. Ao contrário de Yanê e Alice, a relação que a mãe de Gustavo teve com sua atividade laboral, ainda que negativa, não exerceu no jovem um sentimento de aversão à profissão. Pelo contrário, curiosamente, o jovem escolheu ser professor, mesma profissão que a mãe exerceu durante alguns anos.

Minha mãe já foi professora, entendeu?! Ela foi uma professora frustrada. Ela é formada em Ciências Biológicas. A ideia dela era viajar pra Amazônia, viver em meio a tribos indígenas, só que ela acabou na sala de aula. Eu acho que é o que acontece com grande parte dessas pessoas que fazem esses cursos do tipo Biologia, Matemática ou Letras (Gustavo, 17 anos, Colégio Y).

Percebemos, pelos depoimentos de Gustavo, que a todo momento ele revela gostos e preferências muito semelhantes aos da mãe.

Minha mãe sempre leu muito. E sempre foi o meu maior hobby, a leitura (Gustavo, 17 anos, Colégio Y).

A primeira viagem internacional que eu fiz foi pra Disney, foi bem aquela viagem de consumo mesmo, de compras, com a qual eu não concordei muito, nem eu nem minha mãe, eu sou muito parecido com minha mãe nessa questão. [...] Sempre que eu viajo, eu e minha mãe vamos aos museus enquanto meu pai e minha irmã vão fazer compras (Gustavo, 17 anos, Colégio Y).

Portanto, a construção de identificações pessoais e de hábitos comuns em família pode ser determinante no momento da escolha, mesmo que o jovem ou a família não se deem conta disso. Entre os 17 entrevistados, 8 jovens relataram que prestariam vestibular para carreiras semelhantes ou muito próximas da atividade profissional dos pais, a saber: 4 declararam pretender cursar Engenharia, 1 declarou pretender cursar Medicina, 1 declarou pretender cursar Direito e 1 declarou pretender cursar Arquitetura.

Giziet nos revelou o sentimento de insegurança que a opção por ter a mesma formação profissional dos pais pode desencadear no jovem. Ela nos contou que não revelou para ninguém a sua decisão de prestar vestibular para o curso de Arquitetura porque diz não gostar de “amolação” e que não quer ouvir dos pais rotulações tais como: “Ah, eu sempre soube! Arquitetinha mirim”. Além disso, Giziet afirma ter medo de uma futura comparação profissional com a mãe, já que optou por ter a mesma formação. Ela se diz incomodada devido à possibilidade de uma dependência profissional em relação à mãe no início da carreira. Mas alega que esse talvez seja o preço que ela irá pagar pela ligeira ajuda da mãe, uma vez que a mesma poderá transferir para a filha alguns projetos e clientes.

Ficou evidente para nós o peso das determinações sociais sobre as escolhas desses jovens quando eles foram instados a falar sobre o que gostariam de fazer ou ser caso pudessem escolher livremente.

Sem pensar em dinheiro? Olha, eu ia ficar cantando por aí e desenhando, porque eu adoro desenhar. [...] Eu gosto muito de desenhar, por isso eu tô indo pra parte de Arquitetura. Mas, ficar cantando igual eu fico aqui em casa, não. É muita pouca chance de ganhar dinheiro e sobreviver na vida (Yanê, 16 anos, Colégio X).

Eu imaginava que eu iria fazer um mochilão e iria sair viajando mundo sem muito dinheiro. Mas não dá, as coisas não são bem assim. Hoje em dia isso não é muito viável. Existe pressão não só familiar, mas de toda uma sociedade que conspira a favor dessa sequência engessada de colégio, vestibular, serviço. O que me influenciou um pouco na escolha de Letras foi um pouco isso também, que é um curso, na minha concepção, um pouco menos engessado, você tem um pouco mais

de abertura pra esses programas culturais mesmo, viagens mais longas (Gustavo, 17 anos, Colégio Y).

Eu iria querer viajar com as minhas amigas. Nossa, eu amo viajar! Eu sempre sou a organizadora das viagens. Arrumo um fim de semana pra gente ir num sítio, eu arrumo tudo só pra poder ir, sabe?! Mas acho que não dá porque não é todo o tempo que todo mundo tá disponível e cansa uma hora também, depois que você conhece tudo, perde a graça (Giziet, 16 anos, Colégio Y).

Eu acho que aquele sonho mesmo de criança, de ser jornalista esportivo. Eu gosto muito de esporte, acho que isso ia ser o melhor (Pedro, 17 anos, Colégio Y).

Jogador de futebol [risos]. Uma coisa que não fosse tanto trabalho, que fosse uma coisa mais light. Que não cobrasse tanto, igual nesse ano que tá cobrando muito. Eu não gosto mesmo (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Acho que eu dançaria balé ou tocaria piano o dia todo (Nathália, 17 anos, Colégio Z).

Gostaria de viajar. Conhecer muitos lugares, conhecer a história, conhecer culturas diferentes. Adoro isso! (Bárbara, 17 anos, Colégio Z).

Quando eu era mais novo, mas assim, poucos anos atrás, tipo, três, quatro anos atrás, eu já quis fazer umas coisas mais como música porque eu toco violão desde bem mais novo. Eu já quis ser músico e tal (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Acho que dança ou música, mas são coisas que eu vejo como lazer mesmo. São coisas que eu pratico há muito tempo, eu pratiquei dança por 13 anos e fiz aula de música por 9 anos. Acho que se eu não tivesse que ter uma profissão eu me dedicaria a isso. Mas, se for pra ter como profissão eu não tenho vontade porque quando cê começa a levar muito a sério, cê acaba perdendo um pouco daquele momento de relaxar, de escape (Letícia, 17 anos, Colégio Z).

Entretanto, duas jovens do Colégio X declararam que se pudessem escolher qualquer coisa para fazer na vida ainda assim escolheriam fazer o curso superior para o qual pretendem prestar vestibular.

Eu acho que Medicina, ué?! Eu acho que quando você escolhe uma profissão, que você vai fazer vestibular, você já pensa que é isso que você vai fazer pro resto da vida. Aquilo que você vai gostar, que você vai exercer. Eu não pretendo fazer Medicina por cinco anos. Eu pretendo exercer isso pro resto da minha vida, até aposentar, assim (Laís, 17 anos, Colégio X).

A família, a escola e a sociedade de um modo geral vêm passando às crianças e depois aos jovens noções de profissões que são rentáveis e não rentáveis, de sucesso e não-sucesso, valorizado e não valorizado entre outros adjetivos. Forma-se, dessa maneira, o julgamento que pode, futuramente, interferir no seu projeto profissional, que se pauta, pelo que nossos dados indicam, basicamente no sentido instrumental do trabalho.

Percebemos, portanto, que, apesar das intensas transformações no mercado, permanece o modelo “engessado”, segundo Gustavo: colégio, faculdade, trabalho, com ênfase

nas carreiras tradicionais e com forte influência das profissões exercidas pelos pais, ainda que haja significativo número de “dissidentes”.

Capítulo II

2 A JUVENTUDE EM SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO

O trabalho permanece como referência dominante não somente economicamente, mas também psicologicamente, culturalmente e simbolicamente, fato que se comprova pelas reações daqueles que não o têm (CASTEL, 1998, p. 578).

2.1 Os sentidos e significados atribuídos ao trabalho por jovens dos setores médios

Desde os tempos mais remotos, o trabalho teve o caráter de castigo. Na tradição católica, era tido como punição para os pecados. Por outro lado, os poderosos – reis, rainhas e imperadores – enalteciam o ócio que era considerado uma virtude, um prêmio, sinal de força e manifestação do prazer. Para os antigos, o trabalho infinito era a marca de um escravo.

De fato, quando um nobre desejava fazer alguma coisa mais produtiva, em razão da indignação ou pressão popular, ele apelava para o *nec otio*, ou seja, ele negociava (negava o ócio), interrompia o ócio, mas não trabalhava, o que, na verdade, dava na mesma. Hoje em dia, nada é mais estranho ao mundo ocidental voltado exclusivamente para o trabalho do que o ócio. Se conseguirmos descansar nos fins de semana, é apenas para recarregar as energias e voltar ao trabalho.

Entre os cristãos, apenas os protestantes, influenciados por Martinho Lutero, imaginam o trabalho como o caminho religioso para a salvação, portanto, é visto como virtude. Os gregos buscavam a salvação na filosofia, os indianos na meditação, os chineses na poesia e no amor à natureza. Algumas tribos africanas – como os pigmeus, por exemplo, hoje quase extintos – trabalham apenas para atender às necessidades do dia a dia e passam a maior parte da vida na absoluta ociosidade.

Para a maioria dos seres humanos, o Mito de Sísifo ilustra bem a condição do trabalho. Na mitologia grega, Sísifo foi condenado pelos deuses a realizar um trabalho inútil e sem sentido por toda a eternidade: deslocar uma grande pedra para o cumo de uma colina. Quando ele está quase alcançando o topo, é forçado de novo para baixo pelo peso da pedra que rola novamente para o ponto mais fundo, de onde, com esforço descomunal, se recupera e recomeça a jornada. O trabalho de Sísifo não passa de uma punição.

A temática dos significados e sentidos do trabalho é pesquisada por diferentes autores com base em diversas vertentes epistemológicas. Com vistas a contribuir para uma maior clareza na definição dos termos, Tolfo & Piccinini (2007) relacionam a concepção de significado ao entendimento social do que seja trabalho, ao passo que o sentido seria

representativo de uma dimensão mais pessoal. Como se trata de um construto multidimensional, o entendimento das autoras é de que há uma inequívoca interdependência entre ambos.

Os significados são construídos coletivamente em um determinado contexto histórico, econômico e social concreto, ao passo que os sentidos são caracterizados por ser uma produção pessoal em função da apreensão individual dos significados coletivos, nas experiências do cotidiano. Sendo que essas transformações que os sentidos e significados sofrem, são construídos por meio de uma relação dialética com a realidade (TOLFO; PICCININI, 2007).

Tolfo & Piccinini (2007) constataram que predomina na literatura nacional a adoção das variáveis identificadas pelo Grupo MOW (1987) como base para a formulação dos seus instrumentos de pesquisa (BORGES, 1997; MORIN et al, 2003; OLIVEIRA et al, 2004). Entre 1981 e 1983, a equipe de investigação Meaning of Work International Research Team (MOW), um grupo de pesquisas internacional sediado no Canadá, passou a se destacar na condução de pesquisas com amostras representativas de diferentes países (oito), com vistas a definir e identificar variáveis que explicassem os significados que os sujeitos atribuem ao seu trabalho. Diferentemente de Tolfo & Piccinini (2007), essa equipe, a partir dos principais componentes do modelo heurístico, passou a conceituar o significado do trabalho como um construto psicológico multidimensional e dinâmico, formado da interação entre variáveis pessoais e ambientais e influenciado pelas mudanças no indivíduo, ao seu redor e no trabalho.

Os pesquisadores do MOW estruturaram os dados empíricos das pesquisas em 12 fatores, posteriormente agrupados em quatro dimensões principais: a centralidade do trabalho, as normas sociais sobre o trabalho, os resultados valorizados do trabalho/metabolismo do trabalho e a identificação das regras do trabalho. Como a última dimensão apresentou, estatisticamente, pouca consistência interna foi excluída da estrutura geral do construto (MOW, 1987). As três dimensões que permaneceram são definidas a seguir.

A centralidade do trabalho é entendida como o grau de importância que o trabalho tem na vida de uma pessoa em um determinado momento. É formada por um construto complexo composto por um componente valorativo – a centralidade absoluta do trabalho –, que mensura o valor atribuído a este dentro da vida dos sujeitos (Qual a importância do trabalho na sua vida?) e identifica em que medida o trabalho é central para a autoimagem. O outro componente é a centralidade relativa do trabalho, influenciada pelos ciclos vitais do sujeito, e que mede a relação do trabalho com outros momentos importantes na sua vida.

Já as normas sociais sobre o trabalho remetem às normas derivadas de valores morais relacionados com o trabalho, tais como a ética do trabalho e a ética marxista, que atuam como antecedentes dos princípios e condutas sociais associados às crenças sobre as obrigações e os direitos do trabalhador. Para Marx, não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência. O ser social do homem está ligado a sua existência, aos modos de produção a que está submetido e são os modos pelos quais os homens produzem os bens materiais necessários à vida humana os geradores das grandes mudanças históricas.

Portanto, tais normas funcionam como padrões sociais que balizam as avaliações individuais acerca das recompensas obtidas pelo trabalho e consistem numa expressão geral (percepção) do que seriam trocas equitativas entre o que o indivíduo recebe da situação de trabalho e as contribuições que ele traz para o processo de trabalho. Estas não são estáveis e dependem das circunstâncias ao redor, sofrem influências de variáveis sociodemográficas e pessoais. No estudo do grupo MOW, essas normas foram observadas em conjuntos antagônicos: deveres, direitos e resultados valorizados do trabalho.

Os deveres constituem os padrões sociais sobre o trabalho considerados corretos pelos indivíduos na sua relação com a sociedade. Um exemplo é que todo indivíduo tem o dever de contribuir para o bem social pelo seu trabalho; deve pensar na melhor forma de fazê-lo etc. Os direitos referem-se às obrigações da sociedade para com o indivíduo. Nessa direção, todo indivíduo tem direito a um trabalho interessante e significativo; o empregador deve treinar o trabalhador quando desatualizado, e este deve participar das decisões relativas ao trabalho. Os resultados valorizados do trabalho são os valores relacionados com as finalidades que as atividades representam para a pessoa, respondendo à indagação acerca dos motivos que o levam a trabalhar: obter prestígio e retorno financeiro, mantê-lo em atividade, permitir-lhe contato social e estabelecimento de relações interpessoais; fazê-lo sentir-se útil para a sociedade; permitir sua autorrealização. Os valores do trabalho apresentam diferenças e similaridades transculturais relacionadas com a importância atribuída às facetas do trabalho.

Partindo desse construto, o sentido do trabalho é compreendido como um componente da realidade social construída e reproduzida, que interage com diferentes variáveis pessoais e sociais e influencia as ações das pessoas e a natureza da sociedade num dado momento histórico. Os valores relacionados com o trabalho se estabelecem por intermédio da educação na infância e na adolescência e tem efeito durável na personalidade das pessoas, mas se modificam e se adaptam nas diferentes etapas da vida e em situações sociais distintas. O sentido do trabalho influencia as formas de atividade laboral, a flexibilidade e a produtividade

dos trabalhadores, pois afeta as crenças sobre o que é legítimo e o que se pode tolerar do trabalho (MOW, 1987).

Em pesquisa realizada por Oliveira e outros (2004) com estudantes do curso de Especialização em Gestão de Pessoas, os autores, baseados nas variáveis identificadas pelo grupo MOW (1987), identificaram que estes compreendem o sentido do trabalho em três dimensões: individual, organizacional e social. Essas dimensões são compostas por subcategorias que se inter-relacionam para formar um conceito do trabalho.

Na dimensão individual, foi destacado que um trabalho que faz sentido pode ser identificado com os valores morais (éticos) da pessoa, com o fato de ser prazeroso, possibilitar valorização, desenvolvimento e crescimento: a pessoa sabe com que objetivo o trabalho está sendo realizado e acredita naquilo que está fazendo. O fator financeiro também foi referido por esses estudantes, porém com menos ênfase, sendo considerado apenas como complementar e não essencial para que o trabalho faça sentido. O principal enfoque encontrado diz respeito à liberdade financeira. Em contrapartida, um trabalho que vai contra os valores pessoais, que não possibilita crescimento, nem seja reconhecido e valorizado pelas atividades que o indivíduo realiza em seu emprego foi considerado um trabalho sem sentido.

Na dimensão organizacional, os estudantes investigados apontaram aspectos ligados à utilidade, organização do trabalho e relações interpessoais no ambiente de trabalho. Para um trabalho fazer sentido ele deve alcançar resultados, valor para a empresa ou para o grupo: ser útil. Caso contrário é considerado improdutivo, perda de tempo e, portanto, sem sentido. O trabalho que faz sentido permite que o trabalhador tenha autonomia, possa exercer sua criatividade e pensar. A existência de desafios na execução da atividade é outro fator relevante. A partir do momento em que a tarefa se torna rotineira, burocrática, operacional e incapaz de instigar seu executor, influencia diretamente na definição de um trabalho que faz ou deixa de ter sentido para o sujeito. Ainda na dimensão organizacional, um trabalho que faz sentido é descrito como aquele realizado em um ambiente agradável, onde as relações interpessoais são positivas, e possibilita relações construtivas. O simples fato de poder trabalhar com pessoas, em meio a elas, confere sentido ao trabalho dos entrevistados. Entretanto, a partir do momento em que a pessoa não encontra apoio e respaldo dos pares, o trabalho é visto como sem sentido.

Na dimensão social, para que o trabalho faça sentido, ele deve ser capaz de contribuir e ser útil para a sociedade, comparando-se com o aspecto de utilidade abordado na dimensão organizacional. Porém, nesta dimensão, ele adquire maior amplitude: o trabalho contribui não apenas para o desenvolvimento do indivíduo, mas da sociedade em geral, o que foi bastante

ressaltado pelos entrevistados, que sentem necessidade de realizar uma atividade que agregue valor tanto para eles quanto para a sociedade. No momento em que o trabalho não contribui, deixa de trazer benefícios para alguém e/ou para a sociedade, ele não faz sentido.

Esses resultados possibilitam definir que um trabalho com sentido pode ser influenciado por quatro variáveis subjetivas: (a) o significado do trabalho, entendido como a concepção do que é trabalho para o indivíduo; (b) o valor (grau de importância, centralidade) que o sujeito atribui ao trabalho; (c) os valores éticos individuais; e (d) o motivo (a razão) pelo qual ele trabalha. E esses fatores, por sua vez, são altamente influenciados pelo meio no qual o indivíduo está inserido (culturais e sociais). Além disso, seu contexto social e cultural influencia sua posição a respeito do tema. Enfim, entende-se que um trabalho com sentido é aquele que realiza, satisfaz e estimula o sujeito para a execução das suas tarefas.

Tomando como base as variáveis identificadas pelo Grupo MOW (1987) que explicam os significados que os sujeitos atribuem ao seu trabalho e as variáveis subjetivas que definem um trabalho com sentido identificadas no estudo de Oliveira e outros (2004), elaboramos um esquema de análise das nossas entrevistas.

Com relação à centralidade do trabalho na vida dos jovens investigados, os indagamos sobre o que o trabalho representa na vida das pessoas. Tentamos, assim, analisar que lugar o trabalho ocupa em seus projetos de vida e que sentidos são atribuídos a ele. Observamos nas respostas dos jovens entrevistados a predominância da dimensão individual nos sentidos atribuídos ao trabalho. Para eles, o trabalho que faz sentido é aquele que proporciona ao indivíduo prazer, ou seja, fazer o que gosta; que atende às necessidades materiais e que permite que o indivíduo seja valorizado e reconhecido por meio do trabalho que realiza.

A primeira etapa do MOW, realizada no início dos anos 80, verificou que o trabalho era o papel central e hierarquicamente superior para os iugoslavos e japoneses. Para belgas, ingleses, alemães, israelenses, holandeses e norte-americanos, o trabalho estava em segundo lugar em importância, logo abaixo dos papéis familiares (MOW, 1987).

Como é possível identificar nos dados sintetizados na tabela a seguir, os jovens entrevistados também concedem, predominantemente, à família e aos amigos um lugar de importância acima do trabalho. Esses dados sugerem que esses jovens julgam importante administrar o tempo dedicado ao trabalho para manter uma vida social satisfatória.

TABELA 3 – Centralidade do trabalho - 2012

O que você considera mais importante que o trabalho?	
Mais importante que o trabalho	Frequência ⁷
Família / Amigos / Relações interpessoais	17
Igreja / Religião	2
Ser feliz	2
Valores	1
Ter saúde	1
Estar bem com quem gosta	1
Tudo é mais importante	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Note-se que, nos depoimentos a seguir, os jovens declaram que o trabalho não justifica sacrifícios nas relações pessoais e familiares.

Família, bem-estar, porque você não pode ser escravo do trabalho. Eu acho que não só a sua família, mas a sociedade, a Igreja. Cê tem que ter tempo pra tudo (Alice, 17 anos, Colégio Y).

Família e os amigos. Tipo assim, o trabalho é muito importante, mas acho que você não pode tomar ele como a única coisa na sua vida, cê não pode esquecer o resto, das pessoas a sua volta (Laís, 17 anos, Colégio X).

Ser feliz, não importa o que te faz feliz (Nathalia, 17 anos, Colégio Z).

No entanto, se por um lado a esfera da família é a que mais pesa na balança, em contraposição à do trabalho, os depoimentos revelam que para vários entrevistados não trabalhar é moralmente ruim, ou que “obrigação vem antes de diversão”.

As pessoas baseiam muito pra serem o que elas chamam de felizes na diversão. Diversão é uma coisa que eu considero menos importante que o trabalho. O trabalho é um compromisso que você fez, diversão não. [...] O trabalho tem que ser a sua rotina. [...] Ele é um dos pilares da sua vida. Ter seu momento de socialização, de festejo, eu acho que é menos importante que o trabalho (Bruno, 17 anos, Colégio Z).

⁷ Os números indicam a frequência com que cada aspecto mais valorizado que o trabalho foi encontrado nas entrevistas. O mesmo entrevistado menciona mais de um aspecto.

Acho que o lazer vem em segundo plano. O lazer é quando dá. Porque eu acho que o trabalho é algo necessário, o lazer é um luxo que você tem, que é quando dá, quando você pode (Pedro, 17 anos, Colégio Y).

Eu não diria que o lazer é menos importante, acho que é tão importante quanto. Mas, em exagerado seria menos importante. Você não pode ficar só nele. [...] Talvez o ócio é algo que não pode tomar conta. Se você ficar nele, cê tá perdido (Lucas, 17 anos, Colégio X).

No meu caso eu falaria a dança. Porque dançar é um hobby. Eu não faço questão de ter um hobby (Juliana, 17 anos, Colégio X).

Para os jovens investigados, o trabalho é considerado um dever moral e uma obrigação social. Confirmando essa concepção estão os resultados de outra questão de entrevista, apresentados na Tabela 4:

TABELA 4 – Normas sociais sobre o trabalho - 2012

O que você considera menos importante que o trabalho?		
Significado	Sentidos	Frequência⁸
Excesso de lazer / Ócio	Prazer (Dimensão individual)	11
Não definiu	-----	4
Dinheiro	Sobrevivência e independência (Dimensão individual)	2
Não entender o outro	Relações interpessoais (Dimensão organizacional)	1

Fonte: Dados da pesquisa

O manifesto *O direito à preguiça* (1999), escrito por Paul Lafargue, mostra, entre outras coisas, como a apologia do trabalho, feita inclusive pela classe trabalhadora, é maléfica à humanidade. A filósofa Marilena Chaui, que realiza o prefácio da obra de Lafargue, sustenta que mais do que uma mudança na ordem social em termos da relação trabalho *versus* tempo livre, a ética burguesa conseguiu tornar-se ética proletária, na medida em que as preocupações do capital somaram-se às preocupações da classe trabalhadora.

⁸ Os números indicam a frequência com que cada aspecto menos valorizado que o trabalho foi encontrado nas entrevistas. O mesmo entrevistado menciona mais de um aspecto.

Consciente do mal implícito ao trabalho, Lafargue (1999) remete à preguiça como um tempo em que os trabalhadores estão aparentemente distantes do regimento do capital. No entanto, pode-se dizer que a sociedade administrada pelo capital controla tanto o tempo de trabalho como o tempo livre, neste caso o tempo de descanso e preguiça, haja vista que o proletário ocioso luta pela conquista do tempo de labuta ao invés de gozar de seu tempo disponível. Por esse argumento é que o autor julga estranha a paixão que se insere entre o homem e o trabalho. Mais do que isso, o autor afirma categoricamente que o proletariado deixou-se iludir por seu amor ao trabalho e assim, “traindo os seus instintos” e “pervertendo-se pelo dogma do trabalho” criou todas as suas misérias individuais e sociais.

Para Lafargue (1999), mais difícil do que aniquilar o culto ao trabalho é dominar a paixão proletária pelo mesmo de forma que se deixe emancipar deste cárcere. A própria classe trabalhadora, contrária ao seu próprio ócio, cria a possibilidade de prazer e elogio à preguiça aos capitalistas na medida em que produz para a reprodução do sistema capitalista e para o superconsumo da burguesia.

Tal constatação leva à reflexão de que a mesma apatia que assolava a classe trabalhadora no século XIX se faz presente na realidade posta pelo século XXI: há uma equivalência no tratamento reverencial do trabalho em detrimento do tempo livre. No entanto, devemos considerar que o desemprego é um mecanismo de terror que impede os trabalhadores de aspirar uma vida de fruição. Ou seja, se temos menos postos de trabalho ou mais concorrência no mercado de trabalho, aqueles que estão trabalhando tendem a assumir uma sobrecarga de atividades e de tempo em função do risco de perder o trabalho. Consideramos que essa ampliação do tempo dedicado ao trabalho não está associada apenas aos subempregos, mas espraia-se por todas as formas de trabalho e de emprego contemporâneas.

Os deveres constituem os padrões sociais sobre o trabalho considerados corretos pelos indivíduos na sua relação com a sociedade. Entretanto, se por um lado, os jovens entrevistados acreditam no dever social de trabalhar e condenam o ócio, por outro lado a obrigatoriedade do trabalho, as responsabilidades que o trabalhador é levado a assumir, as exigências, os prazos e cobranças, as relações interpessoais fortemente marcadas hierarquia e competitividade, a dificuldade de lidar com a alteridade são unanimemente apontados pelos jovens como aspectos negativos do trabalho tal como se configura na contemporaneidade.

TABELA 5 – Resultados não valorizados no trabalho (aspectos negativos) - 2012

Qual a parte ruim do trabalho?	
Trabalho que não faz sentido	Frequência⁹
DIMENSÃO ORGANIZACIONAL Ser uma obrigação / Responsabilidade Cansativo / Rotina / Estressante / Exigências / Prazos e cobranças / Lidar com problemas/ Hierarquia / Competitividade / Lidar com opiniões diferentes	21
DIMENSÃO INDIVIDUAL Deixar de fazer coisas que dão prazer / Remuneração insuficiente / Perda de identidade / Falta de reconhecimento	5

Fonte: Dados da pesquisa

Embora o caráter compulsório do trabalho assalariado tenha sido frequentemente evocado pelos entrevistados como um dos fatores de desgaste, percebemos que essa queixa está mais relacionada às tarefas destituídas de sentido do que à obrigatoriedade em si. Como afirmam Bajoit & Franssen (1997), o que muda não é a importância do trabalho, mas sim a relação com ele.

Esses jovens demandam de um trabalho que tenha sentido para eles próprios e que lhes deixe tempo para uma vida própria, embora o tempo livre ainda seja entendido por eles com muito preconceito. No entanto, essa postura é um avanço importante na história da classe trabalhadora, uma atitude que exige que o trabalho seja espaço de formação humana.

As exigências e o tanto que cê tem que trabalhar hoje em dia. Porque deixou de ser uma coisa que cê faz por prazer pra ser uma obrigação massante. Você tem que trabalhar cada vez mais, seu trabalho vale cada vez menos. Falta de reconhecimento das pessoas (Sophia, 17 anos, Colégio Z).

A parte ruim é que acaba sendo cansativo. Você vai lá fazer aquela mesma coisa todo dia. Tem dia que cê tá cansada, mas cê tem que fazer, que é uma obrigação. E tudo que é obrigação acaba sendo uma coisa meio ruim, quando cê não quer fazer (Laís, 17 anos, Colégio X).

⁹ Os números indicam a frequência com que cada aspecto negativo foi encontrado nas entrevistas. O mesmo entrevistado menciona mais de um aspecto negativo.

A parte ruim é que você deixa de fazer muita coisa pra tá trabalhando. Às vezes você quer fazer alguma coisa não que seja mais importante, mas que na hora vai te dar mais prazer que o trabalho, que cê deixa de fazer porque cê tem que trabalhar (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Dependendo, obrigação. Quando se torna uma obrigação, acabou! Aí como a pessoa não pode largar o emprego, ela arruma outras coisas pra poder substituir aquela infelicidade dela, para poder gerar momentos de felicidade fora do trabalho (Giziet, 16 anos, Colégio Y).

Ele [o trabalho] representa uma coisa, mas deveria representar outra. O trabalho para a maioria das pessoas representa a felicidade mesmo. Eles querem, basicamente, a realização profissional. Eles se dedicam muito ao seu trabalho, mais que eu acho que deveriam. E o mundo exige isso do profissional hoje. Talvez o profissional não queira, mas o posto de trabalho dele impõe isso a ele. “Se você não quiser sacrificar tanto, nós vamos ter que escolher outra pessoa porque a gente não quer contratar duas pessoas, a gente quer contratar uma só”. Então, as pessoas baseiam o seu nível de satisfação no seu nível de realização profissional (Bruno, 17 anos, Colégio Z).

Parte ruim acho que é tornar obrigatório. Se você não trabalha você não paga suas contas, cê tem que conseguir dinheiro de algum jeito. Então, o trabalho não é um lazer, é uma obrigação. Apesar de ser algo que você gosta, tá naquela faixa ali de obrigação. Tem que fazer (Pedro, 17 anos, Colégio Y).

Responsabilidade. Responsabilidade em si é muito ruim. Saber que tem que fazer e, às vezes, não tá muito a fim de fazer, mas tem que fazer (Thiago L. 17 anos, Colégio Z).

Ruim é ter obrigações, prazos, cobranças (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Cê desgastar sua relação com seus colegas de trabalho. Tipo assim, eu sou muito exigente. Então, se fosse pra eu ficar cobrando de um colega meu o que ele precisa fazer, podia acabar desgastando a relação, entendeu?! (Juliana, 17 anos, Colégio X).

Você tem lidar com vários problemas, com muitas opiniões diversas, muito diferentes da sua, que muitas vezes você pode não concordar, mas você vai ter que passar por cima. Vai ter que dedicar muito mais tempo ao trabalho. Tempo que você poderia estar lidando com lazer. Você vai ter que estar num outro ambiente fazendo coisas que nem sempre você desejaria fazer, mas que fazem parte da carreira (Bárbara, 17 anos, Colégio Z).

Interessante observar que somente uma jovem apontou a “remuneração injusta” como um elemento negativo do trabalho, como um aspecto que o torna sem sentido.

Eu acho que é quando você trabalha muito e você não é remunerado justamente. Isso desanima as pessoas (Alice, 17 anos, Colégio Y).

Esse dado nos leva a pensar que a importância do trabalho ultrapassa a condição de remuneração, ele comporta também uma forte dimensão expressiva. Mais do que o salário, é importante para eles “gostar do trabalho”, “se sentir bem” e “estar num bom ambiente”.

Entretanto, quando indagados sobre o que o trabalho representa na vida das pessoas, ainda que acompanhado de outros elementos que completam o sentido do trabalho (fazer o

que gosta, satisfação pessoal, lazer e modo de vida, felicidade), o tema remuneração foi mencionado pela maioria dos entrevistados como a principal representação. Curiosamente, a questão do trabalho como sobrevivência ficou em evidência mesmo considerando que se trata de jovens oriundos de famílias que dispõem de recursos financeiros. No entanto, é interessante destacar que, para nossos entrevistados, a remuneração só conferirá sentido ao trabalho se eles estiverem, no futuro, executando uma atividade que lhes dá prazer. É interessante a explicação de dois jovens a respeito da representação do trabalho na vida das pessoas:

Se é uma pessoa que gosta do que faz [o trabalho] pode ser a vida da pessoa, assim. Mas se [o trabalho] for uma coisa que não gosta, vai ser só um meio dessa pessoa conseguir se manter (Nathália, 17 anos, Colégio Z).

[O trabalho] Não é só a forma de ganhar dinheiro. Eu quero tentar me divertir um pouquinho no trabalho. Dá pra fazer isso. Eu sei que tem responsabilidades, cumpro elas, mas quero me divertir durante o processo de cumprir com as responsabilidades. Cê tem que gostar das responsabilidades que você tem (Thiago L. 17 anos, Colégio Z).

A Tabela 6, a seguir, apresenta os sentidos e significados do trabalho para os jovens entrevistados.

TABELA 6 – Sentidos e significados do trabalho para os jovens entrevistados - 2012

O que o trabalho representa na vida das pessoas?		
Significado	Frequência¹⁰	Sentido
Renda / Sustento	12	(Dimensão Individual) - Sobrevivência e independência - Prazer - Desenvolvimento
Fazer o que gosta / Satisfação pessoal / Lazer e modo de vida / Felicidade	6	
Desenvolvimento pessoal	1	
Sentir-se útil / Contribuição social (no sentido de papel social) / Dignifica /	9	(Dimensão Social) Utilidade

¹⁰ Os números indicam a frequência com que cada unidade de significado/sentido foi encontrada nas entrevistas. O mesmo entrevistado menciona mais de um significado/sentido.

Enobrece		
Sacrifício / Obrigação	3	(Dimensão individual) SEM SENTIDO

Fonte: Dados da pesquisa

Nádia Guimarães (2004), a partir da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, que contou com 3.501 entrevistados com idades variando entre 15 e 24 anos, distribuídos em 198 municípios em todo o País, concluiu que o sentido do trabalho para os jovens investigados seria antes o de uma demanda a satisfazer do que o de um valor a cultivar. Nesse sentido as dimensões do trabalho como “necessidade”; “fonte de independência” e “crescimento” foram as palavras escolhidas entre 5 opções (necessidade, independência, crescimento, autorrealização e exploração) pelos jovens entrevistados. O achado empírico evidenciou que, em primeiro lugar, o trabalho é, para o jovem brasileiro, “necessidade”, alcançando 39% das respostas. Em segundo com 26% das respostas o trabalho é visto como uma “fonte de independência”, identificado pela pesquisa como um padrão praticamente universal, que, transparecendo para todos os tipos de jovens pesquisados, parece recuperar um significado subjetivo comum para o trabalho. Em terceiro, com 22% das respostas, está o significado do trabalho expresso na metáfora do “crescimento”. Por último, há um grupo menor (11% das respostas) que entende que o trabalho é uma fonte de autorrealização.

Garcia (2002) investigou jovens estudantes e trabalhadores selecionados a partir de duas escolas públicas de Campinas, noturnas, localizadas, uma em um bairro de maior prestígio social, próximo ao centro, e outra em um bairro periférico da cidade. A autora observou que, em uma escola, a sobrevivência foi referida por 25% dos jovens, enquanto na outra escola apenas 5,3% evidenciaram essa vinculação. Na interpretação da autora, quanto maiores são as necessidades básicas ligadas à sobrevivência no espaço social, maior a chance de prevalecer a visão instrumental referida a um bom salário. A autora verificou também que, no sentido inverso, quanto menor as necessidades básicas dos jovens, maior é a tendência a uma concepção do trabalho em que ganha importância o conceito de satisfação e de autorrealização através do mesmo.

Dialogando com os dados apresentados por Garcia (2002) e Guimarães (2004) observamos que entre os jovens que entrevistamos, o trabalho aparece como possibilidade de realização individual associada ao prazer, ou seja, como fonte de realização. A necessidade de fazer o que gostam e gostar do que fazem permeia suas falas em uma mescla na qual trabalho e prazer aparecem como instâncias quase que indissociáveis.

O trabalho é fonte de ganhar dinheiro. Muitas pessoas não fazem porque gostam ou não fazem aquilo por escolha. Fazem porque trabalhar é necessário, só (Thiago L. 17 anos, Colégio Z).

Tudo que você precisa você tem que tirar do trabalho. Se você quer ter um carro bom, quer ter uma casa boa, você tem que trabalhar muito pra ganhar dinheiro (Pedro, 17 anos, Colégio Y).

O trabalho é muito importante! Metade da vida da pessoa quando ela tá acordada, durante o dia, metade é o trabalho. Então, representa o que ela faz, o que ela gosta de fazer e o que ela tem quem fazer pra ganhar o dinheiro dela (Laís, 17 anos Colégio X).

Eu espero que [o trabalho] represente uma coisa boa, tipo, que eu goste do trabalho, que seja parte da minha vida. Não quero trabalhar só pra conseguir me manter, acho muito chato isso (Nathália, 17 anos, Colégio Z).

Pra muita gente pode ser só pra ganhar dinheiro, mas pra uma grande parte também, a maioria talvez, é fazer o que gosta. Até porque nem todo mundo vai ganhar dinheiro também. É impossível! Muita gente faz o que não gosta. Aí é cansativo também (Frederico, 18 anos, Colégio Y).

Acho que pra algumas pessoas é só um modo de sustento. É até pela origem da palavra trabalho, vem de *tripalium*, era um instrumento de tortura utilizado [risos]. Então, tipo assim, acho que muita gente vê o trabalho como uma coisa assim enfadonha, tipo assim: “Ah, trabalho!”. Mas acho que as pessoas que escolheram bem sua profissão e tal, fazem o que gostam, trabalho é mais do que isso, trabalho é seu lazer, o seu modo de vida, tudo que você gosta tá no seu trabalho (Juliana, 17 anos, Colégio X).

O trabalho é considerado também na sua dimensão social, ou seja, ele é visto como papel social, como meio de se sentir útil na sociedade, como atividade que dignifica o homem. Esse sentido atribuído ao trabalho aparece em nove depoimentos.

Eu acho que o trabalho tem várias esferas de importância. Eu acho o trabalho extremamente importante para os relacionamentos. E acho que ainda mais pro mundo que a gente tá agora. Não é mais tão aceitável que mulher não trabalhe. Quando eu vejo mulher e 40 anos que não faz nada, tem os filhos da minha idade, a gente olha assim: “madame!”. É muito fato isso! Mãe de amigo meu que trabalha tem um respeito maior dos filhos, sabe?! A nossa sociedade valoriza muito o ofício. Você pode ser o que for, mas eu acho que tem uma valorização de você não ser alguém que só fica em casa olhando a vida passar (Roberta, 17 anos, Colégio Z).

Acho que hoje em dia a dignificação da pessoa, porque hoje em dia para ser considerado um adulto digno você tem que ter o nosso conceito de emprego hoje em dia. Então, produzir, em qualquer campo que seja, é algo que enobrece bastante. Eu me sinto muito bem quando que produzo. O ócio é bom, mas sempre cansa, enjoa e traz uma sensação péssima. Acho que produzir é muito saudável e, socialmente falando, acho que dignifica (Gustavo, 17 anos, Escola Y).

O trabalho dignifica. Ele é muito importante. Uma pessoa que aposenta muito cedo fica meio sem ter o que fazer, a cabeça fica ruim. O trabalho é muito importante (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Acho que o papel de cada um na vida em sociedade. Acho que não trabalhar, eu nunca pensei nessa possibilidade, eu não acho correto. Eu acho assim, se todo

mundo tá fazendo alguma coisa eu também tenho que contribuir. Eu acho que trabalho é contribuição (Letícia, 17 anos, Colégio Z).

Acho que o trabalho é algo até que faz até com que as pessoas se sintam vivas porque a pessoa se sente útil trabalhando, ela faz algo pra melhorar a sociedade ou pra melhorar uma empresa, tudo. Que ela se faz sentir útil, faz com que ela seja uma pessoa aproveitada. Então, ele é muito importante socialmente pra pessoa, pra pessoa se sentir melhor e também pra receber o seu salário e ter uma vida tranquila (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Verificamos, então, que, ao serem indagados acerca da representatividade do trabalho na vida das pessoas, os jovens definiram o trabalho segundo sua percepção, ou seja, para a maioria deles o trabalho é um meio para se obter renda e garantir a sobrevivência, o sustento. No entanto, quando indagados sobre o que os motiva a trabalhar, ou seja, os aspectos positivos do trabalho, as respostas deram ênfase aos aspectos que definem o trabalho como pensam que deveria ser ou como gostariam que fosse, ou seja, relacionadas ao prazer e satisfação de fazer o que gostam e gostar do que fazem.

TABELA 7 – Resultados valorizados do trabalho/metast (aspectos positivos) - 2012

Qual a parte boa do trabalho?		
Significados	Frequência ¹¹	Sentidos
Fazer o que gosta / Satisfação pessoal / Poder viajar a trabalho / Refúgio	10	(Dimensão individual) • Prazer • Sobrevivência e independência • Valorização
Possibilita adquirir o que gosta / Ser remunerado	2	
Reconhecimento	1	
Conhecer pessoas novas / Ensina a ter alteridade	4	(Dimensão organizacional) • Relações interpessoais

¹¹ Os números indicam a frequência com que cada aspecto positivo do trabalho foi encontrado nas entrevistas. O mesmo entrevistado menciona mais de um aspecto positivo.

Se sentir útil	3	(Dimensão social) • Utilidade
Todos os pontos são positivos	1	Tudo no trabalho faz sentido

Fonte: Dados da pesquisa

Os depoimentos a seguir nos permitem constatar que, para os entrevistados, obter satisfação pessoal por meio do trabalho é um aspecto muito valorizado.

Acho que o trabalho como um todo deve ser bom. Acho que você tem que fazer aquilo que te agrada, entendeu?! É um negócio que você vai fazer pro resto da sua vida. Então, a parte boa do trabalho tem que ser tudo, eu acho (Gustavo, 17 anos, colégio Y).

Acho que é a satisfação de fazer o que você gosta e não ficar à toa, eu odeio ficar sem nada pra fazer. Eu tenho sempre que tá fazendo alguma coisa, assim (Letícia, 17 anos, Colégio Z).

A parte boa do trabalho é você se sentir útil, cê tá ajudando, cê tá fazendo, cê tá se movimentando. Que cê ficar parado dentro de casa o dia inteiro não tem como, cê não faz alguma coisa na sua vida. Então, cê vai tá proporcionando que sua vida seja diferente, cê vai poder fazer no seu trabalho viagens e tal, mexer com gente nova, você vai tá sendo útil pra sociedade (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Conhecer novas pessoas, ter uma função na sociedade, se sentir dentro da sociedade. Ter meio que um motivo pra sua vida porque cê ficar em fazer nada é horrível! Tanto que na Espanha, esses dois meses que eu ia ficar à toa, eu falei: “Não, eu preciso de trabalhar, eu preciso fazer alguma coisa!”. Trabalho ocupa e você se sente inserido (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Eu acho que a gente é muito preguiçoso, sabe?! Eu acho que a gente não tem que ficar tão parado quanto a gente acha que tem que ficar. A gente é feito pra mover. Eu não preciso dormir 12 horas por dia (Roberta, 17 anos, Colégio Z).

É importante observar nesses depoimentos que esse prazer em exercer uma atividade laboral que dá prazer relaciona-se ao afastamento do ócio. Eles atribuem ao trabalho o sentido de ocupação, pois demonstram ter dificuldade em lidar com o tempo livre. Essa construção simbólica do trabalho está atrelada à construção da noção de indivíduos úteis à sociedade. Portanto, os jovens se projetam numa imagem idealizada de sujeito produtivo.

A autora francesa Schnapper (1998) reconhece que nos dias atuais ainda persiste o elo entre trabalho produtivo e cidadania. Para a autora, o trabalho permanece central porque “é a maneira de assegurar a vida material, de estruturar o tempo e o espaço, é o lugar da expressão da dignidade de si próprio e das permutas sociais. O tempo do trabalho profissional dá o seu

sentido aos outros momentos da vida” (SCHNAPPER, 1998, p. 18). Ou seja, nas sociedades atuais “o cidadão moderno adquire a sua dignidade trabalhando” (SCHNAPPER, 1998, p. 16).

Face aos depoimentos coletados, poderíamos concluir que, entre os jovens do setores médios, o trabalho não perdeu a sua centralidade na vida das pessoas como uma possibilidade, ainda que não exclusiva, de realização pessoal, autonomia e contexto privilegiado de estabelecer relações mais alargadas. O trabalho é a única forma de ocupação digna do tempo.

2.2 O jovem na crise do mercado de trabalho

Menor proteção social, mais desemprego, intenso aumento de inserções laborais alternativas ao padrão assalariado, marcadas com o signo da precariedade, estagnação da contratação acompanhada de vínculos legalmente respaldados. Essa é a situação prevalecente quando se analisam os impactos, sobre a população trabalhadora, das transformações associadas à reestruturação dos modos de produzir e de organizar o trabalho, que se têm instalado na sociedade brasileira, mais precisamente a partir do anos 90, no bojo de um processo amplo de mudanças no sistema capitalista em nível internacional.

O sociólogo espanhol Manuel Castells, com sua obra *A sociedade em rede* (1999), procura caracterizar e teorizar as transformações sociais, considerando-as como uma nova etapa do capitalismo – de transição do industrialismo para o informacionalismo – marcada pela Revolução da Tecnologia da Informação, dentro da qual as mudanças no trabalho ganham destaque.

A flexibilização é, segundo o autor, elemento fundamental dessa transição que remete à organização empresarial em rede e que se configura pela adoção de métodos de produção enxuta, estimulando práticas empresarias de terceirização e subcontratação, de realocação de plantas em outros países e de redução do quadro funcional, como formas de adaptação flexível às condições do mercado. Essa organização em rede amplia a gama de oportunidades para as empresas em relação às estratégias para a mão-de-obra qualificada e não-qualificada, reunindo formas diversas de relações com os trabalhadores e suas condições de trabalho. Em decorrência, o perfil profissional das sociedades informacionais é muito mais diverso, observando-se a convivência do trabalho assalariado com trabalho autônomo e situações profissionais mistas, chegando mesmo à utilização de trabalho escravo.

O modelo predominante de produção nessa nova economia é constituído por uma força de trabalho permanente – os “analistas simbólicos”, de Reich (1994), e administradores que atuam com base na informação – e uma força de trabalho disponível que pode ser

automatizada e/ou contratada/demitida/enviada para o exterior, dependendo da demanda do mercado e dos custos do trabalho. Segundo Reich (1994), na emergente economia internacional, três amplas categorias de trabalho estão surgindo: serviços rotineiros de produção, serviços pessoais e serviços simbólicos analíticos. Nesta última, estão inclusas todas as atividades de solução de problemas, identificação de problemas e promoção estratégica de vendas.

Segundo Castells (1999), duas são as transformações fundamentais, introduzidas pela reestruturação das empresas e organizações, possibilitadas pela tecnologia da informação, pela forma organizacional da empresa em rede e estimuladas pela concorrência global: a individualização do trabalho no processo de trabalho (quanto a capacidades, condições de trabalho, interesses e projetos) e a fragmentação das sociedades, as quais estariam ficando cada vez mais dualizadas, polarizadas, isto é, crescendo nas extremidades superior e inferior da estrutura ocupacional e encolhendo no meio, ou seja, há um claro achatamento dos empregados de padrão intermediário de conhecimento e rendimento. Assim, a forma tradicional de trabalho com base no emprego de horário integral, projetos profissionais bem delineados e um padrão de carreira ao longo da vida estão sendo extintos de forma lenta, mas indiscutível (CASTELLS, 1999).

Em conclusão, Castells (1999) afirma que o processo de transição para a sociedade informacional e economia global é caracterizado pela deteriorização generalizada das condições de trabalho e de vida para os trabalhadores. A individualização do trabalho torna cada vez mais difícil distinguir entre os que são proprietários, os produtores, os administradores e os empregados, isto porque, segundo o autor, “[...] embora as relações capitalistas de produção ainda persistam (na verdade, em muitas economias, a lógica dominante é mais estritamente capitalista do que antes), capital e trabalho tendem cada vez mais a existir em diferentes espaços e tempos” (CASTELLS, 1999, p. 503).

Com base na situação europeia, mais precisamente a de seu país, a França, Robert Castel (1998) examina as transformações no trabalho tendo por referência a situação que ele designa por “sociedade salarial”, uma vez que é a partir dela que as alterações podem ser observadas, medidas e analisadas.

Castel (1998) trata da fragilidade do vínculo social, da indigência assistida, de beneficiários de subvenções sociais, de endividados, de inempregáveis, de desempregados de longa duração, de jovens à procura do primeiro emprego, de supranumerários, de “inúteis para o mundo”. O seu propósito é tentar compreender o contemporâneo em suas flutuações instáveis e incertas de fragilidade do *status* social e de debilidade econômica. Esses efeitos da

degradação salarial caracterizam populações invalidadas pela conjuntura, que não têm utilidade social nem reconhecimento público, os chamados “inúteis para o mundo”.

Esse fenômeno que atinge grandes parcelas da população mundial ocorre em vários países, não só nos países pobres, e é uma das consequências da precarização das relações de trabalho. “Encontram-se desfiliados, e esta qualificação lhes convém melhor do que a de excluídos: foram desligados, mas continuam dependendo do centro que, talvez, nunca foi tão onipresente para o conjunto da sociedade” (CASTEL, 1998, p. 569).

Essa noção de desfiliação é caracterizada por um modo particular de dissociação social, de ruptura de vínculo social e de pertencimento, ou seja, de relações sociais desprovidas de sentido, de projeto e de consistência. A desfiliação seria resultado de um processo dinâmico que, mais nitidamente, veio se construindo desde as décadas de 60 e 70 devido à precariedade das relações de trabalho e à crescente fragilidade relacional. As situações de privação que caracterizam a desfiliação seriam um efeito da não integração pelo trabalho e da não inserção nas relações sociais. Dessa forma, podemos falar de um “eixo de integração/não integração pelo trabalho” que vai da preservação de um emprego estável à ausência de emprego, passando pelas formas intermitentes, sazonais e precárias de ocupações; e de um outro “eixo de inserção/não inserção em uma sociabilidade sociofamiliar” que vai dos sólidos vínculos sociais ao isolamento social total, passando pela fragilidade de sociabilidade. Então, a conjunção desses dois fatores – “eixo de integração/não integração pelo trabalho” e “eixo de inserção/não inserção em uma sociabilidade” – traça quatro zonas diferenciadas socialmente, a saber: zona de integração, zona de vulnerabilidade, zona de assistência e zona de desfiliação.

Estar dentro da “zona de integração” significa ter garantias de um trabalho permanente e estável, bem como de suportes consistentes de sociabilidade. A “zona de vulnerabilidade” diz respeito à precariedade do trabalho e à fragilidade relacional de sociabilidade. A “zona de desfiliação” associa ausência de emprego e isolamento social. As fronteiras entre essas zonas são porosas, permeáveis e pode ocorrer um cruzamento entre os eixos de integração/não integração e de inserção/não inserção, ou seja, uma conjugação entre “não emprego” e forte sociabilidade, o que caracteriza a “zona de assistência”, ou seja, daqueles que não perderam os vínculos sociais (CASTEL, 1998, p. 532). Nesse sentido, Castel (1998) propõe trazer à tona o frágil equilíbrio, o “risco de queda” em que permanecem os que se encontram nas “zonas de integração”.

Isso explica porque o mercado de trabalho atual é percebido pelos jovens entrevistados como um ambiente caracterizado pela alta competitividade e pelas rápidas mudanças que

exigem a constante busca por qualificações e especializações, pois para estar dentro da “zona de integração” é necessário, na visão dos entrevistados, ter uma “super hiper qualificação” que envolve, além da conclusão do ensino superior, a realização de MBA’s, pós-graduações, conhecimento de idiomas, experiências internacionais, etc. Percebemos, então, uma tendência à valorização do prolongamento dos estudos como estratégia para enfrentar a competitividade no mercado de trabalho. Esses jovens acreditam que através dos estudos, da busca incessante pelo conhecimento, terão melhores condições para assegurar seu valor no mercado, ou seja, criarão meios para a automanutenção em um estado de empregabilidade. Assim, o discurso meritocrático, que transfere a responsabilidade pelo emprego da sociedade e do Estado para o próprio trabalhador, é o comumente adotado pelos jovens investigados. Para poderem concorrer nesse mercado “feroz”, é necessário “estar sempre ligado”, ou seja, nunca parar.

Cada vez mais você precisa de saber falar outras línguas, você precisa de ter outro curso superior, você precisa ter mais especializações, mestrado, doutorado, tempo disponível pra você viajar pra sei lá aonde a empresa te mandar. Cê precisa de saber fazer mais de uma coisa. Quanto mais coisa você souber fazer, melhor (Giziet, 16 anos, Colégio Y).

Seja qualquer a profissão, cê tem que tá antenado no mundo, nas novidades, no que tá acontecendo e não cansar de estudar. Sempre tem que estudar, estudar, estudar, pra sempre tá aprendendo mais. Acho que esse é o papel fundamental (Pedro, 17 anos, Colégio Y).

Antigamente eu acho que era mais ainda esse negócio de ter que conhecer as pessoas, acho que era muito isso. E também não era tão competitivo. Agora tem mais opções, mas também tem mais gente para essas opções. Ele [o mercado] é mais dinâmico, cê tem que tá muito bem porque senão pode vir alguém e pegar seu lugar. Tem que tá sempre melhorando, tem que sempre fazer um curso a mais pra se manter e também pra melhorar no seu cargo (Nathália, 17 anos, Colégio Z).

Acho que a competitividade aumentou, consideravelmente, e o nível de exigência de cobrança mesmo, de curso. O inglês é um bom exemplo, até pouco tempo o inglês era um diferencial, hoje em dia ele não é um diferencial mais, ele é um pré-requisito quase. Acho que se você não fala inglês você vai ser prejudicado, mas se você falar você não vai ter vantagens por isso. Acho que a questão de uma outra língua hoje, acho que é algo muito mais relevante (Gustavo, 17 anos, Colégio Y).

Apesar de o mercado ser percebido pelos entrevistados como muito competitivo e com poucas vagas de emprego, a noção de que para conseguir ofertas de emprego basta que o profissional seja “bom” aparece de forma recorrente em suas falas.

Bem amplo. Eu acho que o mercado de trabalho tem várias oportunidades. Apesar que tem muita gente desempregada, muita gente que não consegue emprego, eu acho que se você se esforçar, correr atrás, eu acho que você consegue. O mercado de trabalho tem tanta coisa pra você fazer! (Yanê, 16 anos, Colégio X).

Tem muita gente boa no mercado. Eu acho que tem que ser muito bom pra conseguir um emprego, mesmo. [...] a pessoa tem sempre que estar se esforçando ao máximo, tem que estar sempre se dedicando muito, porque se ela não for extremamente boa ela acaba perdendo o emprego (Pedro, 17 anos, Colégio Y).

Se você é bom, todo mundo é bom. Cê tem que ser excelente. [...] você tem que ser muito melhor, muito mais bem capacitado. Sua área de capacitação tem que ser muito mais vasta, muito mais ampla. Você tem que ser bom em muitas coisas (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Para situar o contexto em que essas representações foram produzidas, é importante informar que no mês em que estávamos finalizando a coleta dos dados (maio/2012) a Organização Internacional do Trabalho (OIT) publicou seu relatório “Tendências Mundiais do Emprego Juvenil 2012” (OIT, 2012), no qual foi realizada uma projeção de que, até o fim de 2012, 12,7% da força de trabalho juvenil do mundo estariam sem emprego. Em nível mundial, estima-se que haveria cerca de 75 milhões de jovens desempregados de entre 15 e 24 anos em 2012, um aumento de aproximadamente 4 milhões desde 2007. O relatório prevê, ainda, que a taxa de desemprego terá uma pressão adicional quando os jovens que prolongam sua permanência no sistema educacional devido à falta de oportunidades finalmente entrarem no mercado laboral.

O relatório também mostra que muitos jovens estão presos a trabalhos temporários, de baixa produtividade e que não prometem melhores oportunidades. Nas economias desenvolvidas, os jovens realizam cada vez mais trabalhos temporários ou a tempo parcial, enquanto que no mundo em desenvolvimento muitos jovens realizam trabalho familiar não remunerado em empresas ou granjas (fazendas) familiares informais. Ainda, os jovens que não trabalham nem estudam converteram-se em um motivo de grande preocupação, particularmente nas economias desenvolvidas. Este grupo com frequência representa pelo menos de 10 por cento dos jovens e seu número aumentou rapidamente em muitas economias desenvolvidas.

Segundo o relatório “Perfil do Trabalho Decente no Brasil – Um Olhar sobre as Unidades da Federação” (GUIMARÃES, 2012), divulgado em 19/07/2012 pelo Escritório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) no Brasil, seguindo uma tendência mundial, em 2009 a taxa de desemprego entre os jovens (15 a 24 anos de idade) era de 17,8%, sendo mais do que duas vezes superior à taxa total de desemprego (8,4%). A taxa de desemprego das mulheres jovens (23,1%) era bastante superior à dos homens jovens (13,9%). Os níveis de desocupação dos/as jovens negros/as (18,8%) também eram mais elevados que o dos/as brancos/as (16,6%). A desigualdade era ainda mais expressiva entre as jovens negras, cuja taxa de desocupação (25,3%) chegava a ser 12,2 pontos percentuais superior a dos jovens

brancos do sexo masculino (13,1%). O desemprego juvenil apresentava grande variabilidade ao longo do território nacional. As taxas variavam desde 9,8% no Piauí até 27,0% no Amapá, isto é, quase o triplo entre os extremos. Entre as mulheres jovens as maiores taxas se registravam no Amapá (34,9%) e Sergipe (29,8%).

Ainda entre os resultados apresentados pelo relatório, o percentual de jovens que não estudam e nem estão ocupados no mercado de trabalho era elevado e variava significativamente por sexo e cor ou raça. Em 2009, um expressivo contingente de 6,2 milhões de jovens (18,4% do total) não estudava nem trabalhava. A análise desse indicador segundo uma perspectiva de gênero revela que a proporção de mulheres adolescentes e jovens que não estudavam nem trabalhavam (24,8%) era o dobro da proporção de homens na mesma situação (12,1%). A porcentagem era ainda mais elevada entre a juventude negra (20,4%) em comparação com a branca (16,1%), sendo que alcançava 28,2% entre as jovens negras, o que significa que aproximadamente uma entre cada três jovens mulheres negras se encontrava nessa situação. Em três estados a proporção de jovens que não estudavam nem trabalhavam situava-se em torno de 25,0%: Pernambuco (25,7%), Alagoas (25,0%) e Amapá (24,6%). As menores proporções eram observadas em Santa Catarina (11,0%) e Piauí (14,0%).

A pergunta seguinte, então, propõe uma avaliação do mercado de trabalho. Perguntamos aos jovens como eles enxergam o mercado de trabalho e o que ele está cobrando do trabalhador.

TABELA 8 – Percepção do Mercado de trabalho - 2012

Mercado de trabalho	Frequência¹²
Exigente / Cobrando: capacidades e habilidades; poder de decisão; criatividade; ousadia; competência; atitude; autonomia. Valoriza: relação interpessoal; saber se comunicar; disponibilidade; pessoas que rendem; ter iniciativa; ser bom no que faz; gostar do que faz.	11
Cobra estudo / qualificação / idioma / ter certificado	8

¹² Os números indicam a frequência com que cada percepção do mercado de trabalho foi encontrada nas entrevistas. O mesmo entrevistado menciona mais de uma percepção.

Competitivo / Concorrido	6
Promissor para engenharias	3
Cobra experiência profissional	3
Oferece muitas oportunidades / Dinâmico / Aquecido	3
Dificuldade para encontrar emprego / Hostil / Difícil	2
Precisa ter contatos	1

Fonte: Dados da pesquisa

A lógica de instabilidade e imprevisibilidade resultante das contínuas reestruturações do trabalho afetaram os trabalhadores em seus modos de trabalhar e de ser. As exigências de o trabalhador ser polivalente, altamente qualificado e multiprofissional vêm carregadas de uma ideologia que procura o engajamento subjetivo cada vez maior dos profissionais, conforme apontado por Lipovetsky (2006) e observado no discurso dos jovens entrevistados.

[...] Eles [os empregadores] não veem só sua capacidade profissional, de como você lida com a técnica. Eles veem o conjunto completo de tudo que você já fez, de tudo que você pretende fazer (Bárbara, 17 anos, Colégio Z).

O mercado tá cobrando capacidade. Aquele profissional capaz de vencer aquilo e não só com um diploma na mão. Aquela pessoa que realmente tenha habilidade e faça muito bem feito (Laís, 17 anos, Colégio X).

Acho que o mercado tá cobrando uma boa formação e a competência individual. O profissional não pode ser só inteligente, saber muita coisa. Ele tem que ser esperto. Acho que tem que ter atitude (Letícia, 17 anos, Colégio Z).

O mercado cobra poder de decisão. Decidir a coisa certa e na hora certa. Você tem que saber: aquele é o momento, você tem que fazer aquilo naquela hora, cê não pode pensar demais não. Se você refletir demais cê perde a hora. Mercado de trabalho quer aquele profissional que saiba decidir na hora. Bateu o momento da decisão ele tem que decidir e tem que decidir certo. Na hora de pressão ele tem que melhorar, ele não pode diminuir não, nunca (Lucas, 17 anos, Colégio X).

O mercado cobra autonomia, gostar do que faz, ter iniciativa, ser bom no que faz também (Frederico, 18 anos, Colégio Y).

A competência exige, portanto, o saber fazer. Esses critérios de qualificação profissional mencionados pelos jovens investigados ultrapassam as exigências da escolaridade

formal, criando uma distância entre escola e o mundo do trabalho. Os conteúdos escolares já não são suficientes para qualificar um trabalhador para o atual mundo do trabalho.

A noção meritocrática de que tudo depende de cada um individualmente permeia o discurso dos entrevistados o tempo todo. Apesar de perceberem as dificuldades do mercado de trabalho, a crença que os entrevistados demonstraram possuir em si mesmos parece fazer com que tenham quase a certeza de que sempre haverá para eles um lugar no mercado, já que “correm atrás” e se esforçam para alcançar seus objetivos. Essa crença é colocada de maneira espontânea pelos jovens, sem ser questionada.

É interessante notar que para eles existem diferenças nítidas entre o mercado dos dias de hoje e o mercado de aproximadamente vinte ou trinta anos atrás, quando seus pais iniciaram a vida profissional. O mercado “de antigamente” era menos competitivo, exigia menos qualificações e havia a possibilidade de constituir uma carreira. Os entrevistados parecem acreditar que o mercado de trabalho de alguns anos atrás era mais “fácil” do que o dos dias de hoje.

TABELA 9 – Mercado de trabalho - 2012

Mercado de trabalho atual X Mercado de trabalho dos pais	Frequência¹³
Hoje é mais concorrido / competitivo	8
Aumentou nível de cobrança / formação / Hoje avalia todos os aspectos do profissional / Mais exigente	4
Hoje é mais dinâmico / Mais possibilidades de escolha	4
Hoje faltam engenheiros	2
Hoje é mais fácil conseguir emprego	1
Hoje mulher assume mais cargos de chefia	1
Antes tinha menos informação sobre o mercado	1

¹³ Os números indicam a frequência com que cada resposta foi encontrada nas entrevistas. O mesmo entrevistado menciona mais de uma resposta.

Antes necessitava mais de ter contatos	1
--	---

Fonte: Dados da pesquisa

Nos depoimentos a seguir fica evidente a preocupação dos entrevistados com a concorrência e a competitividade presentes no atual mercado de trabalho.

Eu acho que hoje o mercado de trabalho tá mais concorrido. As pessoas estão mais preparadas. Então, tá mais difícil pra todo mundo. Estão buscando sempre o melhor (Laís, 17 anos, Colégio X).

[O mercado de trabalho há alguns anos atrás] exigia menos preparo acadêmico. Você poderia trabalhar numa coisa legal só com Ensino Médio ou Ensino Técnico. Hoje o trabalho bom você só consegue depois de estudar muito mesmo. Você tem que se preparar mais pra conseguir a mesma coisa que eles conseguiram (Thiago L. 17 anos, Colégio Z).

Eu acho que hoje o mercado é mais competitivo. Naquela época tinha menos gente, não tinha tantas pessoas com acesso a tanta informação. Não tinha pessoas com tantos recursos pra conseguir chegar no mercado de trabalho. Então, eu acho que hoje o mercado tá bem mais concorrido (Pedro, 17 anos, Colégio Y).

Acho que na época deles era mais difícil de entrar no vestibular, mas cê saía cê tinha um emprego. Hoje cê entra na faculdade mas fácil, mas na hora que cê sai cê tem que lutar pra você conseguir uma vaga (Alice, 17 anos, Colégio Y).

Os jovens entrevistados parecem não perceber tanto o crescimento das demandas por qualificação como originário das necessidades das empresas, mas sim em função da democratização do acesso a níveis mais altos de qualificação. Na geração dos pais o número de portadores de diploma de Ensino Médio, técnico ou superior era muito baixo, então, havia emprego para todos. Com a democratização, aumenta a concorrência, pois há maior número de trabalhadores qualificados. Isso se deu tanto pela democratização do acesso à escolarização via políticas públicas quanto pelo crescimento do mercado educacional, com enorme expansão das escolas privadas em todos os níveis.

Alguns alunos acreditam que o mercado de trabalho está mais “dinâmico”. Quando utilizam esse termo se referem, principalmente, ao despontar de novas atividades profissionais e à mobilidade profissional que vem ocorrendo em períodos cada vez mais curtos.

Acho que hoje em dia é mais dinâmico. Hoje em dia tem muito mais profissões pra escolher, tem muito mais serviços terceirizados. Pode ir pra uma área, pode ir pra outra, pode fazer muitas coisas diferentes também. Eu acho que é um mercado mais amplo (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Olha, eu acho que ficou mais fácil até você arrumar um emprego no mercado de trabalho. [...] Eu acho que mudou também o tanto de área que tem no mercado de trabalho, antes tinha Medicina, Engenharia, Direito. Hoje em dia tem mil coisas

diferentes pr'ocê fazer. A tecnologia mudou bastante no mercado de trabalho também (Yanê, 16 anos, Colégio X).

Os dados a seguir ilustram a percepção do jovens investigados acerca dos problemas enfrentados por quem está atualmente inserido no mercado de trabalho.

TABELA 10 – Problemas enfrentados no mercado de trabalho - 2012

Problemas que o trabalhador enfrenta	Frequência¹⁴
Pressão / Cansaço / Stress / Não tem tempo para lazer	6
Competitividade / Concorrência	5
Desemprego / Trabalho informal	2
Chefe / Ter sempre que agradar	2
Exige dele mais conhecimento	1
Workaholic	1

Fonte: Dados da pesquisa

Na visão deles, está cada vez mais difícil lidar com as pressões no ambiente de trabalho, uma vez que as empresas perseguem resultados cada vez mais ambiciosos e o aumento de mão de obra disponível tem intensificado a competitividade entre os trabalhadores.

O mercado hoje valoriza mais as pessoas que rendem, mas ele não quer testar se você rende. Ele quer provas de que você rende pra depois te testar. [...] Eles querem garantias de que você vai ser rentável pra eles. [...] O trabalhador hoje sofre muita pressão pra produzir mais, pra ser melhor, fazer coisas que ele não tem capacidade, fazer coisas que não são legítimas pra exigirem dele, que não estavam no combinado anterior. Então, essa pressão que tá sobre os trabalhadores e que hoje eu enfrento, por exemplo, na minha escola e que depois vai piorar muito no meu trabalho é uma coisa ruim e que é desgastante porque não existe um trabalhador que sai do trabalho, tira a máscara, vai embora e esquece (Bruno, 17 anos, Colégio Z).

O mercado tá difícil. Acho que tá muito acirrado, sabe?! Quem já tem nome já tem. Tem muita gente que vai surgir. Tem muita gente que vai ficar marginalizado e vai ter que arrumar outro emprego. Eu tenho medo de não trabalhar na minha profissão também, eu não quero jogar fora o que eu estudei (Giziet, 16 anos, Colégio Y).

¹⁴ Os números indicam a frequência com que cada problema foi encontrado nas entrevistas. O mesmo entrevistado menciona mais de um problema.

Eu acho que pela competitividade cê tem muito mal-estar entre as pessoas, de uma não respeitar a outra, achar que é melhor por alguma coisa. Cê se desgasta (Alice, 17 anos, Colégio Y).

Cansaço. Noh! Eu vejo minha mãe trabalhando. Chegando de viagem sábado ou domingo, saindo sexta-feira, chegando 21h do trabalho, bem cansada, perdendo tempo de descansar, de sair. Eu acho que tá consumindo todas as forças das pessoas (Yanê, 17 anos, Colégio X).

Eu acho que a pressão. O trabalho te pressiona a melhorar, quer sempre mais de você. Então, há algumas pessoas que não sabem lidar com a pressão, elas não aguentam. E a pressão é um problema muito forte. O trabalho faz com que a pessoa se sinta pressionada (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Pra quem trabalha eu acho que a vida tá mais estressante. É muita gente, é muito carro, é muita buzina, é muito barulho, é muito pra manhã, pra hoje. E eu acho que as pessoas tão tendo menos tempo pra elas. E se as pessoas não têm tempo pra elas, pra colocar a vida pessoal em dia, o resto enrola tudo (Roberta, 17 anos, Colégio Z).

2.3 “Eles que se segurem porque eu vou sair arrebrandando”: gênero e mercado de trabalho na perspectiva das jovens entrevistadas

A sociedade brasileira vem atravessando importantes mudanças políticas, econômicas e sociais nas últimas décadas. No entanto, essas mudanças afetam homens e mulheres diferentemente. As formas de discriminação da mulher no mercado de trabalho persistem e são as mais variadas: vão desde os salários mais baixos ao número inferior de mulheres ocupando cargos de chefia e de maior prestígio e poder nas empresas. Essas formas de discriminação ainda estão, segundo as entrevistadas, fortemente vinculadas aos estereótipos atribuídos aos homens e às mulheres que naturalizam algumas características associadas aos sexos, como se pode notar na fala de Roberta:

Eu acho que cada vez tá mais evidente que a gente é tão boa quanto eles. Os meus colegas têm essa visão de que a mulher trabalha tão bem quanto o homem. Mas, tem muita gente que não acha. Tem muita gente que quando eu tiver procurando emprego não vai achar isso e vai achar que eu devo merecer menos, que a mulher é emotiva e não sabe administrar, que a mulher é fraca (Roberta, 17 anos, Colégio Z).

Esses estereótipos perdem sentido quando se observa que muitos homens possuem características tradicionalmente consideradas femininas e muitas mulheres são mais agressivas e competitivas do que os homens na sua forma de atuar no mercado de trabalho. Isso nos traz um novo olhar sobre as relações entre homens e mulheres, menos estereotipado, questionando as funções e os espaços a serem por eles ocupados na sociedade.

As modificações nos papéis das mulheres vêm ocorrendo de forma lenta e gradual, sendo comum que modelos mais antigos e atuais convivam, por vezes de forma contraditória,

tanto no discurso social quanto em níveis distintos de consciência, no interior dos próprios sujeitos. É interessante observar que, por terem recebido uma educação em que o modelo de mulher responsável pela casa e pelos filhos ainda estava presente, muitas mulheres sentem dificuldade em dividir essas tarefas com o marido. Como aponta Rocha-Coutinho (1994):

[...] o controle, a perfeição exigida do lar e das crianças, a insistência de que a mãe tem sempre razão, é a versão feminina do machismo, que a mulher sempre usou para contrabalancear ou mascarar sua vulnerabilidade, sua dependência econômica, sua subestimação pela sociedade e por si mesma (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 63).

Sabemos que, mesmo sendo idênticas as capacidades produtivas entre homens e mulheres, é realidade a discriminação nos postos de trabalho, o que tem como consequência, por exemplo, a pouca representatividade de mulheres em postos de comando nas organizações. Sob a ótica diferenciada, a mulher não estaria apta para a ocupação de postos de poder porque as responsabilidades do lar que ainda recaem sobre os ombros das mulheres são incompatíveis com as exigências de maior tempo disponível para o trabalho que esses postos de poder requerem. Portanto, a inclusão das mulheres no mercado de trabalho tende a ser mais precarizada e não as desobriga dos afazeres domésticos. Essa responsabilidade imputada às mulheres faz com que elas, com frequência, procurem empregos em locais próximos às suas residências, perto das escolas dos filhos e que não tenham jornadas extensas.

Não podemos deixar de assinalar aqui também que muitas mulheres deixam de lado os planos de constituir família e de serem mães para priorizar a carreira profissional. Para estas, o investimento em sua educação para um maior crescimento no trabalho é prioritário, já que almejam, primordialmente, o sucesso profissional. Esse parece ser o projeto de Juliana:

[...] Eu não faço questão de casar. Na verdade eu não quero casar. Eu não quero ter filhos. Eu não gosto desse tipo de coisa. Mas eu quero que a minha carreira deslanche e eu quero ter meus amigos. Isso pra mim é fundamental. [...] Com 35 eu espero ou tá abrindo minha empresa de advocacia ou tá já numa condição melhor enquanto jornalista (Juliana, 17 anos, Colégio X).

É importante destacar que existem dois extremos opostos da inserção das mulheres no mercado de trabalho que, na verdade, são complementares: mulheres escolarizadas, inseridas no mercado de trabalho transferem as ações domésticas que lhes são atribuídas a outras mulheres de forma remunerada. Portanto, a carreira profissional de uma depende da carreira de outras, porque uma complementa o trabalho feminino da outra. Hirata (2001) exemplifica:

Contudo, a tendência a uma diversificação das funções mostra hoje um quadro de bipolarização: num extremo, profissionais altamente qualificadas, com salários relativamente bons no conjunto da mão-de-obra feminina (engenheiras, arquitetas, médicas, professoras, gerentes, advogadas, magistradas, juízas, etc.), e, no outro extremo, trabalhadoras ditas de “baixa qualificação”, com baixos salários e tarefas sem reconhecimento nem valorização social. Essa bipolarização não surge apenas nos países europeus desenvolvidos, mas também em países semi-industrializados como o Brasil (HIRATA, 2001, p. 148).

Com o intuito de conhecer melhor a visão das jovens estudantes dos setores médios acerca da inserção da mulher no atual mercado de trabalho, bem como averiguar possíveis diferenças entre projetos profissionais femininos e masculinos, abordamos em nossa entrevista questionamentos que levaram as jovens a revelar se elas percebem ou não interferência da sua condição de mulher na elaboração de seus projetos de vida.

Observamos que as jovens mencionam em suas falas a percepção das pressões da divisão sexual do trabalho sobre os projetos profissionais. A fala de Laís é interessante porque ela mostra o preconceito que os homens enfrentam em relação aos cursos tradicionalmente destinados às mulheres.

Se um homem quiser fazer moda, eu tenho certeza que ele não vai ser bem aceito. Arquitetura, por exemplo, meu primo formou tinha ele e mais dois na turma (Laís, 17 anos, Colégio X).

Yanê, que pretende cursar Arquitetura, acredita que algumas habilidades consideradas femininas tornaram-se habilidades valorizadas e requeridas em algumas profissões, por isso, “espera” que, por ter escolhido atuar numa área em que acredita serem valorizadas essas habilidades femininas, não sofra nenhum tipo de discriminação; pelo contrário, espera que essas habilidades contribuam para o desenvolvimento de sua carreira.

Hoje em dia eu espero que não [que não haja discriminação em relação às mulheres no mercado de trabalho]. [risos] Principalmente indo pra essa área de criatividade, de desenho, eu acho que, na verdade ajuda, porque tem gente que fala que mulher tem um pouco mais de cuidado que homem. Então, eu acho que não (Yanê, 17 anos, Colégio X).

A área das engenharias ainda carrega um significativo preconceito. Na percepção de Letícia e Yanê, as mulheres precisam se esforçar mais para serem respeitadas e reconhecidas como competentes para as funções de liderança dentro da Engenharia Civil. Elas apontam essa necessidade de se “impor”, de serem suficientemente hábeis para lidar com situações de conflito explícito com os subordinados, a fim de permanecer no comando de uma equipe masculina.

Ah, por exemplo, eu já pensei em fazer Engenharia Civil. Aí cê pergunta pra sala quem quer fazer Engenharia Civil, levanta nove homens a mão e você de mulher. Aí você vai pensar: “vou ficar mexendo com pedreiro”, aí você vai mandar no pedreiro e o pedreiro não vai te obedecer porque você é mulher. Se ele é mais forte que você por que que ele tem que te obedecer? (Yanê, 17 anos, Colégio X).

Eu tinha 3 opções de curso: Engenharia Civil, Arquitetura ou Engenharia Química. O que eu sempre quis mais era Engenharia Civil, só que eu via um olhar meio que de dificuldade no mercado de trabalho pra mulher, sabe?! Só que aí eu fui fazendo umas pesquisas e minha psicóloga foi me ajudando e aí a gente viu que assim que hoje em dia já tá superando muito isso, sabe?! Então, eu fiquei mais segura, porque eu tava insegura de fazer o curso. Então, eu conversei com 3 profissionais, fui pesquisando em *site*, e assim, pelo que eu percebi, se a mulher souber se impor no mercado, aí eu acho que pra ela já não tem problema, só se ela não souber lidar com a situação. Acho que ela tem que demonstrar que pra ela não faz diferença ser mulher ou homem, que só a competência é que importa. Então, se a pessoa deixar isso bem claro não tem nem o que as outras falarem (Letícia, 17 anos, Colégio Z).

Giziet, no depoimento a seguir, reconhece que ainda existem culturas profissionais essencialmente masculinas, entretanto, afirma que não se intimida por essas dificuldades e preconceitos que possivelmente possa enfrentar durante o curso. A jovem acrescenta ainda que “a gente [mulheres] faz muito mais coisa que eles [homens]”.

Eles que se segurem porque eu vou sair arrebetando, eu não tô nem aí! Atualmente eu acho que não faz tanta diferença. Pra Engenharia ainda tem esse negócio de mulher fazendo Engenharia e tal, só tem três na sala. Mas se eu for fazer eu vou ser uma das três e inda vou arrebetar com os meninos porque eu não tô nem aí (Giziet, 16 anos, Colégio Y).

Há quem acredite que a divisão sexual do trabalho é algo “ultrapassado”.

Não. Acho que isso já tá ultrapassada. Antes tinha mulher que falava assim: “Ah, só homem que passa lá na Engenharia Mecânica”; porque era cultural daquela época. A gente tá no século XXI, não tem mais isso, qualquer homem, qualquer mulher pode fazer qualquer coisa (Juliana, 17 anos, Colégio X).

Entretanto, quando questionada se a condição de mulher facilita ou dificulta a escolha de alguma carreira, Juliana, que no depoimento anterior julga essa divisão sexual do trabalho como algo já superado pela sociedade, aqui mostra a tensão, o momento de transição quando menciona as dificuldades de acesso aos redutos essencialmente masculinos dentro das empresas.

Teoricamente não, e acho que até na hora que você vai fazer uma entrevista de emprego não. Mas, eu acho que já dentro da empresa pode ter alguma diferença, algum tipo de, eu não diria exclusão porque não chegaria a tanto não, mas um tipo

de predileção pelos homens. Acho que ainda existe isso, infelizmente (Juliana, 17 anos, Colégio X).

Percebemos a partir dos relatos das jovens estudantes investigadas que, mesmo tendo que enfrentar uma barreira cultural sobre o seu desempenho no mercado de trabalho, elas percebem mudanças acontecendo, se permitem o interesse por tais áreas e estão dispostas a se dedicar mais para comprovarem sua capacidade. Elas encaram sua ascensão profissional como um desafio a ser vencido e é através da competição com “os meninos” que elas pretendem vencer pela competência.

Capítulo III

3 POSSIBILIDADES E LIMITES DE COMUNICAÇÃO ENTRE A ESCOLA E O MUNDO DO TRABALHO

Até aqui, analisamos a constituição de projetos de vida dos jovens dos setores médios na esfera do trabalho e vimos que, no projeto meritocrático, a escola ocupa um lugar central. A seguir, analisaremos as inter-relações entre educação, trabalho e empregabilidade, tanto do ponto de vista formal quanto das vinculações subjetivamente percebidas pelos jovens.

3.1 Escola para quê?

No Brasil, a educação tem sido, tradicionalmente, um bem altamente valorizado pelos setores médios da sociedade. A escola, de modo geral, é vista como elemento central de seus projetos, pois acreditam que a escolarização é capaz de propiciar melhores chances de ascensão social.

Num contexto de massificação escolar, as famílias dos setores médios reivindicam para seus filhos o tipo de formação, o estabelecimento de ensino e, às vezes, até mesmo a sala de aula julgados os mais eficazes. Elas vêm intensificando e refinando ainda mais suas estratégias educativas para tirar proveito dos recursos (culturais e econômicos) que possuem em prol da escolaridade dos filhos.

Conforme aponta Nogueira (2010), é Van Zanten (2007) quem melhor especifica o cenário das mudanças mais recentes que produziram uma classe “mais armada – no plano conceitual e estratégico – para fazer frente aos novos riscos sociais [em referência ao mercado de trabalho] e educativos [em referência ao mercado escolar]” (VAN ZANTEN, 2007 apud NOGUEIRA, 2010, p. 220)

Nogueira (1997), ao fazer um exame da relação classes médias e escola na obra de Pierre Bourdieu, constatou que os críticos de suas teses sobre cultura popular reconhecem que as análises do sociólogo francês são mais ricas quanto mais elevada for a posição da classe na estrutura social. Essa parece ser, segundo a autora, a razão pela qual os estudos que têm se ocupado das práticas educativas familiares nos diferentes meios sociais recorrem sistematicamente às teses de Bourdieu quando se trata de analisar a questão no âmbito das classes médias, das camadas cultas das classes médias e das classes dominantes.

Portanto, no que concerne à pesquisa sobre projetos de vida e aspirações profissionais de jovens pertencentes aos setores médios da sociedade concluintes do Ensino Médios em

escolas particulares de Belo Horizonte, foi na obra de Bourdieu que encontramos os instrumentos teóricos adequados para a compreensão das relações que se estabelecem entre as trajetórias e estratégias escolares próprias desses setores da sociedade, e suas condições mais gerais de existência.

Segundo Nogueira (1997), Bourdieu aponta em sua obra que, quanto maior for o peso relativo do capital cultural na estrutura do patrimônio, maior será a propensão em investir no mercado escolar porque é nele – diante da ausência ou da posse limitada de outras espécies de capital – que estará baseado o processo de reprodução desse patrimônio.

O “interesse que um agente”, (ou uma classe de agentes) tem pelos “estudos” (e que é, juntamente com o capital cultural herdado, do qual ele depende parcialmente, um dos fatores mais poderosos do sucesso escolar), depende não somente do seu êxito escolar atual ou pressentido (e de suas chances e sucesso dado seu capital cultural), mas também do grau em que seu êxito social depende de seu êxito escolar (BOURDIEU, 1989, p. 393 apud NOGUEIRA, 1997, p 122).

Nos setores médios da sociedade podemos identificar o que Bourdieu (1974) metaforicamente denomina de “convertidos” e “oblatos”. Segundo o vocabulário eclesiástico, de onde foram tomados emprestados esses termos, convertido é aquele que já adotou uma nova crença que julga verdadeira. No tocante às estratégias escolares ele é produto da instituição escolar. Já o oblato é o leigo que, pela fé e dedicação, é aceito numa ordem religiosa, mas apenas como colaborador. Ou seja, em relação às estratégias escolares o oblato é aquele que deposita na instituição escolar todas as suas expectativas de ascensão social.

Os convertidos pertencem a lares culturalmente bastante favorecidos, ou seja, pertencem a grupos sociais que devem o essencial de seu capital cultural à escola. Esses jovens recebem dos pais um patrimônio de informações sobre o mundo escolar, tais como seus modos de funcionamento, seus valores e suas hierarquias. Com posse desse capital de informações, eles têm melhores condições de fazer uma boa aplicação dos investimentos escolares, ou seja, eles possuem instrumentos para fazer de forma mais eficaz a escolha do estabelecimento de ensino, do ramo de estudos, dos cursos etc.

Os oblatos, por sua vez, caracterizam-se pela posse de um capital escolar mais limitado e mais recente, graças ao qual desfrutam da situação atual de quadros médios, e no qual investem esforços crescentes, pois são obrigados a tudo esperar dos investimentos escolares (BOURDIEU, 1974, p. 15 apud NOGUEIRA, 1997, p. 125). Devido a essa necessidade, os oblatos mantêm uma relação esforçada, séria e tenaz com os saberes escolares.

Além de dever à educação e de esperar dela tudo o que são e que podem ter, esses funcionários e quadros médios (ou mesmo professores primários) oriundos das classes populares [...] tendem, por causa disto, a identificar as hierarquias com diferenças de competência ou, mais simplesmente, títulos escolares (BOURDIEU, 1938, p. 108-109 apud NOGUEIRA, 1997, p. 125)

Nesse último aspecto se aproximam dos convertidos, pois “a ideologia do mérito escolar é particularmente persistente nas frações das classes médias mais ricas em capital cultural” (BOURDIEU, 1987, p. 323 apud NOGUEIRA, 1997, p. 125). Além desse aspecto, a relação que convertidos e oblatos mantêm com as condutas escolares os aproxima, pois praticam um “rigorismo ascético” feito de uma disciplina que está a serviço de um projeto de ascensão.

Considerando a próxima etapa da minha vida que vai ser o processo de uma formação superior na faculdade, acho que o próprio sistema do Colégio Y já te prepara muito bem para um ambiente universitário. O Colégio Y adota a política dos portões abertos, o próprio comportamento dos professores, eu vejo muita semelhança com o que me contam da universidade e, a própria cobrança mesmo, entendeu?! Porque ele cobra além. É uma postura do Colégio Y, uma das peculiaridades do colégio. O que o faz tão temido e famigerado é a questão de cobrar além do que você é preparado em sala de aula, entendeu?! Acho que do ponto de vista da formação é muito importante, não só pra universidade, mas pra sua vida também, pro futuro profissional (Gustavo, 17 anos, Colégio Y).

Acho que sim. A escola é um lugar competitivo. Ela te mostra até pelo meio das provas que só quem é o melhor que passa. E o próprio sistema de vestibular do Brasil é assim, só o melhor é que passa. Quem se destacou ali que vai ser escolhido. O outro? O outro se vira. Então, eu acho que a escola te ensina a se valorizar, a ver que você tem que ser melhor do que os outros. Ela te proporciona que você aprenda desde já que o mundo é assim (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Na vida não vai ter um cara te cobrando. Se você fizer errado eles vão te demitir. Cê tem que arcar com as consequências também. Aqui, vamos supor, se você matar aula, se você perder aula, você vai mal nas provas, entendeu?! Aí você aprende com você mesmo, entendeu?! Você vai se por no seu limite, em vez do Colégio ficar impondo as coisas. Isso eu acho muito, muito bom! (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Aqui o aluno pode matar aula, mas ele sabe que a prova vai ser difícil, vai ter que estudar. Isso prepara também pro futuro (Frederico, 18 anos, Colégio Y).

Eu sou bem esforçada. Eu não sou tão inteligente quanto o pessoal que tem na minha sala, mas eu me esforço bastante, aquela coisa bem disciplinada. Eu não saio da minha rotina. Eu saio com os meus amigos, mas tudo dentro daquilo que tá planejado para a semana (Bárbara, 17 anos, Colégio Z).

Quando eu entrei aqui no Colégio Z eu era muito perfeccionista e queria sempre tirar as melhores notas e fazer tudo direito e bonito e certo. E tudo isso me fazia sofrer muito. Então, quando eu entrei no Colégio Z eu senti um ritmo mais puxado. E isso me desestabilizou porque eu era aquela menina que sempre tirava notas muito boas e quando eu cheguei aqui não foi assim. Tive que lidar com meus próprios fracassos mesmo e perceber que isso não é o fim do mundo (Sophia, 17 anos, Colégio Z).

A maioria dos professores conversam com a gente sobre mercado de trabalho, mas eu acho que o importante é que eles tão formando a gente pra sermos os melhores. Então, [...] a gente tem que se esforçar, que eles dão tudo que a gente precisa. Todo mundo aqui no Colégio tem condição de estudar e de fazer o que quiser em relação à profissão e tal. Se tiver vontade mesmo, todo mundo aqui dá conta (Alice, 17 anos, Colégio Y).

As escolas dos alunos investigados são consideradas tradicionais em termos acadêmicos e com bons índices de aprovação no vestibular, o que indica uma provável estratégia familiar de “refinamento” do investimento escolar priorizando condições vantajosas de preparação para o ingresso na universidade. Nelas, o capital cultural das famílias joga um papel decisivo, em particular o volume e a estrutura do que Brandão (2003) denomina de capital informacional, que expressa as possibilidades desiguais para acessar informações sobre o funcionamento do sistema de ensino e, conseqüentemente, as chances de rentabilizar os investimentos na escolarização dos filhos (NOGUEIRA, 1998).

Eu acho que minha família espera que a escola seja puxada comigo, que não facilite, que não dê muito aquelas coisas tipo trabalho. Eu acho que eles esperam que a escola seja difícil pra que eu me destaque em relação às outras escolas, espera que a minha escola seja melhor (Laís, 17 anos, Colégio X).

Acho que eles esperam que eu tenha uma educação de excelência pra eu ter uma base boa, até porque eu vim pra BH justamente pra estudar no Colégio Z. Então, eu acho que eles esperam muito da escola. Eles confiam, eles gostam muito daqui. Eu acho que eles são bem confiantes que a escola vai ajudar não só passar no vestibular, mas ajudar no ensino superior porque se eu tiver uma base boa vai ser mais tranquilo pra mim (Letícia, 17 anos, Colégio Z).

Às vezes eu não sei direito o que eles [pais] pensam sobre o Colégio Z. Acho que eles tão me formando bem aqui. Acho também que como o Colégio Z tem essa cultura de sempre tirar notas boas, muitas vezes eles pensam que o Colégio Z forma pequenos monstros. Vamos dizer assim, pessoas que pensam que são melhores. Acontece. Eles até acham que eu sou melhor que todo mundo (Thiago L. 17 anos, Colégio Z).

Tem nome, né, o Colégio X. “Ah, sempre passa no Enem”, não sei que. Eu acho que minha família espera mais só que eu consiga passar no vestibular. Que eu consiga fazer o que eu queira mesmo. Acho que é isso que eles esperam da escola. Não muito mais do que isso não (Yanê, Colégio X).

No entanto, a fala de Thiago Villas nos deixou transparecer o medo por parte de seus pais de uma possível influência perniciosa no comportamento ou impacto negativo no desempenho acadêmico do filho, de colegas de origem social mais baixa. Assim, por julgarem que há “riscos” ao juntarem seu filho com “o outro” ou com aqueles que “não são como eles”, os pais do jovem acreditam que o Colégio Y está “decadente”, pois apresenta um ambiente escolar julgado insatisfatório. Essa preocupação com o desenvolvimento do capital social do

filho revela que famílias provenientes dos meios favorecidos procuram escolas que melhor correspondam aos valores e visões de mundo que professam.

Eles esperam que eu tenha uma boa formação. Eles sabem que é um Colégio muito bom, mas eles acham que o Colégio tá decadente, mas eu não acho. Mas é uma visão meio preconceituosa deles. Eles acham que o Colégio tá misturando muito, que perdeu o critério de seleção deles, entendeu?! Que tá vindo qualquer pessoa pra cá e que isso atrapalha. O que eu não concordo em nada (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

No que tange à diversificação dos investimentos, o elemento novo e mais importante, segundo Nogueira (2010), parece ser o crescente apelo a estratégias de internacionalização da formação e da carreira escolar. Embora o ensino superior continue sendo o nível mais internacionalizado, detectam-se atualmente estratégias muito precoces de internacionalização. Esta parece ser a resposta das famílias dos setores médios às exigências postas pelo movimento de globalização das diferentes esferas da vida social (econômica, política, cultural), no sentido da formação de indivíduos dotados de certas disposições e de um capital de competências internacionais, dentre as quais as habilidades linguísticas.

O interesse da classe média branca pela diferença e pela alteridade pode assim também ser entendida como um projeto de capital cultural através do qual essas famílias de classe média procuram demonstrar suas credenciais liberais e assegurar sua posição de classe [...]. A habilidade de entrar e sair de espaços tidos como do “outro” torna-se parte do processo pelo qual essa fração particular da classe média branca passa a se conhecer como, ao mesmo tempo, privilegiada e dominante (REAY et al, 2007, p.1046-1047 apud NOGUEIRA, 2010, p. 222).

Os intercâmbios são uma prática encontrada pelas famílias dos setores médios para garantir um domínio mais perfeito de uma língua estrangeira e aumentar as chances desses jovens no mercado de trabalho. Cinco desses jovens já participaram de intercâmbios na Inglaterra, França, Bélgica, Canadá e Áustria, sendo que um deles esteve mais de uma vez fora do País e o que fez intercâmbio na Bélgica morou lá por um ano e estudou regularmente numa escola pública. Outros 2 jovens moraram com as famílias no exterior, um no Canadá e EUA e outro na Espanha e também experienciaram vivências escolares nos respectivos países.

Eu fiquei um ano na Bélgica, com uma família voluntária que quis me receber, eu fiquei numa escola pública, fiz o ano letivo normal, como se eu fosse belga mesmo [...] Eu fui sem saber falar francês, lá eu tive que aprender sozinho [...]. Eu fiquei um mês sozinho na Inglaterra também. Foi meu primeiro intercâmbio. Meu irmão tava fazendo intercâmbio na Inglaterra. Aí eu fiquei duas semanas com ele na cidade dele e fiquei um mês em Cambridge fazendo curso de inglês para estrangeiro. Quando eu fiquei na Inglaterra eu conheci muitas pessoas árabes. Tem muito preconceito contra árabe, só que as pessoas lá eram tão normais quanto a gente. Eu não tenho

preconceito nenhum, eles são bem generosos, os que eu conheci. Eu fui no restaurante, que um me convidou, eu tentei comer com a mão igual ele, mas eu não consegui. Mas não tem tanta diferença igual a gente acha que tem (Frederico, 18 anos, Colégio Y).

Lá [na Espanha] você tem que ser fluente no espanhol e no inglês e eu não era nem um pouco. Aí eu fiquei num colégio lá que não era muito bom, mas que deu pra eu entrar. Mas é diferente também, porque o uniforme era camisa polo, calça social, a aula era em período integral, das 9h às 17h. Mas foi bacana conhecer pessoas de um tanto de lugar. Meu colégio era um colégio para espanhol mesmo. Não era uma colégio de intercambista (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Eu fui para os EUA, eu fiquei três meses. Eu tava no 1º ano. Fiz cursinho de inglês lá. E depois eu fiz intercâmbio na Áustria, fiquei seis meses. Eu fiquei numa cidadezinha de dois mil habitantes com uma cultura absolutamente diferente. A sociedade lá é bem conservadora e tudo, mas eles dão um valor muito grande ao conhecimento. Isso é uma coisa que a gente não dá (Roberta, 17 anos, Colégio Z).

Portanto, a existência de períodos de residência no exterior, viagens, domínio e utilização de outros idiomas revela ser um recurso simbólico, um componente do capital cultural e social das famílias dos setores médios.

Alice e Pedro apontaram a contribuição da escola para a formação deles enquanto sujeitos dotados de uma preocupação e respeito com o “outro”, ou seja, sujeitos com sensibilidade social. Alice incorpora em seu projeto de vida ações solidárias, de agir junto aos menos favorecidos e Pedro afirma que a escola o ajudou a desenvolver atitudes de alteridade.

Ah, com certeza! A escola me ajudou não só com estudo, mas acho que social também. De cidadania, de ajudar o outro. Eu tenho vontade de ajudar alguma ONG, uma creche de criança carente. Acho que a escola prepara muito nisso também (Alice, 17 anos, Colégio Y).

Eu amadureci muito aqui dentro. Aprendi me relacionar muito bem com as pessoas e com as diferenças, com gente com opiniões diferentes, jeitos diferentes. Fora os aspectos do Colégio mesmo, que é o ensino, que é muito bom. Eu aprendi muito coisa. Mas essa questão das relações sociais eu ganhei muito aqui (Pedro, 17 anos, Colégio Y).

3.1.1 Educação garante empregabilidade?

A palavra “empregabilidade” ocupa posição de destaque na academia, no mundo empresarial e nas discussões sobre políticas públicas, no Brasil e em outros países. Convém destacar, entretanto, que seu surgimento é relativamente recente. Reflete o agravamento da crise pela qual passa o mercado de trabalho em todo o mundo, em função da diminuição do número de empregos formais e do aumento dos níveis de desemprego e de trabalho informal (HELAL; ROCHA, 2011)

Na verdade, a preocupação com a empregabilidade resulta das novas exigências feitas aos trabalhadores, por parte das organizações, sob a égide do novo modo de acumulação capitalista, conhecido como pós-fordismo ou modo de acumulação flexível. As organizações passaram por um processo de reestruturação no qual várias ocupações foram destruídas e outras surgiram. O emprego industrial foi reduzido em função da alta inserção de tecnologia, enquanto o setor de serviços se expandiu. O mercado de trabalho se flexibilizou e as relações de trabalho se tornaram mais precárias – verificando-se o aumento da ocupação por conta própria e da informalidade, em geral.

Segundo Pochmann (1998), os jovens, tradicionalmente, ingressam no mercado de trabalho de maneira diferenciada, distinção que está relacionada ao segmento social ao qual pertencem. Desse modo, os jovens pobres comumente entram no mercado de trabalho antes dos 16 anos, sem completar o período escolar obrigatório, e são admitidos nos segmentos pouco qualificados. Os jovens pertencentes aos segmentos médios normalmente concluem o período escolar obrigatório ou o ensino profissionalizante, ingressam antes dos 20 anos de idade nos postos intermediários da grande indústria e dos serviços, bem como no setor público. Os jovens das camadas sociais com maior poder econômico buscam permanecer mais tempo na inatividade, geralmente cumprem o ensino superior e entram no mercado de trabalho após os 20 anos de idade, ocupando postos hierárquicos mais elevados nas principais atividades dos setores público e privado.

Pochmann (2000) apresenta quatro segmentos de mercado que auxiliam na análise sobre o movimento, tanto dos diferentes padrões de inserção profissional dos jovens quanto da própria heterogeneidade do mercado de trabalho. São eles: segmento profissional, segmento interno, segmento externo e segmento não organizado.

No segmento não organizado predomina a ocupação por jovens que não concluíram o ensino obrigatório. As condições de trabalho são extremamente precárias, como a inexistência de direitos trabalhistas, contratos de trabalho muitas vezes em condições ilegais, pouca interferência do setor público, entre outros. Esse tipo de ocupação é apontado como característico das economias capitalistas periféricas.

O segmento de mercado de trabalho externo se caracteriza pela concorrência entre trabalhadores de diferentes faixas etárias, sofrendo pouca regulação. A exigência de qualificação geralmente é baixa, a demanda de força de trabalho é formada por empresas de menor porte e elevada instabilidade contratual. Os sindicatos têm dificuldade de penetração, haja vista a dispersão geográfica das unidades produtivas. Existem várias maneiras de uso e remuneração dos trabalhadores, tipos diversos de contratação, e não há estímulo à capacitação

profissional nem perspectiva de progressão funcional. Com frequência, o jovem ingressa nesse segmento imediatamente após a finalização do ensino obrigatório, ou, até mesmo, antes disso.

O segmento de mercado de trabalho interno corresponde às grandes empresas, nas quais o ingresso tende a ocorrer por intermédio de critérios definidos pelo próprio empregador ou pelos sindicatos, quando a atuação é mais forte. Há possibilidades concretas de ascensão funcional, por meio de programas de carreira profissional que estimulam a aquisição de formação especializada e o tempo de serviço na empresa. A elevação salarial se estabelece pela passagem por várias posições ocupacionais durante a vida ativa do jovem. É comum ele apresentar escolaridade básica e intermediária, o que pode significar o ingresso no mercado de trabalho, geralmente, depois dos 15 anos. O contrato do jovem, via de regra, justifica-se pela necessidade de renovação de qualificação dos empregados e adequação da estrutura etária dos trabalhadores de uma grande empresa.

No segmento de mercado profissional, onde podemos visualizar os jovens que entrevistamos, a inserção tende a ocorrer mais tarde, após a conclusão do curso superior. O jovem possui maior mobilidade interempresa e intrasetor da atividade econômica. O diploma de conclusão do curso superior é visto como fator indispensável a ser utilizado na trajetória ocupacional de longo prazo. A fase de inatividade do jovem é relativamente longa, já que seu ingresso no mercado de trabalho é após os 20 anos de idade e em postos de trabalho qualificados.

O pessoal vai estudar, vai chegar à faculdade, vai fazer um curso superior. Alguns estágios mais pro final do curso. Vai formar, fazer uma especialização e vai trabalhar concomitantemente com a especialização (Juliana, 17 anos, Colégio X).

Na escola eles não falam muito de trabalho e emprego. Eles focam no vestibular. Cê entra na escola pensando no vestibular porque é isso que vai te levar depois da faculdade pra trabalho e emprego (Laís, 17 anos, Colégio X).

Eu acho que mais é esperar mesmo. Acho que agora não tem muito o que eu possa fazer. Eu acho que se for preparar agora, é só preparar a minha competência mesmo, é?! Ser dedicada à minha formação acho que é a única coisa que eu posso fazer (Letícia, 17 anos, Colégio Z).

Permanecer na escola parece significar aos jovens uma estratégia para enfrentar a competitividade no mercado de trabalho, seja por acreditarem que estão se capacitando para o atendimento às demandas do setor produtivo, seja por estarem interessados na aquisição de um diploma que os coloque num patamar diferenciado em relação a uma relevante parcela que não consegue, sequer, obter a escolaridade mínima. Segundo Pochmann,

a escola parece se transformar, algumas vezes, em uma espécie de refúgio temporário do jovem diante do quadro de generalizada escassez de emprego, [...] uma estratégia oculta de disputa por uma vaga, uma das marcas do novo padrão instável e competitivo de inserção ocupacional (POCHMANN, 1998, p. 42).

Como podemos observar na Tabela 14, a seguir, o estudo foi apontado pela maioria dos jovens entrevistados como o melhor meio que eles têm para se preparar para o mercado de trabalho.

TABELA 11 – Preparação para o mercado de trabalho - 2012

Como o jovem se prepara para o trabalho	Frequência¹⁵
Estudo	12
Estágio	4
Contatos	3
Buscando informações	3
Trabalhar nas férias	2
Fazer Orientação Vocacional	1
Curso técnico	1

Fonte: Dados da pesquisa

Esses dados confirmam, portanto, a tendência à valorização do prolongamento dos estudos como estratégia para enfrentar a competitividade no mercado de trabalho. Eles acreditam que através da formação acadêmica, da busca incessante pelo conhecimento conseguirão assegurar seu valor no mercado, ou seja, criarão meios para a automanutenção em um estado de empregabilidade. Ou seja, para a maioria dos jovens entrevistados o indivíduo deve se ocupar em trabalhar seu capital humano, suas competências e habilidades pessoais para conseguir pleitear uma fatia do mercado de trabalho.

Entretanto, Menezes-Filho & Picchetti (2000; 2002) indicam que a duração no desemprego tende a ser maior para os indivíduos mais educados, uma vez que há entre eles maior expectativa de acesso a ocupações mais interessantes que gerem uma maior satisfação e

¹⁵ Os números indicam a frequência com que cada resposta foi encontrada nas entrevistas. O mesmo entrevistado menciona mais de uma resposta.

prestígio no decorrer da vida e de maiores salários. Um maior salário é esperado por esses indivíduos, pois o investimento em educação envolve custos e estes são efetuados na expectativa de obtenção de maiores retornos no futuro de forma a recuperar este custo. Cabe ressaltar, ainda, que são os mais instruídos que detêm condições econômicas de ficar no estado de desemprego buscando auferir maiores níveis de renda.

Por outro lado, Sanchis (1997), ao estudar a População Economicamente Ativa (PEA) na Espanha, defende a ideia de que não é o sistema educativo o responsável pelas dificuldades de inserção dos jovens no mercado de trabalho, mas o próprio funcionamento do sistema produtivo. O argumento utilizado pelos meios de comunicação, em geral, é que a escola não estaria devidamente qualificando para o mercado e que, portanto, esses jovens teriam dificuldades em lidar com tecnologias avançadas, fundamentais para o novo trabalho. Na verdade, pesquisas demonstram que existe pouca relação entre a taxa geral de desemprego e o nível médio de educação da população. O autor legitima suas observações citando a seguinte constatação de Errando: “o tipo e o lugar de trabalho dos jovens vêm determinado em boa medida pela posição social e ocupacional dos pais” (ERRANDO apud SANCHIS, 1997, p. 120).

Para Sanchis (1997), atualmente o que tem predominado na Espanha, em relação às vias universais de acesso ao emprego são as formas particularistas, definidas pela posição social e a relação familiar e pessoal do candidato ao emprego. Essa tendência vem sendo fortemente reforçada pela crise econômica. Nesse sentido, quanto melhor é o trabalho em termos de salário, garantias contratuais e estabilidade, maior é a interferência da família.

A realidade brasileira é marcada, segundo Freitas (1997), por um forte traço de personalismo. Para o autor, a sociedade brasileira é baseada em relações pessoais. Nesse sentido, não se pode imaginar que o acesso ao emprego no Brasil ocorra de modo impessoal e meritocrático, valorizando principalmente as variáveis ligadas ao esforço próprio individual, nomeadamente, investimentos em capital humano (educação). Recentes estudos têm fundamentado esse entendimento de que a empregabilidade deve ser vista como algo que depende não apenas do esforço individual, mas também de fatores presentes no contexto social. Por exemplo, Helal, Neves & Fernandes (2007) analisam as alterações dos efeitos do capital cultural, do capital social e do capital humano na empregabilidade gerencial no Brasil. Os resultados do estudo desses autores indicam o quanto a associação entre esses três tipos de capital determina as chances de se obter um cargo gerencial no país. Apesar de os resultados de pesquisa indicarem que no país o acesso a empregos formais tem sido também determinado pelo contexto social no qual o indivíduo se insere, o entendimento acerca do

tema que mais tem sido difundido é o individual. A mídia de negócios (e a geral também) vem insistindo na ideia da necessidade de o indivíduo se atualizar e ser competente para garantir melhor inserção no mercado de trabalho.

“Ter contatos” foi uma categoria que permeou muitos tópicos abordados pelos entrevistados. Os contatos emergem como facilitadores para a inserção e a permanência no mercado de trabalho. Os contatos são vistos como aqueles que podem fazer indicações para melhores oportunidades de emprego ou de estágio, podendo trazer algum benefício futuro. Assim, parecem ser instrumentos que fazem parte do manancial das formas possíveis que se tem para a entrada no mercado de trabalho.

Pra você conseguir um trabalho muito bom cê tem que conhecer gente que trabalha com isso pra você conseguir ingressar com um certo privilégio (Nathália, 17 anos, Colégio Z).

Se eu tiver amigos que trabalham nessa área ou que conheçam pessoas que trabalham nessa área, eles podem me ajudar, me indicar. Com certeza (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Conhecer alguém que possa me ajudar a fazer um estágio. É mais por estágios também. Fazendo estágio você conhece outras pessoas (Frederico, 17 anos, Colégio Y).

Eu acho que tem que fazer especializações, estudar muito e tentar arrumar contatos, entendeu?! Conhecer pessoas. Aí, quanto mais gente você conhece melhor pra você, entendeu?! (Giziet, 16 anos, Colégio Y).

Cê tem que correr atrás de contato. Querendo ou não o mercado de trabalho hoje tá saturado, cê tem que ter contato (Sophia, 17 anos, Colégio Z).

Nos trechos citados em seguida é interessante perceber que alguns membros da família aparecem como possíveis facilitadores e intermediadores da inserção futura no mercado de trabalho.

Talvez não conseguir um emprego, mas, às vezes, conseguir um estágio. Tipo, minha mãe é médica, minha tia também, às vezes conhece uma pessoa que sabe que tem um hospital precisando de um estagiário naquela área, aí pode indicar seu nome. Eu acho que vai ajudar (Laís, 17 anos, Colégio X).

Meu pai tá no ramo, meu primo também tá fazendo a mesma coisa. Meu pai conhece as pessoas que trabalham no mesmo ramo que ele, talvez ele me indicaria (Thiago L. 17 anos, Colégio Z).

O meu pai pelas pessoas que ele conhece já no ramo da Engenharia pode me recomendar, igual ele recomendava meu irmão quando ele tava começando em Engenharia, para estágios. Amigos também. Como eu tenho muitos amigos que vão fazer Engenharia Civil é bom ter um ciclo de amizade porque abre portas (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Não são recentes os estudos que abordam a importância das redes de relações pessoais na obtenção e qualidade dos empregos (SILVA, 2004, 2005). Sobre tudo entre os franceses, muitos trabalhos têm destacado a necessidade de investigar a situação profissional dos jovens, tendo como ponto de partida suas redes de relações pessoais. Ainda que não desconsiderem o valor das credenciais educativas como um critério relevante, os autores (MARRY, 1983; DEGENNE et al, 1991; EPIPHANE; MARTINELLI, 1997) salientam que outros elementos devem compor as análises (SILVA, 2010, p. 251).

Conforme Silva (2010), esses pesquisadores partem de dois conceitos fundamentais: as redes sociais de ligações fracas e as redes sociais de ligações fortes. Ambos os conceitos dizem respeito às redes de inserção profissional ou redes de busca e de acesso ao primeiro emprego. Estas são definidas “como um conjunto de meios sociais: pessoas, instituições, grupos [...] que os jovens têm a possibilidade de mobilizar para procurar e encontrar um emprego” (MARRY, 1983, p. 4 apud SILVA, 2010, p. 251).

As redes sociais de ligações fracas são consideradas mais eficazes justamente porque, ao se caracterizarem por ligações mais frouxas, em que circulam grande número de contatos, permitem intenso fluxo de informações que, por sua vez, podem levar a muitas possibilidades de contratos promissores de trabalho. Esse tipo de rede é próprio dos segmentos sociais com maior poder aquisitivo. Já as redes sociais de ligações fortes, comuns nas camadas populares, são consideradas menos eficientes porque se caracterizam por ligações mais estreitas e fechadas, o que reduz as possibilidades de contatos e, conseqüentemente, não permitem a circulação intensa de informações, não sendo de admirar, portanto, que resultem em empregos precários (SILVA, 2010, p. 251).

Para os autores franceses citados, esses aspectos podem servir para relativizar as correlações que comumente se estabelecem entre formação e emprego, ou seja, se o tipo de diploma tem interferência na qualidade do emprego, também é verdade que essa qualidade está sujeita às formas pelas quais o emprego foi conseguido; o que guarda relação direta com o segmento social a que o jovem pertence. Segundo Silva (2010), é possível dizer que a origem social, mediada pelas redes de busca de acesso aos empregos, determina, em grande medida, as formas de inserção profissional dos jovens com escolarização homogênea.

3.2 A preparação escolar para o mundo do trabalho

O vestibular, na ótica para as escolas dos alunos investigados, se apresenta como uma “mão invisível” que determina o cotidiano escolar, ou seja, ele é o grande paradigma de organização do ensino. Devido à ênfase que se dá aos processos seletivos para as grandes

universidades públicas e privadas, a prática pedagógica desses colégios se apresenta essencialmente conteudistas.

Quando indagados se a escola prepara para o futuro, 8 jovens responderam – em tom de crítica e denúncia – que elas só preparam para o vestibular.

Às vezes eu acho que a escola tem uma visão muito assim: “Queremos focar nossos alunos pra passar no vestibular”. E não, assim, um ensino de vida. Pela escola não, mas tem uns professores que preocupam muito com isso, então, tem uns professores que comentam em sala de aula sobre o que a gente acha relevante, sobre o que a gente acha que deve se importar, e não ficam só naquela coisa de conteúdo, de matéria. Mas aí eu acho que não seja influência da escola, mas sim da personalidade do professor (Letícia, 17 anos, Colégio Z).

Pra ser bem sincera, só pra passar no vestibular. Tipo assim, isso é horrível de falar, mas pra mim é isso. [...] E a vida no meio disso, sabe?! E pra te falar a verdade, o 3º ano em si não influencia em nada a minha decisão, ainda mais porque eu tô o cúmulo da alienação! Eu só estudo e estudo coisas que não têm nada a ver com a minha realidade (Roberta, 17 anos, Colégio Z).

Querendo ou não 3º ano eles fazem essa pressão. É o nome do colégio que tá em jogo, é o seu futuro que tá em jogo assim (Sophia, 17 anos, Colégio Z).

Percebemos, então, que os jovens gostariam de ter uma formação ampla: intelectual, artística e social.

[...] eu acho que o colégio podia focar mais em demonstração de caráter pros alunos, como eles devem ser, o que é mais correto, porque eu acho que aqui eles preocupam muito em fazer a gente aprender a matéria e acaba deixando um pouco de educação de lado. [...] Eu acho que aqui falta um pouco de estímulo à arte, a gente nem tem Educação Física! Deveria ter, nem que fosse opcional, assim (Letícia, 17 anos, Colégio Z).

Eu acho que eles focam muito no vestibular e a gente não tá aqui só pra estudar pro vestibular, eu acho que é mais que isso. Acho que formar mais a pessoa, sabe?! Eu sei que não é um colégio católico, que a gente não é mais criança, mas, por exemplo, o ano passado a gente tinha teatro no Colégio, isso ajudava de certa forma, mesmo a aula não sendo tanto teatro, era mais descontrair, mas isso já ajudava, sabe?! Eu acho que falta um pouco disso no 3º ano. Até as aulas de Filosofia, Sociologia, por exemplo, a gente tem uma por semana. Uma de Filosofia, na outra semana outra de Sociologia. É muito conteúdo mesmo, é muita Química, Matemática e Física. Acho que poderia ter um momento pra descontrair e pensar assim: “Oh, vida!”. Depois volta aos estudos. [...] Acho que aqui é muito legal assim, os professores, o conteúdo é muito bom, muito completo. Acho que é só muita pressão, todo mundo fica louco! Se ele tivesse menos isso seria perfeito (Nathália 17 anos, Colégio Z).

Apesar de a gente ficar muito tempo aqui eu queria que a gente ficasse mais. E esse tempo que ficasse a mais, não dando aula, exercendo outras atividades que fossem de interesse do aluno. Eu acho que eu já até falei aqui, música, teatro, esporte. Mas, eu acho também que tem que ter a cobrança acadêmica forte, igual nas outras atividades tem também que ter cobrança forte. Cê quer fazer teatro? Então, cê mergulha de cabeça, cê vai entrar naquele mundo, cê vai saber o que que é, não é fazer algo superficial. Uma coisa que eu achava legal na outra escola é que, apesar

da parte acadêmica não ser tão forte, oferecia essas outras atividades (Thiago L., 17 anos, Colégio Z).

Entretanto, Laís e Yanê acreditam que o Colégio em que estudam cumpre sua função, que é preparar para o vestibular.

Uai! A escola é um lugar que eu vou pra adquirir conhecimento que será utilizado no vestibular. Então, de certa forma vai sim me ajudar. É o recurso que eu tenho. Eu passo o dia todo lá, a manhã, a tarde, então, eu acho que vai ajudar sim (Laís, 17 anos, Colégio X).

Sabe, eu não acho que ela possa fazer muito mais coisa não. Se ela conseguir fazer com que eles [os alunos] passem no vestibular, que eles possam escolher a carreira que eles quiserem pra ser bem sucedido no futuro e tal, ficar famoso ou ser um bom empregado, dedicar mesmo, eu acho que é isso que a escola tem que fazer (Yanê, 17 anos, Colégio X).

Lucas, Thiago e Gustavo pensam que no início do Ensino Médio já deveriam ter uma grade curricular flexível, ou seja, que eles próprios pudessem organizar seu próprio currículo. Esses depoimentos nos dão pistas de que esses alunos tendem a associar o Ensino Médio quase que exclusivamente ao vestibular.

O sistema hoje, até porque o sistema do vestibular é assim, ele me faz aprender matérias demais, muitas matérias que eu não vou usar no meu curso de faculdade, e que eu acabo aprendendo detalhes muito profundos daquelas matérias que não serão tão úteis mais pra frente, mas que no sistema de seleção das universidades fazem diferença. [...] O sistema que é hoje do Enem e depois o da segunda etapa, também deveria ser mudado porque o Enem dá enfoque de 45 questões em Matemática, e quinze só em História. Então, não tem como o Colégio se adaptar se o Enem é assim. Mas se existisse uma mudança no sistema teria como melhorar. Uma escola ideal seria uma escola que tivesse essa flexibilidade de horários, que eu pudesse pôr as minhas matérias preferências em primeiro plano. Que eu aprendesse as outras, obviamente, mas de forma menos profunda de que eu acabo tendo que aprender (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Eu acho que um colégio ideal seria aquele que a partir do 1º ano científico foca na área que você quer. Porque é muito assim, do nada, na hora que você vê que já tá no 3º ano tendo que escolher uma profissão. Deveria ter uma orientação melhor pra isso (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Eu acho, primeiramente, uma escola que não tenha um ensino tão aprofundado quanto o nosso. Porque eu acho, tudo bem, você tá no Ensino Fundamental obviamente o aluno tem que passar por diversas experiências completas em todas as matérias, afinal nós temos que conhecer pra escolher qual vai ser o nosso aprofundamento. Mas acho que o aprofundamento é muito precoce, entendeu?! Eu não tô falando do Colégio Y, eu estou falando de todas as escolas no Brasil. A gente aprofunda muito e acho que já deveria ocorrer uma separação, uma distinção de interesses mais cedo, entendeu?! Porque a gente vai pros campos especializados só no final do 3º ano, depois do Enem, separa exatas, biológicas e humanas. Acho que isso deveria ocorrer bem antes e, outras atividades também, sei lá (Gustavo, 17 anos, Colégio Y).

Nota-se, portanto, que eles desejam montar a sua grade curricular visando desenvolver a área de conhecimento para a qual farão provas na segunda etapa dos vestibulares nas federais ou pensando em aprimorar a área composta pelas disciplinas em que encontram dificuldades, mas que consideram importantes para o vestibular.

Conforme depoimentos dos jovens, o diálogo com a formação no mundo do trabalho não é feito nas escolas.

Tem algumas palestras, mas eu não vou não. Prefiro matar aula e dormir. Eu tenho preguiça. Teve uma palestra um dia desses que foi muito ruim. Depois dela eu não fui mais não. Na última palestra que teve aí, saí do Colégio, peguei ônibus, tirei título de eleitor, voltei e ainda teve uma aula depois, foi assim, mágico, aproveitei o tempo. A palestra era do IME e eu não tô a fim de fazer Engenharia. Engenharia de Produção é só porque é como se fosse Administração, só que cê ganha mais porque você é engenheiro. Não vou fazer IME não, vou fazer UFMG (Giziet, 16 anos, Colégio Y).

No 3º ano acho que é impossível você fugir disso. O que eu mais escuto atualmente é mercado de trabalho, é a expressão mais recorrente. Nas aulas de Ensino Religioso o professor trabalha orientação vocacional e ele trata de tudo isso ele busca também fazer essa orientação. Mas eu vou ser bem honesto, eu acho essas aulas chatas, desnecessárias, clichê, eu não tenho paciência. Acho que essa pressão toda me irrita, às vezes! Não sinto que ela me ajude muito. Eles seguem uma linha muito padronizada de orientação na qual eu não vejo muita utilidade (Gustavo, 17 anos, Colégio Y).

Fala pouco. Não comenta muito não. Esse ano na aula de religião é só sobre isso, profissões e tal, mas eu acho que não ajuda muito não. O povo não leva muito a sério. Tem que fazer pesquisa, e às vezes, tá tão preocupado com as outras matérias, que o povo finge que entrevistou alguém pra colocar lá de qualquer jeito. E é tudo muito filosófico também, não é uma coisa da sua profissão (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Y).

Claro que a gente tem acesso às notícias, às informações, que dizem que tem muito desemprego, que o mercado é concorrido, mas não é algo muito forte no colégio não. Não se fala muito nisso (Pedro, 17 anos, Colégio Y).

Eles falam da taxa de desemprego no Brasil, no mundo. Falam que cada vez tá ficando mais especializada a mão de obra, que só precisa de pessoas qualificadas, pessoas que tem mestrado, doutorado, pós. Mas nada muito específico (Yanê, 17 anos, Colégio X).

Falam bem superficialmente, mais como se fosse uma realidade distante e na verdade não é (Juliana, 17 anos, Colégio X).

Diante dessas colocações dos jovens e da constatação de que nos colégios em que estudam se fala apenas superficialmente sobre o mundo do trabalho, vale interrogar: como as escolas devem, então, acompanhar as mudanças e as permanências no mercado de trabalho? Um passo importante, talvez, seria discutir na escola a própria realidade de trabalho dos pais e familiares dos alunos. Certamente eles terão muito a informar sobre essa temática. Devem-se colocar em debate na sala de aula as características das novas relações de trabalho, suas

contradições, limites e possibilidades. Além disso, seriam necessárias políticas e programas específicos que contribuíssem para a aproximação entre a escola e o mundo do trabalho.

Por último, devemos destacar que, conscientes de sua condição de privilégio na sociedade e no sistema educacional brasileiro, os jovens entrevistados apontam a equidade na educação como elemento primordial para a melhoria da condição de vida dos jovens.

Eu acho um absurdo o tanto que o professor ganha, eu acho que deveria ganhar mais. Eu acho que se o professor ganhasse mais ia influenciar mais pessoas a serem professores. Eu tenho vários amigos que dizem: “Noh, eu queria ser professor! Mas o que eu vou fazer sendo professor? Eu não vou ganhar nada!” (Yanê, 17 anos, Colégio X).

Pra mim o ideal é que todas as escolas fossem públicas para todas as pessoas começarem com a mesma chance porque eu acho muita injustiça a pessoa começar já na frente. Acho que todas as escolas e faculdades deveriam ser públicas pelo tanto de imposto que a gente paga dava pra fazer isso (Thiago Villas, 17 anos, Colégio Z).

Acho que reforçar a educação. A gente tá aqui num ótimo colégio, num meio de privilegiados, mas muito jovem não tem essa condição, né?! Então, eu acho que um maciço investimento em educação acho que iria ser um ótimo passo (Pedro, 17 anos, Colégio Y).

Ah, sem dúvida a educação. Não tem o que discutir não. Se você educa, o resto mexe sozinho. Cê ativa a engrenagem. Se você ensina as pessoas, você não precisa fazer o resto. Se você ensina, elas vão por si mesmas. Não há nada melhor do que você educar a pessoa (Thiago L. Colégio Z).

A escola pública hoje deveria ter, no mínimo, o dobro de verba que ela recebe, ter profissionais de qualidade, ter professores de qualidade, contratar professores, ter infraestrutura na escola. [...] E, obviamente, além da educação, melhorar a condição social do estudante, a condição social da família do estudante, pra que ele possa ter um perfil social que proporcione a ele ter uma vida tranquila pra poder estudar, porque tem pessoa que ela quer estudar, mas ela tem que cuidar da família, ela tem que ter um emprego e aí fica difícil conciliar. Então, que ele tenha oportunidade de ter uma educação de qualidade e que ele tenha uma família que suporte, que dê suporte a ele (Lucas, 17 anos, Colégio X).

Chama a atenção, de imediato, uma interessante contradição percebida nos depoimentos de vários jovens: se de um lado a democratização do acesso à escolarização fez crescer a competição, obrigando esses jovens a conquistar novas credenciais de diferenciação, pois se sentem ameaçados, por outro, é significativa a concentração de depoimentos que, ao colocar o baixo nível educacional como um dos maiores problemas do jovem brasileiro, defendem maiores investimentos governamentais na educação pública.

A educação é vista pelos entrevistados como um recurso a ser explorado pelo poder público tendo em vista dotar os setores mais pobres da população de condições para competir por um lugar melhor na estrutura social, entretanto, sem envolver uma ativa redistribuição de renda e riqueza. A prioridade conferida à educação expressa sua crença amplamente de que a

escola cria oportunidades de mobilidade social. Em suma, os jovens dos setores médios apostam na possibilidade de melhoria para os pobres sem custos diretos para seu grupo social.

Por isso, é interessante observar também que há um consenso quase absoluto entre os setores médios acerca da inconveniência de políticas afirmativas. Assim, apesar de concordarem que existe preconceito racial no Brasil, observa-se sua rejeição, quase unânime, à introdução de sistemas de cotas. No discurso aberto dos setores médios, a preferência por iniciativas universalistas se soma à condenação explícita de medidas de ação afirmativa.

[...] o governo colocou esse tanto de cota, quem estuda em escola pública ganha dez por cento, quem é negro e estuda em escola pública ganha mais cinco. Ah, primeiro porque eu acho que a de negro aí é que é racismo mesmo, porque só porque ele é negro ele ganha alguma coisa? Tem o bullying, não sei o que, mas eu acho que é mostrar que ele é diferente mesmo (Yanê, 17 anos, Colégio X).

Aparentemente, as indicações são no sentido de que os setores médios não se sentem responsáveis pelo problema da desigualdade. Ao transferir a responsabilidade ao Estado, eles se eximem de uma responsabilidade coletiva.

Sabemos que, embora os grupos desprivilegiados sejam objeto de muita atenção nas ciências sociais brasileiras, tem sido negligenciada a análise de como os setores médios e a elite percebem a pobreza e a desigualdade. A questão da visão desses segmentos sociais não pode ser subestimada, pois seu papel na formulação e implementação de políticas sociais é inquestionável. Reconhecer que os setores médios e as elites ocupam posições estratégicas em processos decisórios não implica a defesa deles.

O comportamento dos setores médios é, em grande parte, reativo às pressões e ações vindas de baixo. Como quer que seja, a maneira como esse segmento reage, suas ações e inações são aspectos centrais quando se quer entender a dinâmica das desigualdades e/ou identificar maneiras de combater a pobreza e reduzir as desigualdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que um ponto de chegada, estas considerações finais são uma parada importante para avaliar o caminho percorrido, reorganizar os conhecimentos adquiridos nos caminhos e descaminhos da pesquisa e nos preparar para novas buscas pelo saber.

Na verdade, cremos que ficaram mais perguntas que respostas. Mas, certamente, chegamos até aqui repletas de aprendizados sobre o que foi feito, o que poderia ter sido feito e sobre o que ainda se pode fazer. Nossa pesquisa de campo foi um intenso aprendizado, desde a coleta e codificação das informações até a construção teórica e empírica das categorias para analisar os dados. Se o problema do conhecimento se coloca em termos de obstáculos, como diz Bachelard (1996), podemos concluir que a proposta do trajeto que traçamos foi, sem dúvida, ambiciosa: investigar como os jovens dos setores médios da sociedade, estudantes do Ensino Médio de escolas privadas de Belo Horizonte, antecipam, projetam e enfrentam (ainda na escola) seu futuro profissional. Digo ambiciosa porque o presente estudo enfrentou as dificuldades inerentes a uma temática pouco desenvolvida no meio acadêmico e porque priorizamos dar a palavra aos informantes, no caso, os jovens estudantes dos setores médios, raramente chamados a manifestar suas apropriações dos processos sociais em que estão envolvidos.

Inspiradas nos estudos de Pierre Bourdieu, nossa pretensão foi compreender como são forjados os projetos de vida e as aspirações profissionais desses jovens pertencentes ao setores médios em um contexto significativo de demanda por escolaridade e formação, ao mesmo tempo em que se percebe nítida diminuição da possibilidade de absorção de mão de obra pelo mercado de trabalho. Buscamos saber em que medida a condição socioeconômica e cultural mais favorecida contribui para a construção de significados e projetos próprios relativos ao mercado de trabalho e, se o faz, em que direção ou direções. Analisamos ainda o lugar que a escola tem ocupado nesses projetos, tanto como possível recurso para a concretização dos mesmos, quanto possível *lócus* de sua elaboração/reelaboração. Embora procurássemos focar primordialmente esses dois campos da atividade social – o da educação e o do trabalho –, pudemos também fazer o registro de traços característicos de suas práticas culturais, sociabilidade e lazer, no uso do tempo livre.

Os resultados indicam que predominou entre os jovens investigados a representação tradicional de “ser adulto”. Para eles, a maior habilitação para o mundo adulto é a autonomia financeira. A entrada no mercado de trabalho aparece, então, como uma credencial necessária

para ser responsável e se tornar adulto, uma vez que o trabalho surge como patrocinador dessa experiência.

Ainda que a “representação tradicional” de ser adulto seja predominante entre nossos entrevistados, ela coexiste com a representação de “adulto inacabado”. Para duas jovens, se “assumir responsabilidades” define o *status* de adulto, então, a vida adulta é “uma fase igual a qualquer outra”, pois desde a juventude existe a presença de responsabilidades. Outros quatro jovens afirmam não perceber diferenças significativamente marcantes entre os conflitos vividos pelos jovens e pelos adultos. Elas introduzem, portanto, uma outra variável para a definição do adulto, não centrada no aspecto financeiro, mas na ética.

A maioria desses jovens é tocada pelas necessidades individuais, com sonhos de formar família, casar, ter filhos e estabelecer uma condição profissional que lhes ofereça mais possibilidades financeiras e/ou ascensão social. Portanto, seus projetos são de orientação autocentrada e a trajetória para alcançá-los é francamente individual e meritocrática. Entretanto, sete jovens demonstraram interesse em desenvolver alguma ação social no futuro, ou seja, possuem um projeto mais sociocentrado.

Percebemos ainda que, mesmo se tratando de um grupo de origem social privilegiada e que não trabalha, os projetos de futuro profissional desses jovens dos setores médios são projetos a curto prazo. Seus planos se referem a ações mais imediatas para questões que estão prestes a surgir em suas vidas: escolher um curso superior e entrar na universidade. Ou seja, eles buscam realizar projetos imediatos. Conforme apontado por Leccardi (2005), esses projetos de curto ou curtíssimo prazo assumem o “presente estendido” como área temporal de referência e são uma resposta ao crescimento da indeterminação do futuro. Guiados pela reversibilidade (PAIS, 2009), esses jovens lidam com o tempo e com seus projetos através da experimentação. Pelo imprevisto, testam suas potencialidades e encontram seus próprios limites a partir das possibilidades que aparecem.

Em relação ao “projeto de inserção” ou “orientação profissional a médio prazo”, nossos entrevistados apresentam pouca ou nenhuma estratégia de ação para tornar seus projetos efetivos. A possibilidade efetiva de inserção profissional só é cogitada após a conclusão do Ensino Superior, ainda que dados de pesquisa mostrem que hoje a formação universitária é condição necessária mas não suficiente e de forma alguma de permanência no mesmo padrão social, assegura melhorias. Diante da necessidade crescente de aquisição de mais e mais competências e títulos para viabilizar o acesso a melhores postos de trabalho, para esses jovens, a formação deve ir mais adiante, deve avançar para a pós-graduação, além

do domínio perfeito de uma ou mais línguas estrangeiras e da obtenção de experiências internacionais.

A escolha preferencial de algumas profissões por esses jovens ocorre no interior de uma perspectiva de manutenção da posição social. Por isso, os pais, muitas vezes, fazem cobranças e pressionam os filhos, pois desejam que as escolhas sejam feitas no interior de um conjunto tradicionalmente prestigioso de profissões. Os jovens dos setores médios fazem, portanto, suas opções no interior de um campo bastante delimitado, com fronteiras claras, que oferecem um leque relativamente pequeno de opções, marcadas pelo prestígio das profissões e pela manutenção de uma posição já garantida pela família no espaço social. Entretanto, notou-se que ainda há pouca participação dos pais na orientação, no esclarecimento e no provimento de dados sobre o mercado de trabalho.

Uma vez delimitado esse campo de pressões, observamos que, dentro dele, parte dos jovens entrevistados revelaram que a formação do seu gosto por um campo de atuação aconteceu através da experiência escolar, pois fizeram a escolha por uma área profissional devido à proximidade que ela possui com as disciplinas escolares com as quais eles têm mais afinidade, ou seja, ocorreu uma escolarização da escolha. Vemos assim que nesse momento a escola é fundamental, pois ao fornecer o contato do jovem com as diferentes áreas de conhecimento permite que eles, por gosto, se identifiquem mais com uma área do que com a outra.

Há ainda jovens que afirmam que, somada à afinidade com determinadas disciplinas escolares, a formação profissional ou ocupação dos pais e parentes foi decisiva para a escolha do curso superior. A percepção da relação que os pais têm com a atividade laboral exerce influência no momento das escolhas profissionais e na maneira como o jovem representa o mundo do trabalho, pois, mesmo que o jovem não saiba com certeza no que quer trabalhar, ele sabe o que não lhe agrada. Portanto, a construção de identificações pessoais e de hábitos comuns em família pode ser determinante no momento da escolha, mesmo que o jovem ou a família não se deem conta disso.

Percebemos, portanto, que apesar das intensas transformações no mercado, permanece o modelo “engessado”: colégio, faculdade, trabalho, com ênfase nas carreiras tradicionais e com forte influência das profissões exercidas pelos pais, ainda que haja significativo número de “dissidentes” acrescido da experiência internacional paralela à escolarização.

Com relação à centralidade do trabalho na vida dos investigados, observamos a predominância da dimensão individual nos sentidos atribuídos ao trabalho. Para eles, o trabalho que faz sentido é aquele que proporciona ao indivíduo prazer, ou seja, fazer o que

gosta; que atende às necessidades materiais e que permite que o indivíduo seja valorizado e reconhecido por meio do trabalho que realiza. Verificamos que os jovens definiram o trabalho como percebem que ele é, ou seja, para a maioria deles o trabalho é um meio para se obter renda e garantir a sobrevivência, o sustento. No entanto, quando indagados sobre o que motiva as pessoas a trabalhar, ou seja, os aspectos positivos do trabalho, as respostas deram ênfase aos aspectos que definem o trabalho como pensam que deveria ser ou como gostariam que fosse, ou seja, relacionadas ao prazer e satisfação de fazer o que gostam e gostar do que fazem. Então, a importância do trabalho para esses jovens ultrapassa a condição de remuneração: ele comporta também uma forte dimensão expressiva. Mais do que o salário, é importante para eles “gostar do trabalho”, “se sentir bem” e “estar num bom ambiente”. Portanto, para nossos entrevistados a remuneração só conferirá sentido ao trabalho se eles estiverem, no futuro, executando uma atividade que lhes dê prazer. A necessidade de fazer o que gostam e gostar do que fazem permeia suas falas em uma mescla na qual trabalho e prazer aparecem como instâncias quase que indissociáveis.

Eles também concedem, predominantemente, à família e aos amigos um lugar de importância acima do trabalho. Esses dados sugerem que esses jovens julgam importante administrar o tempo dedicado ao trabalho para manter uma vida social satisfatória. No entanto, se por um lado a esfera da família é a que mais pesa na balança, em contraposição à do trabalho, os depoimentos revelam que para vários entrevistados não trabalhar é moralmente ruim, ou que “obrigação vem antes de diversão”.

Apesar de os jovens entrevistados acreditarem no dever social de trabalhar e condenarem o ócio, a obrigatoriedade do trabalho, as responsabilidades que o trabalhador é levado a assumir, as exigências, os prazos e cobranças, as relações interpessoais fortemente marcadas por hierarquia e competitividade, a dificuldade de lidar com a alteridade são unanimemente apontados por eles como aspectos negativos do trabalho tal como se configura na contemporaneidade.

Embora o caráter compulsório do trabalho assalariado tenha sido frequentemente evocado como um dos fatores de desgaste, percebemos que essa queixa está mais relacionada às tarefas destituídas de sentido do que à obrigatoriedade em si. Esses jovens demandam de um trabalho que tenha sentido para eles próprios e que lhes deixe tempo para uma vida própria, embora o tempo livre ainda seja entendido por eles com muito preconceito. No entanto, essa postura é um avanço importante na história da classe trabalhadora, uma atitude que exige que o trabalho seja espaço de formação humana.

O trabalho é considerado também na sua dimensão social, ou seja, ele é visto como papel social, como meio de se sentir útil na sociedade, como atividade que dignifica o homem. Esse sentido atribuído ao trabalho aparece em nove depoimentos. Eles atribuem ao trabalho o sentido de ocupação, pois demonstram ter dificuldade em lidar com o tempo livre. Essa construção simbólica do trabalho está atrelada à construção da noção de indivíduos úteis à sociedade. Portanto, os jovens se projetam numa imagem idealizada de sujeito produtivo. O trabalho, na visão deles, é a única forma de ocupação digna do tempo.

O mercado de trabalho atual é percebido pelos entrevistados como um ambiente caracterizado pela alta competitividade e pelas rápidas mudanças que exigem a constante busca por qualificações e especializações, pois para estar dentro da “zona de integração” é necessário, na visão dos entrevistados, ter uma “super hiper qualificação” que envolve, além da conclusão do ensino superior, a realização de MBA’s, pós-graduações, conhecimento de idiomas, experiências internacionais etc. Percebemos, então, uma tendência à valorização do prolongamento dos estudos como estratégia para enfrentar a competitividade no mercado de trabalho. Esses jovens acreditam que através dos estudos, da busca incessante pelo conhecimento, terão melhores condições para assegurar seu valor no mercado, ou seja, criarão meios para a automanutenção em um estado de empregabilidade. Assim, o discurso meritocrático, que transfere a responsabilidade pelo emprego da sociedade e do Estado para o próprio trabalhador, é o comumente adotado pelos jovens investigados. Para poderem concorrer nesse mercado “feroz” é necessário “estar sempre ligado”, ou seja, nunca parar. Pois, apesar de o mercado ser percebido pelos entrevistados como muito competitivo e com poucas vagas de emprego, a noção de que para conseguir ofertas de emprego basta que o profissional seja “bom” aparece de forma recorrente em suas falas. Nessa lógica, o sucesso profissional é percebido como a possibilidade de realização individual mas, principalmente, de reconhecimento. Eles esperam que os talentos e os potenciais que acreditam ter sejam reconhecidos. O retorno financeiro e o crescimento profissional seriam consequências naturais.

A lógica de instabilidade e imprevisibilidade resultante das contínuas reestruturações do trabalho afetou os trabalhadores em seus modos de trabalhar e de ser. As exigências de o trabalhador ser polivalente, altamente qualificado e multiprofissional, vêm carregadas de uma ideologia que procura o engajamento subjetivo cada vez maior dos profissionais. Os critérios de qualificação profissional mencionados pelos jovens investigados ultrapassam as exigências da escolaridade formal, criando uma distância entre escola e o mundo do trabalho.

A noção meritocrática de que tudo depende de cada um individualmente permeou o discurso dos entrevistados o tempo todo. Apesar de perceberem as dificuldades do mercado de trabalho, a crença que os entrevistados demonstraram possuir em si mesmos parece fazer com que tenham quase a certeza de que sempre haverá para eles um lugar no mercado, já que se esforçam para alcançar seus objetivos.

É interessante notar que para eles existem diferenças nítidas entre o mercado dos dias de hoje e o mercado de aproximadamente vinte ou trinta anos atrás, quando seus pais iniciaram a vida profissional. O mercado “de antigamente”, era menos competitivo, exigia menos qualificações e havia a possibilidade de constituir uma carreira. Os entrevistados parecem acreditar que o mercado de trabalho de alguns anos atrás era mais “fácil” do que o dos dias de hoje. Na visão deles, está cada vez mais difícil lidar com as pressões no ambiente de trabalho, uma vez que as empresas perseguem resultados cada vez mais ambiciosos e o aumento de mão de obra disponível tem intensificado a competitividade entre os trabalhadores.

Em relação à questão de gênero, percebemos que, mesmo tendo que enfrentar uma barreira cultural sobre o seu desempenho no mercado de trabalho, as jovens entrevistadas percebem mudanças acontecendo, se permitem o interesse por tais áreas e estão dispostas a se dedicar mais para comprovarem sua capacidade. Elas encaram sua ascensão profissional como um desafio a ser vencido e é através da competição com “os meninos” que elas pretendem vencer pela competência.

As escolas dos alunos investigados são conhecidas por possuírem um alto padrão de excelência do ensino materializado, entre outras coisas, nos resultados do vestibular. Isso indica uma provável estratégia familiar de “refinamento” do investimento escolar priorizando condições vantajosas de preparação para os disputados processos seletivos das boas universidades. Constatamos também que nessas famílias a existência de períodos de residência no exterior, viagens, domínio e utilização de outros idiomas é um recurso simbólico, um componente do capital cultural e social das famílias dos setores médios.

Permanecer na escola parece significar para os jovens a única estratégia viável, no momento, para enfrentar a competitividade no mercado de trabalho, seja por acreditarem que estão se capacitando para o atendimento às demandas do setor produtivo, seja por estarem interessados na aquisição de um diploma que os coloque num patamar diferenciado em relação a uma relevante parcela que não consegue, sequer, obter a escolaridade mínima. Os “contatos” também aparecem na fala dos jovens entrevistados como possíveis facilitadores e intermediadores da inserção futura no mercado de trabalho.

O vestibular de acordo com as escolas dos alunos investigados se apresenta como uma “mão invisível” que determina todo o cotidiano escolar, ou seja, ele é o grande paradigma de organização do ensino. Devido à ênfase que se dá aos processos seletivos para as grandes universidades públicas e privadas, a prática pedagógica desses colégios não contempla em seu rol de prioridades o debate acerca das características das novas relações de trabalho. Em função disso, nota-se que o discurso neoliberal se difunde com facilidade entre os jovens que, por sua vez, reduzem a escolarização apenas a uma credencial que os permitirá lutar por uma vaga nas boas universidades.

Este trabalho, que como toda pesquisa possui limitações tanto teóricas quanto metodológicas, procurou contribuir nesse sentido, para o enriquecimento dos estudos sobre a juventude e assim sobre os processos de subjetivação que emergem no contemporâneo. No entanto, os resultados da pesquisa, antes de se oferecerem como respostas aos questionamentos que impulsionaram a realização da dissertação e a permearam ao longo de todo o desenvolvimento, acabaram por trazer tantas outras dúvidas. O material levantado abriu uma enorme variedade e desdobramentos de assuntos que não puderam ser abordados, mas que se revelam de extrema importância para o estudo da constituição subjetiva dos jovens a partir do trabalho.

Assim, acabou por gerar a necessidade e a vontade de dar prosseguimento à pesquisa ao longo do doutorado, estendendo tanto o referencial teórico-bibliográfico sobre a temática, como também a pesquisa de campo. Particularmente, o trabalho empírico precisa ser ampliado não apenas dentro do contexto socioeconômico ao qual pertencem os jovens pesquisados na dissertação, como também inserir outros pertencentes a contextos diferenciados com a finalidade de obter comparações entre as experiências e as vivências de jovens pertencentes a distintas realidades e segmentos sociais. Busca-se, assim, construir uma análise mais ampla – mesmo sabendo de antemão que ao seu término outras dúvidas surgirão – que possa contribuir para a construção de conhecimento e também para a reflexão sobre os caminhos possíveis para a juventude no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. *Retratos da juventude brasileira*. São Paulo: Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMO, Helena. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: ANPED, número especial n. 5-6, p.25-36, 1997.
- AGUIAR, Andréa Moura de Souza. Quando a melhor escola é internacional: famílias brasileiras em busca de internacionalização “in loco”. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31. 2007, Caxambu.
- ALMEIDA, Rachel de Castro. *O valor do trabalho para a juventude contemporânea na elaboração de projetos de vida*. 2010. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belo Horizonte.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAJOIT, Guy; FRANSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. *Revista Brasileira de Educação*. Edição Especial, maio/jun./jul./ago. 1997.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BORGES, L. O. Os atributos e a medida do significado do trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.13, n.2, p.211-221, 1997.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Translation Richard Nice. Cambridge, UK: University Press, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. (Org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BOUTINET, J. *Antropologia do projeto*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BRANDÃO, C.R. *O ardil da ordem*. Campinas: Papirus, 1983.
- BRANDÃO, Z. et al. *A escolarização das elites: pesquisa sobre o rendimento escolar do mundo natal - Projeto de Pesquisa, SOCED/PUC-Rio, 2000, mimeo.*
- BRANDÃO, Z. et al. *Algumas hipóteses sobre a permanência e a mudança no capital cultural das elites no Brasil*. SOCED/PUC-Rio, 2003, mimeo.

BURNIER, Suzana L. *Os significados do trabalho segundo técnicos de nível médio*. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26. 2003, Poços de Caldas. Novo governo. Novas políticas? Reunião Anual da ANPED, 26. Rio de Janeiro: ANPEd, 2003. v. 1.

CANEVACCI, M. *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Tradução Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede (a era da informação: economia, sociedade e cultura)*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORROCHANO, M.C. *O trabalho e a sua ausência: narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho no município de São Paulo*. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo.

DAYRELL, Juarez. *A juventude e suas escolhas: as relações entre escola e projeto de vida entre jovens do Ensino Médio*. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO, 2. *Habitar a escola e as suas margens: geografia plurais em confronto*. Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Portalegre. 2010, Portugal.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Anped, n. 24, set./out./nov. 2003.

DIAS, Maria Sara L. *Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida de universitários*. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Florianópolis.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. Uma história dos costumes. In: ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994(b)

ESPÍRITO SANTO, Shirlei Rezende Sales. *Juventude ciborgue: transgredindo fronteiras de gênero*. In: ANPED, 32. 2009. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5313--Int.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2011.

FREITAS, Adriene Barreto. *Jovens nômades do tempo presente*. 282 f. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro.

FREITAS, Alexandre B. Traços brasileiros para uma análise organizacional. In: MOTTA, F. P.; CALDAS, M. (Orgs.). *Cultura organizacional e cultura brasileira*. São Paulo: Atlas, 1997.

GARCIA, Dirce Maria Falcone. *Juventude em tempo de incertezas: enfrentando desafios na educação e no trabalho*. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIDDENS, A. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GUERREIRO, M. D.; ABRANTES, P. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, p. 157-175, 2005.

GUIMARÃES, José Ribeiro Soares. *Perfil do trabalho decente no Brasil: um olhar sobre as Unidades da Federação*. Brasília: OIT, 2012. Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br/node/880>>. Acesso em: 01 jul. 2012.

GUIMARÃES, Nádyá Araújo. Trabalho uma categoria chave no imaginário juvenil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martori (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

HAGUETTE, Teresa M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HELAL, Diogo Henrique; NEVES, Jorge Alexandre; FERNANDES, Danielle Cireno. Empregabilidade gerencial no Brasil. *RAC- Revista de Administração Contemporânea Eletrônica*, v.1, n.2, art.1, p.1-19, maio/ago. 2007.

HELAL, Diogo Henrique; ROCHA, Máira. O discurso da empregabilidade: o que pensam a academia e o mundo empresarial. *Cad. EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v.9, n.1, mar. 2011.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. *Cadernos Pagu*, n. 17/18, 2001/02, p. 139-156, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a06.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2012.

INSTITUTO Brasileiro de Pesquisa e Estatística. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. (Estudos e pesquisas, 27). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicadores2010/SIS_2010.pdf>. Acesso em 30 mar. 2011.

KOBER, Claudia Mattos. *Tempo de decidir: produção da escolha profissional entre jovens do Ensino Médio*. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas.

KORMAN DIB, Sandra. *Juventude e projeto profissional: a construção subjetiva do trabalho*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro.

LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Imago: Rio de Janeiro, 1983.

LASEN, A. *Le temps des jeunes: rythmes, durée et virtualités*. Paris: L'Harmattan, 2001.

LECCARDI, Carmen. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. *Tempo e Sociedade*, v.17, n.2, p. 35-57, 2005.

LEITE, Gelson Antônio. *Juventude e socialização: os modos de ser jovem aluno das camadas médias em uma escola privada de Belo Horizonte – MG*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio*. São Paulo: Manole, 2006.

MACHADO, Fernando Luís; COSTA, Antônio F.; ALMEIDA, João F. Estudantes e amigos — trajetórias de classe e redes de sociabilidade. *Análise Social*, v. XXV, p.105-106, 1990.

MAIA, Ana Augusta Ravasco Moreira. *Ninguém pode ficar parado: juventude, trabalho e projetos de vida*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro.

MATTOS, Valéria de Bettio; BIANCHETTI, Lucídio. Educação continuada: solução para o desemprego?. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 117, 2011.

MAUSS, M. *As técnicas corporais, sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

MENEZES FILHO, Naércio A.; PICCHETTI, Paulo. Os determinantes da duração do desemprego em São Paulo. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, v.30, n.1, p.23-47, abr. 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. *Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MINAYO, Maria Cecília (Org.). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MONTEIRO, Renata. *A transição para a vida adulta no contemporâneo: um estudo comparativo com jovens cariocas e quebequenses*. 2011. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro.

MORIN, E.; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L. V. O trabalho e seus sentidos. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 28, 2003, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: ANPAD, 2003. 1 CD-ROM.

MOW International Research Team. *The Meaning of Work*. New York: Academic Press, 1987.

NOGUEIRA, Maria Alice. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. *Revista Brasileira de Educação*, n. 7, p. 42-56, jan./abr. 1998.

NOGUEIRA, Maria Alice. Classes médias e escola: novas perspectivas de análise. *Currículo sem Fronteiras*, v.10, n.1, p.213-231, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol10iss1articles/nogueira.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2012.

NOGUEIRA, Maria Alice. Convertidos e oblatos: um exame da relação classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu. *Educação, Sociedade & Culturas*, n. 7, p.109-129, 1997.

NOGUEIRA, Maria Alice. *Elites econômicas e escolarização*: um estudo de trajetórias e estratégias junto a um grupo de famílias de empresários de Minas Gerais. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2002.

OJALA, Raísa; MARTINS, Carlos B. *Projetos de futuro de jovens universitários no Distrito Federal*: um estudo de caso. 2008. 252 p. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia, Brasília.

OLIVEIRA, S. R.; PICCININI, V. C.; FONTOURA, D. S.; SCHWEIG, C. Buscando o sentido do trabalho. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 28, 2004, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: ANPAD, 2004. 1 CD-ROM.

PAIS, J. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PAIS, J. *Ganchos, tachos e biscates*: jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2001.

PALFREY, John; GASSER, Urs. *Nascidos na era digital*: entendendo a primeira geração dos nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PEREGRINO, Monica. Os estudos sobre jovens na intersecção da escola com o mundo do trabalho. In: SPOSITO, Marília Pontes (Org.). *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira*: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 2. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

POCHMANN, M. *A batalha pelo primeiro emprego*. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

POCHMANN, M. *A inserção ocupacional e o emprego dos jovens*. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho – ABET, 1998.

PRESTA, Sueli; ALMEIDA, Ana Maria F. Fronteiras imaginadas: experiências educativas e construção das disposições quanto ao futuro por jovens dos grupos populares e médios. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 29, n. 103, p. 401-424, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 01 set. 2011.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos*: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROMANELLI, Geraldo. *Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade*. 1986. 343p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, São Paulo.

SANCHIS, E. *Da escola ao desemprego*. Rio de Janeiro: Agir, 1997.

SCHANAPPER, D. *Contra o fim do trabalho: conversa com Phillipe Petit*. Lisboa: Terramar, 1998.

SCHMIDT, Saraí Patrícia. *Ter atitude: escolhas da juventude líquida: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global*. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre.

SCHUDA, Sérgio Ibáñez. *El trabajo visto por los jóvenes chilenos: un análisis delas representaciones sociales de los jóvenes urbano populares*. Montevideo: Cinterfor/OIT, 2005.

SCHUTZ, Alfred. “O mundo da vida” e “Transcendências e realidades múltiplas”. In: WAGNER, Helmut R. (Org.). *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz*. Tradução Ângela Melin. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SENNETT, R. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SENNETT, R. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, M. M. Formas de acesso ao emprego e origem social: o caso dos egressos do ensino superior. In: BIANCHETTI, L.; QUARTIERO, E.M. (Org.). *Educação corporativa: mundo do trabalho e do conhecimento: aproximações*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; São Paulo: Cortez, 2005. p. 161-181.

SILVA, M. M. *Inserção profissional e condição social: trajetórias de jovens graduados no mercado de trabalho*. 2004. 249f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis.

SILVA, M. M. Redes de relações sociais e acesso ao emprego entre os jovens: o discurso da meritocracia em questão. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 110, p. 243-260, jan./mar. 2010.

SOARES, Dulce Helena Penna. *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus, 2002.

SOUSA, Filomena Carvalho. O que é ser adulto: as práticas e representações sociais sobre o que é ser adulto na sociedade portuguesa. *Revista Moçambros: acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa*, São Paulo, a. 1, n. 2, 2007.

SPOSITO, Marília Pontes (Org.). *Estado de conhecimento, juventude e escolarização*. Brasília: INEP, 2000.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre a juventude e a escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni

(Org.). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*. Edição Especial 1: p.38-46, 2007.

VALORE, L. A.; VIARO, R. V. Profissão e sociedade no projeto de vida de adolescentes em Orientação Profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v.8, n.2, p.57-70, 2007.

VARDI, Cecília Helena Gonçalves Ramos. *Sobre a participação da vivência profissional dos pais na construção do projeto profissional dos filhos: um estudo exploratório*. 152p. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo.

VARGAS, Hustana Maria. “Aqui é assim: tem curso de rico pra continuar rico e curso de pobre pra continuar pobre”. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 33, 2010, Caxambu. *Anais....*

VARGAS, Hustana Maria. Sem perder a majestade: “profissões imperiais” no Brasil. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.15, n.28, p.107-124, 2010.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, Gilberto. *Nobres e anjos*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

OBJETIVO GERAL

O objetivo desta pesquisa é investigar como os jovens dos setores médios da sociedade, estudantes do Ensino Médio de escolas privadas, antecipam, projetam e enfrentam (ainda na escola) seu futuro profissional.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Para responder às questões levantadas, definiram-se os seguintes objetivos de pesquisa:

- Investigar os fatores inerentes às relações sociais (sujeitos e instituições, recursos e orientações) que influenciam no processo de constituição dos projetos de vida e das aspirações profissionais de estudantes pertencentes aos setores médios da sociedade na fase de conclusão do Ensino Médio;
- Analisar o lugar que a escola tem ocupado nos projetos dos jovens pertencentes aos setores médios da sociedade, tanto como possível recurso para a concretização dos mesmos quanto como possível lócus para elaboração/reelaboração desses projetos;
- Compreender como as tensões e intenções relativas aos projetos profissionais nesse momento de vida (Ensino Médio) são vivenciadas e percebidas pelos jovens pertencentes aos setores médios da sociedade, em um contexto que apresenta, de um lado, uma elevação das demandas por escolaridade e formação e, de outro, uma redução dos postos mais valorizados e qualificados no mercado de trabalho, em especial para os jovens;
- Identificar as carreiras profissionais mais vislumbradas e as menos desejadas presentes em seu campo de possibilidades, analisando os fatores que contribuem para a valorização ou desvalorização das mesmas;
- Explorar, através da identificação das oportunidades e orientações concedidas, e das escolhas feitas, possíveis diferenças e semelhanças das ambições e estratégias profissionais entre diferentes gêneros e etnias no interior dos setores médios da sociedade;

I – Futuro

- O que você vai fazer quando terminar o Ensino Médio?
- Você gosta mesmo do curso para o qual pretende prestar vestibular? Você sempre quis fazer esse curso? Você já pensou em fazer outro curso? Como foi que você decidiu por ele? Por quê?
- Você já tinha pensado nesse curso na sua infância?
- Que outras possibilidades você pensa? Outros cursos, outras profissões, outras formas de viver?
- E seus pais e sua família, concordam com essa sua escolha ou preferiam outra coisa? O que você acha que seus pais sonham para o seu futuro? Como você vê essa ideia deles?
- E depois que você formar, o que vai fazer?
- Por que você vai fazer isso?
- O que você espera disso?
- Que outras opções você teria sem ser essa?
- Mas se você pudesse escolher qualquer coisa, mas qualquer coisa mesmo, pra fazer no resto da sua vida, o que você ia querer fazer?
- O que seria um futuro ideal para você?
- Como você imagina que vai estar sua vida quando você tiver uns 35, 40 anos?
- Que dificuldades você pensa que vai ter que encarar para conseguir realizar seus projetos?

II- Escola:

- Você acha que a escola te ajuda ou te prepara pra enfrentar essas dificuldades e para chegar onde você quer?

- O que você pensa que a sua família espera da sua escola na sua vida?
- Você recebe ou recebeu alguma dica útil na escola para o futuro? (De professores, de coordenadores, de colegas?)
- O que seria uma escola ideal pra você?
- Como foi que você ingressou nesse Colégio?
- Já estudou em outros? Quais? Por que mudou?
- Já foi reprovado ou teve alguma dificuldade mais séria na escola?
- Sua família gosta desse colégio? Por quê?
- Como avalia a escola?
- Quais são as matérias mais importantes quando você pensa no seu futuro profissional?
- Que tipo de estudante você é? Por quê? Sempre foi assim? Por que mudou?
- Como é seu estudo para o vestibular?
- Faz algum outro curso fora da escola? (língua estrangeira, música, teatro, ginástica, balé, esporte, etc). Com qual objetivo? Quanto tempo gasta com isso? Porque escolheu fazer estes cursos?
- Onde estuda em casa? Compartilha o quarto com alguém?
- Funções da escola (o que a escola deve propiciar a você?).

III – Fora da escola

- Rotina atual: como é um dia típico – um dia útil e um final de semana.
- Grupos: quais; como começou a participar e o porquê, o que acha/o que tem de bom; o que acha que aprendeu lá?
- A família tem orientação religiosa? Qual? O que aprendeu com isso?

- Onde conheceu seus melhores amigos?
- Namora?
- Lazer: como se diverte, onde, com quem, rotina nos finais-de-semana (mais frequentes e mais raros); Você viajou nos últimos cinco anos? Para onde? Por quanto tempo? Com quem? Em que circunstância? (Estudo, lazer, férias, trabalho, congresso...)
- Como é sua vida cultural?
- Internet: onde, como e pra quê acessa?
- Como se desloca pela cidade? Você tem algum tipo de responsabilidade em casa? (Obrigação, tarefa?)

III- Trabalho

- Qual ou quais as maneiras que o jovem tem hoje no Brasil para se preparar para o trabalho?
- Você já pensou ou pensa em fazer algum curso técnico? Por quê? Quais as vantagens ou desvantagens de um curso desses?
- O que você acha que é “ser adulto”?
- O que o trabalho representa para a vida das pessoas? Por que você acha isso? Sua família e seus amigos pensam parecido com você?
- E o que o trabalho é na sua vida?
- O que é mais importante e o que é menos importante que o trabalho?
- Já trabalhou ou ganhou dinheiro em troca de algum serviço alguma vez na vida? Como? O que achou disso?
- Como você enxerga o atual mercado de trabalho?
- O que você acredita que o mercado está cobrando das pessoas?
- Quais os maiores problemas que quem trabalha enfrenta?

- Qual a parte boa e qual a parte ruim do trabalho?
- Quais são as diferenças entre o mercado de trabalho do tempo dos seus pais e o mercado de trabalho do seu tempo?
- O que seus pais dizem a você sobre o trabalho deles? Você gostaria de ter o mesmo trabalho que seus pais ou parentes? Qual trabalho você não faria nunca?
- Como você pretende progredir no mercado de trabalho? Prefere trabalhar muito tempo na mesma empresa ou função ou está disposto(a) a mudar? Como você pretende fazer isso?
- O que considera sucesso profissional? O que é necessário para atingi-lo?
- Você acha que sua família e amigos vão te ajudar a conseguir emprego? Como pode ser isso?
- O que se fala na escola sobre trabalho e emprego? Se fala sobre desemprego? O que dizem? Você concorda com o que dizem? Por quê?

PARA MULHERES:

- Vc acha que ser mulher interfere nas suas chances de ter melhores colocações no mercado de trabalho?
- O fato de ser mulher facilita ou dificulta a escolha de alguma carreira?
- As ambições profissionais de mulheres e homens são diferentes?
- Quais os maiores problemas que você vê que as mulheres enfrentam no trabalho?

V - Visão de sociedade

- Como vê o Brasil hoje?
- Como vê a condição de vida da população brasileira hoje?
- Você quer morar fora do Brasil algum dia? Onde? Por quê?
- Sua visão de mundo é igual ou diferente da de sua família? Por quê?

- Como vê a ciência e a tecnologia no mundo de hoje?
- Quais são as coisas mais importantes na sua vida atualmente?
- Quais são seus medos?
- Se fosse um político, o que faria para melhorar o futuro dos jovens brasileiros?

PERFIL SOCIOGRÁFICO DO ENTREVISTADO:

IDADE:

COM QUEM VIVE:

DA FAMÍLIA:

1. Pais: origem social e geográfica; grau de escolaridade; possuem conhecimento de línguas estrangeiras? Empregos atuais e trajetória profissional; estado civil; renda familiar; número de pessoas sustentadas com a renda familiar.
 2. Demais membros da família: idade, escolaridade, ocupação;
 3. Condição de ocupação do domicílio onde residem; bairro em que a família reside; possui mais de um automóvel?
 4. Lazer mais comum da família.
- Tem empregado(a) doméstico(a) mensalista?

